



atos

do conselho geral

ano LXXXII janeiro-março 2001

Nº 374

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 374 ano LXXXII janeiro-março 2001

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI «REZAI ASSIM: PAI NOSSO...» (Mt 6,9) O Salesiano, homem e mestre de oração para os jovens 3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Gisueppe Nicolussi Para uma empenho renovado na Formação: a revisão da Ratio desejada pelo CG24 54
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor 61 4.2 Crônica do Conselho Geral 65
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Expedição Missionária (130ª) Extraordinária. Mensagem do Santo Padre 87 5.2 Expedição Missionária (130ª) extraordinária. Mensagem do Reitor-Mor 90 5.3 Conclusão mariana do nosso itinerário jubilar. Mensagem do Reitor-Mor 94 5.4 Intervenção do Reitor-Mor no Encontro de História da Obra Salesiana 100 5.5 Novo Bispo Salesiano 103 5.6 Nomeações pontifícias 104 5.7 Nomeação do Diretor do Arquivo Salesiano Central 106 5.8 Irmãos falecidos (2000 – 4º elenco) 107

Tradução: *P. José Antenor Velho*

SALES**IANAS**

Escolas Profissionais Salesianas

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 – São Paulo - SP

Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 279-0329

Fax/Vendas: (11) 279-4084

Telex: (11) 32 431 ESPS BR

E-mail: sdbmooa@salesianos.org.br

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

“REZAI ASSIM: PAI NOSSO...” (Mt 6,9)

O Salesiano, homem e mestre de oração para os jovens

1. TU ÉS A MINHA LUZ... – Revisitar o próprio coração. – Sinceros com Deus e conosco mesmos. – Capazes de escutar. – Apreciar o silêncio. – Descobrir as próprias resistências. – Aproximar-se do Pai com confiança. – Trilhar um caminho de oração. – Dar a palavra a Deus. – Perceber o olhar de Deus no próprio ser. – A experiência de alguns amigos de Deus.

2. A ORAÇÃO DO SALESIANO. – As sementes: Mamãe Margarida. – Dom Bosco homem de oração. – Nos passos de São Francisco de Sales. – A marca oratoriana. – Contemplativo na ação. – Algumas condições: Orientação interior. – Intenção. – Sentir-se instrumento de Deus em favor dos jovens. – Descobrir a presença do Espírito na vida dos jovens.

CONCLUSÃO. A oração dos nossos Santos. – A liturgia da vida. – Iniciação dos jovens à oração. – Maria, ícone da nossa oração.

Um grupo de dioceses da Espanha, na Quaresma de 1999, enviou aos fiéis uma carta sobre a oração cristã hoje, com o título: “Buscarei a tua face, Senhor”¹. Também outros Pastores entrevistaram no mesmo sentido².

Os Bispos faziam notar a desorientação dos cristãos quanto ao sentido da oração (por que rezar? tem sentido, ainda, rezar regularmente?) e quanto às fontes e formas originais da oração cristã. O fato referia-se também à progressiva perda do hábito de rezar, às alterações que estão acontecendo na vida familiar, em que se podem passar dias sem ver um gesto de oração em comum.

¹ cf. Diocese de San Sebastián, Bilbao, Vitória, Pamplona: *La oración cristiana hoy: Tu rostro buscaré, Señor*. Fevereiro de 1999

² cf. por exemplo: *La prière nous ouvre à Dieu et au monde*, in *Le Livre de la foi*, editado pelos Bispos da Bélgica, Bruxelas, 1987; *Our hearts were burning within us*, Conferência Nacional dos Bispos Católicos USA, novembro 1999; *Prayer, Contemplation and Holiness: the Church, Community of Christian Discipleship in its Service to Life*, Documento final da Sexta Assembléia Plenária, Manila, 1995.

Depois, na comunidade cristã, em que, além da participação à Missa dominical, vão caindo em desuso outras práticas com que a comunidade cristã exprimia, no passar do tempo, a sua referência substancial ao Senhor.

Sublinhava-se, ao mesmo tempo, a multiplicação de lugares e oportunidades de oração “self-service”, oferecida por vários grupos religiosos a quem quiser servir-se dela, e à crescente busca desses lugares.

Experimentamo-lo, também nós, do nosso ponto de vista de observação: oferecem-se noites de oração nas igrejas, fazem-se vigílias sentidas, multiplicam-se as casas de oração. Mas não só. Há não mais de quinze dias, ouvia uma emissora evangélica que enumerava em Roma vinte lugares de culto, com seus respectivos horários, para quem quisesse aproveitar. Como fundo, ressoavam palavras dos salmos com música eletrônica e envolvimento dos participantes.

O Jubileu, com suas tocantes reuniões de oração na Praça de São Pedro e as numerosas celebrações, sublinhou também essa dimensão da religiosidade cristã.

Vivemos num mundo globalizado, singular do ponto de vista religioso: humanista e secularizado, quase desequilibrado na afirmação do direito da pessoa à própria opção pessoal em todos os campos e, portanto, um tanto alérgico às mediações impostas, poder-se-ia dizer “selvagemente religioso” no privado. Há quem viva como “agnóstico” (no sentido de não crente). Há também quem pratique uma religião segundo o *snak-bar* ou *McDonald's*, conforme à própria opção e combinação de tempos, lugares e fórmulas. Há quem escolha práticas esotéricas de religião. Às vezes, num compartimento do trem, o único que se vê rezar é um muçulmano. Preparam-se, nos aeroportos, salas para as expressões das várias religiões.

Uma coisa, porém, é evidente: quem quer que entre no espaço de qualquer experiência ou emoção religiosa, descobre e considera a oração como uma de suas principais manifestações. Surge quase inevitavelmente, o pedido do Senhor, sentido como presente, a expressão de louvor e ação de graças, o desejo de companhia e proteção.

Nada de estranho, portanto, que os jovens cristãos, vivendo nessa atmosfera e estando em contato conosco, tendo sentido alguma atração por Jesus Cristo e o Evangelho, e também, acolhido o desafio do sentido último ou já expressado a opção consciente pela presença viva de fé, interroguem-se sobre a oração dos Salesianos. Perguntam-se o quanto sintam-na no coração e, sobretudo, se os Salesianos são capazes de iniciá-los nos caminhos de uma oração que atravesse a vida, gerando convicções e sugerindo experiências, de modo que a oração se torne hábito, gosto, apoio e luz.

1. “TU ÉS A MINHA LUZ...”³

Há, com os jovens, momentos extraordinários de celebrações solenes bem preparadas quanto ao conteúdo, ao simbólico e ao coreográfico. Quanto a nós, porém, dizem-nos as Constituições, depois de propor todos os momentos comunitários: “Conseguiremos formar comunidades que rezam, só se nos tornarmos **pessoalmente homens de oração**. Cada um de nós tem necessidade de exprimir em seu íntimo o modo pessoal de ser filho de Deus, manifestar-lhe a gratidão, confidenciar-lhe os desejos e as preocupações apostólicas”⁴.

Uma coisa, de fato, é recitar algumas orações ou participar de celebrações coletivas, atos certamente úteis e de valor; outra

³ SI 27, 1; cf. SI 61

⁴ C 93

coisa é ser pessoas orantes. Escutamos isso dos próprios jovens e dos comentadores, em relação às manifestações de massa do Confronto e do Jubileu: isso tudo que, sem dúvida, foi uma experiência válida, haverá de durar e fazer estrada na vida? Após o evento extraordinário, chama-se em causa a educação religiosa, o acompanhamento, a interiorização, a comunicação do coração com o Pai, como filhos.

É claro que, se a nossa evangelização propõe apenas explicações, mas não consegue criar uma relação de comunhão com o Pai, é vazia, reduzida quase a uma ideologia. O grande trabalho de Jesus foi tornar o Pai conhecido, em sentido bíblico, e ensinar aos discípulos a dirigir-se a Ele escutando a voz do Espírito, os ensinamentos e as palavras que Ele sugere ao coração⁵.

O evangelho, por isso, é rico de ensinamentos sobre a oração. O evangelista Lucas, no capítulo onze do seu evangelho, recolhe alguns deles: a palavra unificadora “Pai”, a perseverança e a eficácia da oração. E será o Evangelho a explicar-nos a comunicação com o Pai, a presença do Espírito que reza com Cristo, em nós e por nós.

Não é intenção minha falar-vos agora da oração salesiana comunitária. Há uma literatura suficiente⁶ e o esforço de animação, notando-se também nas comunidades um propósito de melhora. Não há dúvidas de que ela exprime bem a vida dos indivíduos e das comunidades, e é também uma escola, além de garantia de riqueza, continuidade, perseverança, experiência eclesial. O Salesiano reza com a comunidade e na comunidade.

Desejo deter-me particularmente no **caminho pessoal** que, com a ajuda das comunidades, leva cada um de nós a ser homem de oração, desejoso e capaz de orientar os jovens para ela, levan-

⁵ cf. Jo 14,26; Jo 16,13; Jo 17,3

⁶ cf. *O projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, Guia à leitura das Constituições Salesianas, Roma 1986, pp. 615-639

do também a níveis de regularidade e fervor aqueles que se demonstram capazes.

Revisitar o próprio coração

A oração do Salesiano, comunicação e diálogo filial com o Senhor, é certamente coerente com a sua vida e adequada à sua existência concreta. Há, porém, a respeito dela, alguns “*lugares comuns*”, não verificados, como, também, condicionamentos reais a superar para chegar a ser homens de oração segundo o modo Salesiano.

Entre os *lugares comuns* há aquele que deseja a ação no centro a vida do Salesiano, nem sempre entendida como ação conscientemente salvífica, mas, às vezes, simplesmente ação humana, com tudo o que isso comporta: movimentação, competência, multiplicidade de âmbitos, relações e intervenções, etc.

A oração, nesse caso, é “relegada a alguns ângulos da jornada”, limitada aos momentos comunitários. O conselho de Jesus Bom Pastor, contudo, é o de rezar “*sine intermissione*”: uma comunicação com o Pai, que no Espírito vem até nós e de nós sai por múltiplos caminhos: pelo pensamento, pelo sentimento, pela orientação da ação, pela relação com o próximo, pela participação nas celebrações e na vida da comunidade cristã. Tudo isso feito com o olhar voltado para Ele e com o desejo de realizar “*le bom plaisir de Dieu*”⁷, segundo a expressão de São Francisco de Sales.

Outro lugar comum é a interpretação do dito de Dom Bosco: “A vida ativa, à qual tende especialmente a nossa sociedade faz com que seus membros não possam ter a comodidade de fazer muitas práticas em comum”⁸. É verdade. Mas é preciso voltar ao

⁷ cf. PAPASOGLI G., *Come piace a Dio*, CNE, pp. 472s

⁸ cf. *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales 1858-1875*, Textos críticos editados por F. MOTTO, LAS Roma 1982, pp. 182-183

seu tempo para entender o peso dessa afirmação, comparar a afirmação com aquilo que outros Institutos prescreviam: às práticas matutinas e vespertinas cotidianas, uniam-se tríduos, novenas, tempos litúrgicos muito mais regulados quanto às práticas de piedade. As palavras de Dom Bosco devem ser lidas e interpretadas nesse contexto. É preciso, pois, não confundir tempos comuns com tempos pessoais, mesmo subtraídos à ação não bem ordenada.

Entre os nossos *condicionamentos* típicos, é preciso enumerar uma certa exposição co-natural à multiplicidade de compromissos que, para alguns, com “agenda aberta” a imprevistos, pode ser agitação. A agitação não só provoca a eliminação da participação nos momentos comunitários, como também a supressão dos momentos de estudo, leitura, preparação consciente ao ministério ou ao serviço educativo, que se torna sempre mais complexo também do ponto de vista da interpretação evangélica da vida e da metodologia na orientação dos jovens.

Deve-se reconhecer que, seja a leitura pastoral do contexto ao qual acenei anteriormente, seja a nossa reflexão pessoal, levam-nos hoje a determinar conclusões sobre as condições a criar para a oração.

Só é possível falar de oração assumindo a experiência de Jesus, Filho do Pai, re-expressa na própria vida sob a guia do Espírito. Falar de oração é colocar a descoberto o que há de mais sagrado e unitário em nossa vida⁹.

“A oração é a síntese da nossa relação com Deus. Podemos dizer que somos aquilo que rezamos e como rezamos. O nível da nossa fé é o nível da nossa oração; a força da nossa esperança é a força da nossa oração; o ardor da nossa caridade é o ardor da nossa oração”¹⁰.

⁹ cf. a experiência de Moisés em Ex 3

¹⁰ cf. CARRETO C., *Lettere dal deserto*, La Scuola Editrice, Brescia 1964, p. 47

Rezar e viver, na consciência daquele que reza, fundem-se numa mesma e idêntica realidade. Enquanto a vida não for oração, nem sequer a oração será viva e autêntica.

A Sagrada Escritura e a tradição eclesial, por outro lado, estão repletas da oração dos pobres que, quais crianças, se dirigem a Deus, no espírito de Jesus. No Espírito, o caminho deve ser simples, a comunicação, filial.

Podemos indicar algumas atitudes que favorecem a oração pessoal.

Sinceros com Deus e conosco mesmos

Às vezes, quando falamos de Deus, referindo-nos a nós mesmos e, mais ainda, aos nossos interlocutores religiosos, colocamos uma máscara, endossamos uma roupa, adequada ao papel, e escolhemos palavras exatas e bem proclamadas.

Essas máscaras não correspondem àquilo que somos. São barreiras à partilha profunda com Deus e ao diálogo com Ele, sem defesas.

Deus quer comunicar-se conosco na amplitude de onda da sinceridade. Isso não é, de forma alguma, imediato: em geral, exige graça e tempo. O Jubileu chamou-nos, por isso, à conversão, a novamente partir de Deus e reorientar o nosso caminho. Foi, antes de tudo, um convite à conversão do coração, embora as celebrações, difundidas por televisão, possam ter dado, às vezes, uma idéia diversa.

Existem muitas modalidades e tonalidades de oração quanto à prevalência do sentimento ou da meditação, das fórmulas ou da espontaneidade. Cada um acaba por ter o próprio modo de rezar, como tem o próprio modo de caminhar e exprimir-se. Há sempre, porém, na oração, um desejo de comunicação que quer ser filial, direto, profundamente sentido. Qualquer que seja o

tipo de oração ao qual se chegou, a essência é compartilhar sinceramente a si mesmo. Assim exprimia-se Jesus: “Eu te dou graças, ó Pai”¹¹; “Guarda-os em teu nome”¹²; “Que todos sejam um, como nós somos um”¹³.

Capazes de escutar

A capacidade de falar de Deus e com Ele depende, antes de tudo, para nós educadores, da capacidade de escutá-lo. Ele, que falou na criação inicial, disse-nos muito na História da Salvação, com acontecimentos e palavras, e contou-nos tudo em Jesus. Agora, ele nos fala através das mediações da Igreja e dos acontecimentos, faz ressoar dentro de nós a voz do seu Espírito e revela coisas novas para os tempos novos.

O crente é, sobretudo, *alguém que escuta a Palavra, como Maria*. “Escutar significa não só estar consciente intelectualmente da presença do outro; mas aceitar a criação de espaço em si mesmos a essa presença até ser sua morada e gozar dela”¹⁴.

Nem sempre é fácil distinguir a voz de Deus daquela dos homens. Devemos, por isso, como no episódio de Samuel¹⁵, esticar o ouvido Àquele que fala para educar a nós mesmos e aos nossos destinatários à escuta da Verdade: “Fala, Senhor, o teu servo escuta”. Deveríamos manter atentos a mente e o ouvido, levar os destinatários à Verdade, convidar à escuta d’Aquele que tem “palavras de vida eterna”. É uma das metas da educação. A lei, os preceitos, a Palavra do Senhor são apresentados como fonte que gera uma sabedoria completa e profunda, misteriosamente,

¹¹ Jo 11,41

¹² Jo 17,11

¹³ Jo 17,21

¹⁴ E. BIANCHI, *Le parole della spiritualità. Per un lessico della vita interiore*, Milão, Rizzoli, 199, pp. 75-76

¹⁵ 1Sm 3,3-10.19

na medida dos simples, superior àquela produzida pela acuidade do pensamento humano.

A disponibilidade à obediência e à escuta da Palavra é, da parte do homem, condição indispensável para descobrir o projeto que Deus confia a cada um, no tempo e no lugar onde é chamado a viver. É também condição fundamental para renovar o empenho contínuo de conversão a Deus: “Como a chuva e a neve descem dos céus e não voltam mais para lá sem ter embebido a terra, fecundando-a e fazendo-a germinar, para que ela dê a semente ao semeador e o pão comestível, da mesma maneira, a Palavra que sai de minha boca não retorna a mim sem resultado, sem ter feito o que Eu queria e conseguido êxito na sua missão”¹⁶.

O lugar privilegiado para a escuta é, pois, a meditação da Palavra: “sentada aos pés de Jesus, [Maria em Betânia] escutava a sua palavra”¹⁷. Tudo começa, então, com a atenção interessada à Palavra que se desenvolverá depois em meditação, oração, contemplação¹⁸. A escuta de Deus¹⁹, com suas dimensões de silêncio, descentralização de si e re-centralização no Outro, torna-se acolhida ou, melhor, revelação em si de uma presença mais íntima ainda a nós de quanto o seja o nosso próprio “eu”: “Tarde te amei, beleza sempre antiga e sempre nova, tarde te amei. Sim, porque estavas dentro de mim e eu, fora. Ali te buscava. Disforme, lançava-me sobre as tuas belas criaturas. Estavas comigo, e eu não estava contigo. Disforme, lançava-me sobre as tuas belas criaturas. Estavas comigo, e eu não estava contigo. A minha surdez detinha-me longe de ti; cintilaste, e o teu esplendor dissipou

¹⁶ Is 55,10-11

¹⁷ Lc 10,39

¹⁸ Veja-se sobre a relação Palavra de Deus – Exercícios Espirituais: C. M. MARTINI, *La Parola di Dio negli Esercizi Spirituali*, in *L'Ascolto della Parola negli Esercizi*, Leumann (TO), Elle Di Ci, 1973, pp. 37-31; F. ROSSI DE GASPERIS, *Bibbia ed Esercizi Spirituali*, Borla, Roma, 1982

¹⁹ cf. Gn 18,16

a minha cegueira; difundiste a tua fragrância e respirei, e cheio de ânsia por de ti, experimentei, e tive fome e sede; tocaste-me e ardi pelo desejo da tua paz”²⁰.

O Concílio Vaticano II não só abriu um tempo feliz de retorno à Palavra, mas estamos assistindo ao novo gosto que os jovens sentem dela. Dá-se um novo encontro entre os jovens e a Palavra, estimulados também pelas Exortações de João Paulo II sobre a *Lectio*.

Apreciar o silêncio

O silêncio é a dimensão especular da Palavra. Silêncio e Palavra se completam e reforçam reciprocamente. Sem o silêncio, dificilmente se chega quer ao conhecimento de si, quer ao discernimento do projeto de Deus na própria vida. O silêncio dá profundidade e unifica.

A sobriedade salesiana no falar não é distanciamento ou domínio controlado de si; é sempre atenção ao outro, compreensão e desejo de dar e receber. Passa-se assim à dimensão interior, ao estar bem consigo mesmo, à visão serena das pessoas e situações, à paz interior, ao gosto da presença do outro.

Gera-se, também, uma atitude de domínio de si e resistência para fazer com que se calem os sentimentos desordenados pelos outros, as imagens arbitrárias sobre si mesmos, as rebeliões, os julgamentos não avaliados, as murmurações e as leviandades que nascem do coração. O silêncio composto é o guarda da interioridade e torna possível a escuta e acolhida daquele que fala. O Deus que queremos reencontrar está dentro de nós, não fora²¹.

²⁰ AGOSTINHO (S.), *Confissões*, X, 27,38

²¹ cf. BIANCHI E., *Le parole*, 142

O eu interior precisa de tempos e espaços para confrontar e avaliar. Quanto aos primeiros, não deveríamos ter medo de reservar no horário, alguns períodos de tempo, dedicados à meditação pessoal, ao estudo, à oração e – por que não? – à contemplação: a atitude total como que subjugada pela verdade ou pela beleza.

O Evangelho aconselha-nos a “entrar no próprio quarto e, fechando a porta, rezar ao Pai no segredo”²². Trata-se de escolher um lugar onde a atenção e o espírito encontrem menos obstáculos para caminhar até Deus. A igreja ou capela é, sem mais, o lugar mais adequado à “oração silenciosa”, mas não o único. “O nosso Salvador escolhia para rezar lugares solitários e que não ocupassem muito os sentidos, mas elevassem a alma a Deus, como os montes (que se elevam da terra e são ordinariamente áridos, sem qualquer motivo de recreação sensível)”²³.

Os passeios, por exemplo, podem adquirir um significado novo: trata-se de descobrir a presença do Senhor que – segundo a expressão poética de São João da Cruz – passava por “estes bosques airosamente e, enquanto os olhava, só com seu olhar, deixou-os adornados de toda beleza”²⁴.

A pessoa não olha, então, se o lugar para a oração tem esta ou aquela comodidade, porque isso indica estar ainda apegados aos sentidos, mas preocupa-se, sobretudo, com o recolhimento interior; esquecendo tudo, escolhe para essa finalidade o lugar mais livre de objetos e gostos sensíveis, e distrai a atenção de tudo isso para poder gozar melhor do seu Deus na solidão das criaturas²⁵.

²² Mt 6,6

²³ GIOVANNI DELLA CROCE, *Salita Del Monte Carmelo*, in ID., *Opere*, Postulação dos Carmelitas Descalços, Roma, 1992, p. 327

²⁴ cf. GIOVANNI DELLA CROCE, *Cântico Spirituale B*, in ID., *Opere*, p. 493

²⁵ GIOVANNI DELLA CROCE, *Cântico Spirituale B*, in ID., *Opere*, estrofe 5, p. 493

Descobrir as próprias resistências

O espírito age em nós e nos santifica na medida também da nossa disponibilidade. Insere-se aí a superação de nossas resistências à abertura dócil e filial ao Pai e ao amor às pessoas, enraizado no coração. A interioridade deve ser educada, o amor deve ser purificado e as nossas relações devem ser mais respeitadas. Trata-se de desmascarar as dinâmicas que convivem dentro de nós e nos impedem de nos doarmos com coração livre²⁶.

É preciso ter coragem para individuar e chamar pelo nome as próprias fragilidades, as negatividades que marcam a nossa vida, conhecer as próprias resistências para compartilhá-las com o Pai. É preciso aceitar o paciente trabalho necessário para que a vontade de Deus oriente o nosso pensamento e a nossa consciência. Não há homem de oração que não tenha sentido a necessidade e as vantagens da ascese interior e exterior.

Aquele que é experiente na vida espiritual sabe que esse caminho exige paciência e perseverança, que não se o pode percorrer sozinho, porque o Espírito nos precede e acompanha. Conhecerá, então, na medida em que caminha, os frutos da pacificação progressiva, do alargamento da liberdade, da mansidão e da caridade, que são os frutos do caminho de oração²⁷.

Aproximar-se do Pai com confiança

Esta é a sugestão de São Paulo²⁸; esta é a orientação de Jesus²⁹. O Senhor aceita o culto ritual, mas como caminho e condição para

²⁶ cf. C. M. MARTINI, *Uomini e donne dello Spirito. Meditazioni sui doni dello Spirito Santo*, Piemme, Casale Monferrato (AL), 1998, p. 15. O Card. Martini introduz brevemente, nessas páginas, o retiro: finalidade, tema, método, atitudes, modalidades de comunicação.

²⁷ cf. BIANCHI, *Le parole...*, p. 41

²⁸ cf. Hb 4,16; 2Cor 3,4; Ef 3,12

²⁹ cf. Mt 6,25-31; Mc 11,22

a confiança espontânea e transparente³⁰. Ocasões existem em que podemos rezar sem palavras, mas jamais poderemos rezar sem o desejo profundo de encontrar-nos com o Senhor, de estar com Ele. “É a tua face, Senhor, que eu busco”³¹: esta já é uma forma de oração. É freqüente desejar atualmente momentos de gozo e emoção, que se dão raramente ou sob o impulso de estímulos fortes. Eles são uma graça, no que não se fundamenta a nossa relação com Deus, mas com que o Senhor nos sustenta. Vivemos tempos em que domina a emoção religiosa, a vontade de experimentar “outra coisa”, aquilo que está além do sensível. Isso vale também para os jovens, para os quais estão relacionados autenticidade e sentimento, também na experiência religiosa.

A amizade com o Senhor exige que o nosso desejo de encontrar-nos com Ele esteja no interior da oração e esta no interior da vida, como orientação e paixão: “Ó Deus, tu és o meu Deus; desde a aurora eu te busco”³². Não se trata, pois, do desejo de cumprir obrigações de oração, mas de um intenso anseio da presença do Senhor, da sua amizade.

Temos medo, às vezes, de aproximar-nos muito de Deus ou que Ele nos manifeste muito claramente a sua vontade. Somos investidos por milhares de perguntas: o que Deus me pedirá? Para onde me levará? É elevado o que está em jogo: diz respeito à minha vida. Poderia mudar a orientação de tudo o que fiz, poderia ser chamado a recolocar os meus valores em discussão. Aconteceu aos patriarcas, aos profetas, aos apóstolos, aos santos que, em questão de oração, são exemplos exímios. Podemos dizer que acontece também a nós, através de acontecimentos imprevistos, que mudam o curso, o ritmo ou a tonalidade da nossa existência.

³⁰ cf. Jo 4,10

³¹ Sl 27,8

³² Sl 63,2

Cada um de nós entra em diálogo com os outros, em situação de paridade. Com Deus, porém, tudo é diverso. Ele me diz: “Eu sou o Senhor, teu Deus”³³. Einstein disse: “quando me aproximo desse Deus, devo tirar meus sapatos e caminhar na ponta dos pés, porque estou num terreno sagrado”. Não estamos, contudo, na região do distanciamento e do temor, mas na região filial, do Espírito, que é misterioso e inexaurível: de aí nascem sempre as novidades da parte do Pai e da nossa parte, na medida em que a vida caminha.

Trilhar um caminho de oração

Há, na oração, um caminho de formação e crescimento permanente. Ninguém, adulto ou ancião, reza como quando era criança, embora possa manter alguns traços pessoais, amadurecidos pela vida. A oração não só nos enriquece, mas nos plasma por aquilo que é e pelos fatos da nossa vida que assumimos à sua luz. Alguns de nós, quem sabe, compartilharam da experiência de monges que viveram uma vida de pura oração. Com nossos irmãos, porém, que chegaram à maturidade da idade e do sofrimento é interessante e fecundo o diálogo sobre a oração.

Ao assumir o compromisso de rezar, confio-me totalmente a Deus e entrego-me em suas mãos. É a Deus que acolho; é a Ele que me entrego; com Ele entendo caminhar e dele receber a mim mesmo, sempre renovado pelos dons do seu amor.

A contemplação oferece o momento mais alto da oração. Ela, porém, como afirma *Vita Consecrata*, não é privilégio de um estado, mas uma dimensão essencial daqueles que sentem a própria vida “transfigurada” em Cristo³⁴. É a visão de fé, gozada em sua dimensão unificante, que irradia luz e beleza.

³³ Ex 20,2

³⁴ VC 29

A oração assim entendida é o ato adulto pelo qual a minha relação pessoal se abre em relação a Deus, consciente da irreduzível sede que tenho dele, como também da sua amorosa busca de mim.

A oração supõe ainda a salvaguarda de um tempo suficiente, capaz de enraizar em mim e exprimir o significado mais alto do ato de rezar. Se desejo chegar à oração viva e vivificante, que seja experiência de amor com o “companheiro” único, não posso deixar de reservar alguns espaços da minha vida, consagrando-os no estar face a face com o Senhor.

Eis a exigência e a garantia de uma adoração em espírito e verdade: perseverar nesse ato de fé pura e despojada, num tempo que não conhece pressa nem cálculo de vantagens pessoais, dedicado simplesmente a estar *na presença de Deus Pai* (Ele me olha, me ama e trabalha em mim, durante esses momentos que, na solidão, tocam o meu profundo), quando também eu tenha a sensação de ficar sem palavras e perder o meu tempo. É interessante ver o caminho de oração dos nossos Servos de Deus, no qual encontramos sempre três características: participação nas práticas comunitárias, tempos pessoais dos quais eram ávidos, união na vida.

Embora sendo verdade que a oração pode trazer paz interior à minha vida, serenidade de espírito, eficácia na ação, sua principal finalidade não é só buscar essas vantagens, se quiser encontrar na oração o Pai de Jesus e o Pai nosso, mas a experiência do amor gratuito.

Ao dar ao Senhor o meu tempo humano, sem nada lhe pedir em troca (efeitos extraordinários, progresso espiritual rápido e apreciável, etc.), exponho-me ao próprio sol da divina gratuidade. É essa a graça por excelência do esforço de rezar: ser educados à gratuidade numa sociedade como a nossa, em que tudo é objeto de compra e venda. Saber com sabedoria indubitável que somos

amados por Ele e de o poder amar e desejar é a grande riqueza da nossa vida, que faz aparecer como secundárias todas as outras com as suas pretensões.

Essa é a bem-aventurança da vida de oração! Quem sabe perder o seu tempo com o Senhor, aprende a dar aos irmãos a própria vida com generosidade gratuita, esquecido de si. A oração, como o amor, não precisa de justificação.

Uma vez que é o Espírito quem reza em nós e que é dele que aprendemos a dirigir-nos ao Pai, é mais importante colocar-se em sintonia e união com Ele do que conhecer definições descritivas exatas sobre a oração. Estas, contudo, ajudam à maior consciência e caminho e de purificação. Tomemos alguns de seus elementos constantes, buscando-os na experiência de Jesus, da Igreja e daqueles que mais de perto o contemplaram e seguiram.

Dar a palavra a Deus

“É na tua vontade que eu encontro a minha alegria”³⁵. É preciso permitir que Deus nos diga aquilo que Ele sabe que nos convém.

Ele pronuncia a Palavra. Jesus manifestou-se como Palavra, como Verbo eterno do Pai. O Verbo é novidade. Continua a sê-lo. Assim nasceram os carismas: movimentos de profecia que se desenvolvem apenas na escuta de Deus, num mundo rotineiro. Por isso, para nós consagrados, “escutar” é graça de subsistência e novidade. De fato, buscamos facilmente palavras em nossa oração, com o risco de não perceber o que Deus quer nos dizer, a sua Verdade. É o próprio Jesus quem recomenda: “Quando rezardes, não multipliqueis as palavras”³⁶.

³⁵ Sl 119,16

³⁶ Mt 6,7

O tempo que dedicamos num equilibrado silêncio ou num retiro para recompor a nossa vida não é perdido; pelo contrário, será a recuperação de um espaço aberto à visita de Deus. Cultivar e usar um método para criar uma área de silêncio, será expressão daquele esforço sem o qual ninguém pode fazer com que amadureçam os frutos mais delicados da reflexão de fé, da oração e da contemplação.

Quando soubermos manter silêncio interior no meio do inevitável vai e vem da vida moderna e no coração mesmo da necessidade de falar e comunicar, então o empenho que assumimos com a oração terá produzido em nós um de seus frutos mais excelentes: seremos pessoas amadurecidas, concentradas, não dissipadas, donos da nossa dimensão de interioridade. Não se trata de um silêncio apenas ascético, mas da atenção e da espera de uma palavra de amor. O Salesiano exprime tudo isso sem pose: nele têm a primazia a temperança, a razão unida à religião, a bondade otimista, mas não ingênua, do olhar, a esperança na força redentora de Cristo.

Perceber o olhar de Deus na profundidade do próprio ser

O “olhar” tem uma presença rica na Bíblia e no Evangelho. Significa vontade benévola, atenção paterna, predileção, vocação. Ao olhar do Senhor segue amiúde o diálogo, que já é invocação e programa de vida.

A oração não permanece externa àquele que reza. Não existe distância alguma entre a oração, a relação com Deus e aquele que a realiza. Embora sendo um dom, mistura-se e funde-se a tal ponto com o modo de ser de cada um que rezar vem a ser a expressão mais pura da individualidade. Aquilo que sou diante do Criador, torna-se a minha oração.

O olhar luminoso de Deus penetra lá onde nenhum outro olhar

pode chegar. Ele me vê e ensina a ver-me como sou. Rezar, então, é sentir e acolher o olhar paterno de Deus, sem ser um obstáculo no vão esforço de querer crescer sozinho.

A minha vida é, ao mesmo tempo, dom e missão: dom que se desenvolve só no diálogo com o doador. A oração consiste em corroborar a própria participação no amor de Deus pelos homens num destino concreto, numa história humana real.

Creio que se possa resumir assim o aspecto talvez mais válido da experiência pessoal de oração: ela é o exercício constante, que leva a abraçar com alegria filial a vontade do Pai nos acontecimentos de cada dia. A prática da oração coloca-me na condição de ler a minha história pessoal – porquanto possa parecer-me insignificante, absurda ou contraditória – como uma revelação do amor de Deus, dentro das coordenadas da minha existência e do mundo. Nada de quanto acontece na minha vida e no meu mundo é estranho ao amor de Deus.

Deus é amor: deixando-me amar por Ele, torno-me instrumento misterioso do seu amor no mundo. Abrindo-me à sua iniciativa, descubro um Deus solidário e empenhado com a marcha da humanidade, particularmente com a dor de todos os que sofrem.

Terceiro milênio: tempo de místicos! Será justamente a profundidade dos homens e das mulheres movidos pelo Espírito a salvar o sentido da nossa vida e desafiar a limitação da visão do homem.

A experiência de alguns amigos de Deus

A oração é “expressiva” da vida no melhor sentido do termo. Tem, por isso, grande utilidade para nós o que nos dizem aqueles que a viveram intensamente no amor e na dor. Escutemos alguns testemunhos significativos.

- O “colóquio (na oração) é feito falando verdadeiramente como um amigo fala ao outro amigo, ou um servo ao seu Senhor: ora pedindo algum favor, ora acusando-se de alguma falta, ora comunicando as próprias coisas e pedindo conselhos sobre elas” (*Inácio de Loyola*).

- “Aqui não há nada a temer, mas tudo a desejar, (...) a oração mental não é outra coisa para mim a não ser uma relação de amizade, um encontrar-se freqüentemente a sós com quem sabemos que nos ama” (*Teresa de Ávila*).

- “A oração não é outra coisa que a união com Deus (...). Nessa união íntima, Deus e a alma são como dois pedaços de cera que se fundem, e ninguém pode separar (...). Nós nos tínhamos tornado indignos de rezar. Deus, porém, em sua bondade, permitiu-nos falar com Ele (...). Meus filhinhos, o vosso coração é pequeno, mas a oração o dilata e torna capaz de amar a Deus” (*Cura d’Ars*).

- *Santo Agostinho* escreve a Proba: “Mantenhamos sempre vivo o desejo da vida beata, que vem do Senhor Deus, e jamais deixemos de rezar. Para isso, porém, é necessário estabelecer certos tempos fixos para trazer novamente à nossa mente o dever da oração. Fazendo assim, evitaremos que o desejo, que tende a se afrouxar, esfrie totalmente ou estinga-se por falta de um estímulo freqüente”.

Não será certamente mal ou inútil rezar longamente, quando se está livre, isto é, quando não se está impedido pelo dever de ocupações boas ou necessárias. Rezar longamente não é, como alguém pode crer, rezar com muitas palavras. Uma coisa é um longo discurso, outra coisa é um estado de espírito prolongado. Longe da oração, portanto, qualquer verbosidade, mas não se deixe a súplica insistente, perdurando o fervor e a atenção. Servir-se de muitas palavras na oração equivale a tratar uma coisa necessária com palavras supérfluas.

Rezar consiste em bater à porta de Deus e invocá-lo com ardor de coração insistente e devoto. O dever da oração realiza-se mais com gemidos do que com palavras, mais com lágrimas do que com discursos”³⁷.

A oração, segundo essas experiências, é relação de amizade que pode ser expressa com o pensamento, a ação, os sentimentos e o olhar, o silêncio, a participação na liturgia, a invocação veloz, a conversação calma segundo o exemplo de Jesus: “Eu te bendigo, ó Pai”³⁸. É uma relação de amizade e de amor. E é isso que nos introduz bem na oração do Salesiano.

2. A ORAÇÃO DO SALESIANO

A oração do Salesiano tem uma referência especial a Jesus, Bom Pastor, e a Dom Bosco, que foi a sua imagem viva entre os jovens.

É iluminante, para compreender a sua modalidade e o seu caminho de crescimento, meditar, antes de tudo no Evangelho sobre a oração de Jesus, Bom Pastor, que culmina no dom da vida.

Também por motivo de espaço, confio-vos essa leitura, que é apaixonante³⁹. Detenho-me particularmente na experiência salesiana típica.

As sementes: Mamã Margarida

Os primeiros compassos do caminho de oração do Salesiano

³⁷ Da *Carta a Proba*, de Santo Agostinho, CSEL 44,60-63

³⁸ Mt 11,25

³⁹ cf. VECCHI, J., *Spiritualità Salesiana*, Temi fondamentali, Turim, LDC 2000, p. 86-106

são encontrados nas *Memórias do Oratório*⁴⁰. A narração evidencia uma constante que acompanha Dom Bosco ao longo de sua existência: o papel determinante da dimensão religiosa no ambiente em que cresceu e em sua mentalidade. Essa dimensão levava a colocar tudo em relação com Deus, através de muitos caminhos: da contemplação da natureza à récita de orações que já eram patrimônio do povo cristão.

É, sobretudo, à figura da mãe e à sua ação educativa que Dom Bosco atribui o mérito de ter enraizado nele o sentido de Deus e a visão de fé sobre a realidade e a história. Margarida formou-o no exercício da presença de Deus, levou-o a rezar com a mente e com as palavras, instilou nele os princípios da vida cristã, garantindo uma sementeira abundante de sólidas virtudes. Sua contribuição foi determinante para a futura missão de educador e pastor.

Da fé de sua mãe, João ainda criança adquiriu a certeza da existência de um Deus grande no amor. Percebeu a realidade do nexo inseparável entre a nossa humanidade frágil e o seu Amor misericordioso. Aprendeu, existencialmente, que a confiança em Deus jamais é vã, mesmo nos momentos mais desesperados. Enraíza-se aqui a sua fé inquebrantável, capaz de “transportar montanhas”, e a sua robusta esperança que o leva a olhar além

⁴⁰ Dom Bosco escreve as *Memórias do Oratório* entre 1873 e 1878: um período, para ele, muito importante e, ao mesmo tempo, doloroso. A Congregação Salesiana já era uma realidade em expansão, enquanto estavam sendo aprovadas definitivamente as *Constituições* e os *Regulamentos*. Em agosto de 1872 concretizara-se a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Há tempo o santo estava preparando a primeira expedição missionária, que se concretizará em 1875. Caminhava, no progressivo esclarecimento do seu articulado projeto de Sociedade Salesiana, a idéia do laicato Salesiano com a criação da Associação dos Cooperadores e a realização do *Boletim*. Contemporaneamente, projetavam-se para Dom Bosco graves provações, devido à progressiva incompreensão com o seu Arcebispo, que chegará a tensões e momentos muito dolorosos... O santo recorda, na apresentação das *Memórias do Oratório*, que escreveu para responder às exortações que lhe vinham de muitas partes, especialmente “de uma pessoa de suma autoridade, a quem não é possível interpor esperas de qualquer porte”. Veja-se G. Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*. Introdução e notas editadas por A. DA SILVA FERREIRA, Roma 1992, I, pp. 9-10

de qualquer perspectiva humana, a projetar e ousar corajosamente aquilo que outros não teriam nem sequer vagamente sonhado. Tudo isso é evidenciado por ele nas *Memórias* e indicado a nós, seus leitores.

A narração de Dom Bosco é sintética, mas muitíssimo eficaz: “Sua maior preocupação foi instruir os filhos na religião, encaminhá-los à obediência e ocupá-los em coisas compatíveis com a idade. Quando muito pequeno, ela mesma ensinou-me as orações; tão logo fui capaz de associar-me a meus irmãos, fazia-me ajoelhar com eles pela manhã e à noite e, todos juntos, recitávamos as orações em comum com a terça parte do Rosário”⁴¹.

Há, na ação educativa de Margarida, algo a mais do que uma formação religiosa. “Deus – afirma o P. Lemoyne – estava em todos os seus pensamentos, estando sempre, portanto, em seus lábios (...). *Deus te vê*: era o grande mote com que lhes recordava estarem sempre sob o olhar daquele que os haveria de julgar. Se lhes permitia ir divertir-se nos prados vizinhos, despedia-se deles dizendo: *Recordai-vos de que Deus vos vê*. Se os via, às vezes, pensativos, e temia que tivessem algum pequeno rancor no espírito, sussurrava improvisamente em seus ouvidos: *Recordai-vos que Deus vos vê, e vê também os vossos pensamentos mais escondidos (...)*”.

Reaviva continuamente neles a memória do seu Criador, através dos espetáculos da natureza. Numa bela noite estrelada, saindo ao aberto, mostrava-lhes o céu e dizia: *Foi Deus quem criou o mundo e colocou lá em cima tantas estrelas. Se o firmamento é tão belo, o que será então do paraíso?* Ao chegar a bela estação, diante do campo vazio ou do prado todo cheio de flores, ao surgir uma aurora serena, ou o belo espetáculo de um

⁴¹ Bosco G., *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales de 1815 a 1855*. Introdução e notas editadas por A. DA SILVA FERREIRA, Roma 1992, I, pp. 104-105

raro pôr-do-sol exclamava: *Quantas coisas belas o Senhor fez por nós!*”⁴².

Dom Bosco homem de oração⁴³

Seria historicamente insensato, porém, pensar que a oração de Dom Bosco tenha ficado nesses níveis. A experiência “oratoriana”, educativa e pastoral, com os jovens pobres e com os jovens discípulos, produziu nele um salto para a “oração apostólica”, para a contemplação na ação e o êxtase diante da ação de Deus no espírito dos juvenzinhos. Assim começou e desenvolveu-se a união entre atitude de oração e vida empreendedora, cheia de esperança e audácia, que suscitou inicialmente alguns interrogativos sobre a sua santidade, quando alguém o julgou apenas um “empresário” de Deus, mas que se tornou em seguida paradigma para a oração e a vida do Salesiano em Deus.

Um método análogo ao de Mamãe Margarida, amadurecido na experiência pastoral e no sacrificado serviço educativo, será usado por Dom Bosco com os seus jovens. De fato, no início do manual de oração, o *Jovem Instruído*, enumerando as *Cosas necessárias para um jovem ser virtuoso*, ele parte do *Conhecimento de Deus*: “Meus filhinhos, elevai o olhar para o céu, e observai aquilo que há no céu e na terra. O sol, a lua, as estrelas, o ar, a água, o fogo são todas coisas que não existiam antes (...). Foi Deus com a sua onipotência que as criou, tirando-as do nada”⁴⁴. As duas experiências serviram-lhe para ser iniciador dos jovens na comunhão com Deus.

⁴² Lemoyne, G. B., *Scene morali di famiglia esposte nella vita di Margherita Bosco racconto ameno de edificante*, Turim 1886, pp. 28-30

⁴³ Além das apostilas de A. GIRAUDO, *Itinerario spirituale*, siga neste ponto a contribuição de P. BROCARD, *Don Bosco, “profeta di santità” per la nuova cultura*, in M. MIDALI (Ed.), *Spiritualità dell’azione*, pp. 179-206

⁴⁴ BOSCO G., *Il Giovane provveduto per la pratica dei suoi doveri...*, Turim 1847, 9

Educado para saber contemplar a Deus na natureza e nos acontecimentos humanos, especialmente os que se referem aos jovens a ele confiados, Dom Bosco formava os seus jovens para esse “olhar simples”, revelador do amor de Deus. Tornou-se, por isso, um observador atento da história humana e da Igreja, de que fora para os jovens um eficaz narrador. E os seus jovens aprendiam.

O santo conta sobre Miguel Magone, durante umas férias nos Becchi: “Certa noite, quando os nossos jovens já estavam todos repousando, ouço alguém chorar e suspirar. Vou devagarzinho à janela e vejo Magone num ângulo da eira olhando a lua, suspirando em lágrimas. O que tens, Magone, te sentes mal? perguntei-lhe. Ele, pensando que estava sozinho e quem ninguém o estivesse vendo, ficou perturbado, e não sabia o que responder; mas, tendo eu replicado a pergunta, respondeu com estas precisas palavras: - Choro ao admirar a lua que há tantos séculos surge com regularidade clareando as trevas da noite, sem jamais desobedecer às ordens do Criador, enquanto eu que sou tão jovem, eu que sou racional, que deveria ser fidelíssimo às leis do meu Deus, desobedecei-o tantas vezes, e ofendi-o de mil maneiras. Dito isso, pôs-se novamente a chorar. Consolei-o com alguma palavra, e, acalmado em sua comoção, foi novamente continuar o seu repouso”⁴⁵.

Dom Bosco comenta com admiração a capacidade de Miguel “reconhecer em tudo a mão do Senhor e o dever de todas as criaturas lhe obedecerem”⁴⁶.

⁴⁵ BOSCO G., *Cenno biografico sul giovinetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in A. CAVIGLIA, *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*, vol. V, Turim, 1965, pp. 228-229

⁴⁶ BOSCO G., *Cenno biografico sul giovinetto Magone Michele allievo dell'Oratorio di S. Francesco di Sales*, in A. CAVIGLIA, *Opere e scritti editi e inediti di don Bosco nuovamente pubblicati e riveduti secondo le edizioni originali e manoscritti superstiti*, vo. V, Turim, 1965, pp229

Nos passos de São Francisco de Sales

Isso tudo se coloca na linha da espiritualidade de São Francisco de Sales que, na segunda parte da *Filotéia* (onde são enunciados “alguns conselhos para a elevação da alma a Deus”), depois da apresentação da oração mental, sugere outras cinco formas de oração breve, “que são como prolongamentos da grande oração”: orações da manhã, orações da noite, exame de consciência, recolhimento espiritual e aspirações a Deus. A este último tipo de oração, feito de “impulsos breves, mas ardentes do coração” por Deus, Francisco convida o devoto: “Canta a sua beleza, invoca a sua ajuda, lança-te em espírito aos pés da cruz, adora a sua bondade, interroga-o freqüentemente sobre a tua salvação, dá-lhe mil vezes por dia a tua alma, fixa os teus olhos interiores em sua doçura, estende-lhe a mão como faz uma criança com seu papai, para que te guie; coloca-o no peito como um perfumado maço de flores, eleva-o em tua alma como a um estandar-te”⁴⁷.

Esse tipo de aspiração por Deus é comparado pelo santo ao pensamento dos que se amam: “constantemente voltado à pessoa amada, o coração transborda de amor por ela, a boca não faz outra coisa que tecer seus louvores (...). Do mesmo modo, aqueles que amam a Deus não podem passar um momento sem pensar nele, respirar por Ele, tender para Ele, falar dele, e gostariam, se fosse possível, de marcar o santo nome de Jesus no peito de todos os homens”⁴⁸.

“Todas as criaturas te convidam a isso”, escreve ainda São Francisco de Sales. “Não há criatura que não proclame o louvor

⁴⁷ FRANCESCO DI SALES, *Filotea. Introduzione alla vita devota*, editada por Ruggero Balboni, Milão, 1984, p. 92

⁴⁸ FRANCESCO DI SALES, *Filotea. Introduzione alla vita devota*, editada por Ruggero Balboni, Milão, 1984, p. 93

do Amado (...); todas as coisas levam-te a bons pensamentos, dos quais vêm, por força, impulsos e aspirações por Deus. Eis alguns exemplos disso (...) ⁴⁹. Os exemplos reportados pelo santo são tirados da hagiografia e da vida cotidiana ou de espetáculos da natureza. “Uma alma devota, vendo o céu estrelado, que se espelha na água límpida de um riacho dirá: Meu Deus, terei estas estrelas sob os pés quando me tiveres acolhido em tuas tendas (...). Outro, vendo as árvores em flor, exclamará: Por que somente eu vivo sem flores no jardim da Igreja? Outro ainda, observando os pintainhos recolhidos sob a choca, dirá: “Senhor, conserva-nos sob a proteção de tuas asas” ⁵⁰.

Assim ensina São Francisco de Sales. Joãozinho era, igualmente, guiado e instruído por sua mãe nos caminhos da fé e da contemplação, e ia adquirindo aquele sentido profundo da presença de Deus, que o acompanhará por toda a vida. Sabemos – como se exprime, ainda, São Francisco de Sales – que nesse exercício simples de contemplação e recolhimento espiritual, que desemboca em breves aspirações, em bons pensamentos e em jaculatórias espontâneas, “encontra-se a raiz profunda da devoção: pode suprir à falta de todas as outras formas de oração. Se faltar isso, porém, não há como remediar. Sem esse exercício não é possível a vida contemplativa, ou melhor, até mesmo a ativa será mal conduzida” ⁵¹.

Dom Bosco é sensível ainda às maravilhas da natureza, muito mais, porém, as do espírito juvenil, que supera os próprios movimentos maus, recolhe os convites da graça e se abre generosamente a Deus.

⁴⁹ FRANCESCO DI SALES, *Filotea. Introduzione alla vita devota*, editada por Ruggero Balboni, Milão, 1984, p. 93ss

⁵⁰ FRANCESCO DI SALES, *Filotea. Introduzione alla vita devota*, editada por Ruggero Balboni, Milão, 1984, p. 96

⁵¹ FRANCESCO DI SALES, *Filotea. Introduzione alla vita devota*, editada por Ruggero Balboni, Milão, 1984, p. 97

Contemplativo da salvação, estático da obra de Deus na vida, cheio de admiração diante de Domingos Sávio, comove-se diante dos jovens da prisão, invoca a ajuda de Maria Auxiliadora diante dos habitantes da Patagônia, suspira pela evangelização da Ásia.

A marca oratoriana

Em Valdocco, neste clima, o espírito e a prática da oração estavam estritamente ligados com a caridade educativa. Podia-se ler isso no rosto de seus habitantes, muitos dos quais formarão a primeira geração salesiana: “Nós os conhecemos, escreve o P. Ceria: homens tão diferentes de inteligência e de cultura, tão desiguais em seus hábitos; em todos, porém, sobressaíam certos traços comuns característicos, que eram como que seus delineamentos de origem. Calma serena no falar e no agir; boa paternidade de modos e expressões, mas, particularmente, uma piedade que bem se entendia estar em seu conceito do *ubi consistam*, do fulcro da vida salesiana. Rezavam muito, rezavam devotissimamente: havia muita preocupação em que se rezasse e se rezasse bem; parecia que não soubessem dizer quatro palavras em público ou em particular, sem que de algum modo entrasse a oração. Entretanto (...) aqueles homens não demonstravam possuir graças extraordinárias de oração; de fato, nós os víamos fazer com ingênua simplicidade, nada mais do que as práticas pedidas pelas regras ou trazidas dos nossos costumes”. Amavam a Deus e, nele, os jovens. Eis o comentário sobre a união entre tempos de oração e vida, entre oração explícita e missão.

A oração que Dom Bosco pratica e procura ensinar a seus filhos é linear e simples nas formas, autêntica, completa e popular na substância e nos conteúdos, alegre e festiva nas expressões.

É realmente uma oração possível a todos, às crianças e aos humildes em particular, e toma corpo naquelas que ele chama de “práticas de piedade”.

O P. Caviglia escreve que Dom Bosco não criara nenhuma forma nova especial de prática, de oração ou de devoção como o Rosário, os Exercícios Espirituais, a Via-Sacra e assim por diante. Ele está aberto às fórmulas e, em certo sentido, também às formas de piedade das quais, como educador, compreende a utilidade; é realista, dá importância à substância, à relação com Deus e ao seu reflexo na vida: rezar é ter um perfil de amizade com Ele, passando facilmente do estar a sós com Ele ao seu serviço no próximo.

É verdade o que o P. Ceria escreve sobre Dom Bosco, ou seja, que não dedicava longo tempo à meditação, como fizeram outros santos (Cura D’Ars, S. Antonio M. Claret). Ter o próprio modo de rezar não é o mesmo que não rezar ou rezar muito pouco.

Quantitativa e qualitativamente diversa da oração de outros santos, a de Dom Bosco não era menos verdadeira e profunda à prova dos fatos. Os testemunhos dos processos perceberam em Dom Bosco uma insuspeita e exaltante atividade de oração. Falavam, quem sabe, a exterioridade vistosa, os grandes gestos, mas a oração irrompia em toda parte. “Pode-se dizer – declarou o P. Barberis – que ele rezava sempre; eu o vi, poderia dizer, centenas de vezes subindo e descendo as escadas sempre em oração. Rezava também pela rua. Quando não corrigia provas tipográficas durante as viagens, eu o via sempre em oração. No trem, dizia habitualmente a seus filhos, jamais se esteja no ócio, mas diga-se o breviário, recite-se o rosário de Nossa Senhora, ou leia-se um bom livro”.

Dispensado, nos últimos anos de vida, da récita do breviário, dizia-o na realidade quase sempre e com grande devoção; impedido

por força maior supria-o, como resulta da sua promessa formal e heróica de “nada fazer ou pronunciar palavras que não tivessem em vista a glória de Deus”.

A oração, para Dom Bosco, era “a obra das obras”⁵², porque a oração “obtém tudo e triunfa sobre tudo”. Ela é aquilo que é “a água para o peixe, o ar para o pássaro, a fonte para o cervo, o calor para o corpo”⁵³. Sua instituição funda-se na oração.

Dom Bosco, capaz de contemplar a Deus na face e na situação dos jovens, nem sente a necessidade de impor outras práticas comunitárias aos seus discípulos, que não sejam as do bom cristão e do bom padre, em se tratando de padres. Trata-se de uma oração que nunca é desinteresse ou fuga das situações juvenis a transformar segundo o projeto de Deus, ou dos homens a orientar para Cristo: “*da mihi animas cetera tolle*”. Já recordarmos o texto da primeira redação das Constituições: “A vida ativa, para a qual tende especialmente a nossa sociedade faz com que seus membros não possam ter comodidade para fazer muitas práticas em comum”⁵⁴. Há, nessa expressão, a afirmação implícita de que muitas outras formas de oração são possíveis e recomendáveis. Entre elas, Dom Bosco deu grande importância às jaculatórias.

“Cada um, lemos ainda, nas Constituições, além das orações vocais, fará todos os dias não menos de meia hora de oração mental, a não ser que esteja impedido pelo sagrado ministério. Nesse caso suprirá, com a maior freqüência de jaculatórias, endereçando a Deus com grande fervor de afeto, os trabalhos que o impedem dos exercícios ordinários de piedade”⁵⁵. As jaculatórias,

⁵² MB XVII, p. 69

⁵³ MB III, pp. 246.613

⁵⁴ *Costituzioni della Società di S. Francesco di Sales 1858-1875*, Textos críticos editados por F. MOTTO, LAS Roma 1982, pp. 182-183

⁵⁵ cf. *Ibid.* p. 185

oração fácil, essencial, serviam para que ele mantivesse desperto o pensamento em Deus.

Podemos dizer que em Dom Bosco, intercorre uma relação perfeita de identidade entre oração e trabalho. Nesse sentido, mas somente nesse sentido, pode-se dizer que trabalho é oração. Foi esse, segundo o P. Ceria, o segredo de Dom Bosco, o seu traço mais característico: “A diferença específica da piedade salesiana está em saber fazer do trabalho oração”.

Pio XI deu uma solene confirmação disso: “Esta era, de fato, uma das suas mais belas características: estar presente a tudo, rodeado continuamente de pessoas, atormentado pelos compromissos, entre uma multidão de pedidos e consultas, e ter o espírito sempre em outro lugar, sempre elevado, lá onde a serenidade era sempre imperturbável, onde a calma era sempre dominante e soberana, de modo que, nele, o trabalho era justamente oração efetiva, e se tornava verdade o grande princípio da vida cristã: *quem trabalha reza*”⁵⁶.

Assim com que Dom Bosco é identificado como o homem da “união com Deus”, o Salesiano caracteriza-se por ser o homem “contemplativo na ação”⁵⁷. O problema está precisamente em entender o que essa expressão significa.

De fato, é difícil chegar ao equilíbrio nessa tensão entre oração e ação, não tanto na teoria quanto na prática da vida cotidiana⁵⁸. O problema, colocado desde os inícios do cristianismo, é muito debatido. Agostinho escreve sobre o tema, comentando Lucas 10,38-42: “As palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo querem-nos recordar que existe um único horizonte

⁵⁶ Pio XI, Discurso por ocasião da leitura do Decreto para a heroicidade das virtudes, 20 de fevereiro de 1927

⁵⁷ cf. C 12

⁵⁸ cf. VECCHI J. E., *Spiritualità Salesiana. Appfondimento di alcuni temi fondamentali*, Edição extra-comercial, SDB IVE-IVO, Veneza – Mestre, 2000, especialmente pp. 69-83

ao qual tendemos, quando nos afadigamos nas variadas ocupações deste mundo. Tendemos a ele enquanto somos peregrinos a caminho; a caminho e não ainda na pátria; no desejo e ainda não na saciedade. Marta e Maria eram duas irmãs, não só no plano da natureza, como também no da religião; ambas honravam a Deus, ambas serviam ao Senhor presente na carne em perfeita harmonia de sentimentos. Marta o acolheu como se costuma acolher os peregrinos, e, contudo acolheu o Senhor como serva...”.

“De resto, tu, Marta, seja dito tranqüilamente, tu, já bendita pelo teu louvável serviço, pedes como recompensa o repouso. Agora, estás imersa em múltiplas tarefas, queres revigorar corpos mortais, seja ainda que de pessoas santas... Lá em cima não haverá lugar para isso tudo. O que haverá, então? O que foi escolhido por Maria: lá seremos nutridos, não nutriremos. Por isso, o que Maria escolheu aqui, será completo e perfeito: ela recolhia, da rica mesa, as migalhas da palavra do Senhor... [que] mandará colocar à mesa [os seus servos] e passará servindo-os”⁵⁹.

Marta e Maria são um exemplo de unidade radical na qual não se opõem vida ativa e vida contemplativa; juntas, elas representam uma existência toda tomada pela escuta contemplativa, sobretudo quando se é chamado a empenhar-se no mundo. A unidade radical entre contemplação e ação encontra-se na relação e na comunhão com Deus.

Vejamos agora como se desenrola a tensão entre contemplação e ação na vida do Salesiano, detendo-nos, antes de tudo, na expressão “contemplativo na ação”, para passar depois ao elenco de algumas características que definem a vida do Salesiano como homem contemplativo ao serviço dos jovens.

⁵⁹ AGOSTINO (S.), *Discorso* 103, 1-2.6, in *PL* 38,613.615

“Contemplativo na ação”

A contemplação, isto é, o ser como que raptados no olhar prolongado ou brevíssimo, mas intenso, com estupor e admiração, abraça e prende num só momento profundo a realidade em suas raízes e o sujeito em suas múltiplas dimensões unificadas⁶⁰. É o que se chama apropriadamente uma “experiência”.

A contemplação cristã comporta um olhar unitário que percebe, no desenvolver-se dos acontecimentos, a realização do Reino de Deus e, portanto, a participação em sua construção. Ela não se realiza apenas no silêncio ou na solidão, como que fora das aspirações, desejos, alegrias e sofrimentos do Reino, mas também na partilha das coisas da vida que Jesus veio trazer.

Com efeito, pode-se falar, na tradição cristã, de dois grandes caminhos ou lugares preferenciais, não exclusivos, de contemplação. No primeiro, a pessoa desapega-se das “coisas humanas” para imergir-se em Deus; no segundo, percebe, justamente nas “coisas humanas”, que Deus e o seu Reino se fazem presentes, colocando-se à sua disposição para participar do seu anúncio salvador. “Eis que venho, ó Pai, para fazer a tua vontade”⁶¹. Como consequência, “assume” a vida como união com Deus, em sua paixão pela salvação do homem.

A diferença entre as duas é dada pela acentuação diversa da relação entre Reino de Deus e vida humana. Quem vive o desapego das coisas quer compreendê-las contemplando-as em Deus. A acentuação é colocada no reconhecimento do mistério de Deus, inacessível, lugar definitivo de repouso e felicidade para o homem. Quem, ao contrário, vive a paixão responsável e ativa

⁶⁰ L. BORRIELLO, *Contemplazione*, in L. BORRIELLO et al., *Dizionario di Mistica*, Cidade do Vaticano, Editora Vaticana, 1998, 338-344. Pode-se ver à pág. 348 uma resenha bibliográfica essencial sobre a questão da ação e contemplação

⁶¹ Hb 10,7

pela salvação, acentua a Encarnação de Deus, a sua inserção nas coisas da história. Contempla Deus que oferece a sua graça para construir aqui e agora o seu Reino, goza como Jesus das maravilhas que o Pai opera nos humildes e nos pobres. Deus é assim “compreendido” na contemplação das coisas e nas diversas atividades do Reino.

As duas atitudes são importantes e irrenunciáveis. Trata-se de acentuações que influem na distribuição do tempo e nas opções do estilo de vida. Afirma-se, do Salesiano, que a sua contemplação aflora e se manifesta, sobretudo na paixão pela vida dos jovens; que, portanto, seguindo o mistério da Encarnação, procura entrar profundamente nela.

“Contemplar na ação” não quer dizer necessariamente pensar em Deus enquanto se trabalha. Trata-se mais da tomada de consciência de que na atividade humana está em jogo a realização do Reino de Deus. Contemplar na ação é um caminho que exige condições análogas ao contemplar na quietude e, mesmo sendo graça, é algo conquistado através da cruz.

Algumas condições para ser “contemplativos na ação”

Elenco sinteticamente alguns traços que permitem ao Salesiano contemplar a Deus na vida.

a. Orientação interior

Todos os caminhos de espiritualidade, também o do contemplativo na ação, só têm valor quando levam ao santuário do coração, onde a Verdade nos precede⁶². Insistimos na formação religiosa sobre a interiorização; na religiosidade difusa,

⁶² S. Agostinho admoesta: “Noli foras ire. In teipsum redi: in interiore homine habitat veritas”

distingue-se a emoção de um momento da fé madura e personalizada.

Para ser contemplativo na ação é preciso um *clima interior*, feito de fé aberta e vigilante, de humildade e paciência, de fidelidade a Deus e aos homens, de domínio de si e de abertura aos horizontes da eternidade. A qualidade da contemplação na ação é dada pela qualidade humana do gesto que se realiza e da consciência, implícita, mas viva no profundo do crente, de que o Reino de Deus está aqui e agora, ou que o Reino de Deus não se realiza nesta ou naquela situação. No primeiro caso, alegra-se; no segundo, sofre-se. Sofrer e alegrar-se são fruto da contemplação.

“Cada um de nós – recordam-nos as Constituições – tem necessidade de exprimir em seu íntimo o modo pessoal de ser filho de Deus, manifestar-lhe a gratidão, confidenciar-lhe os desejos e as preocupações apostólicas”⁶³ para que toda a sua vida seja “compennetrada de espírito apostólico, e toda a ação apostólica seja animada de espírito religioso”⁶⁴.

Podemos trazer sinteticamente, a esta altura, os pensamentos sobre o P. Cafasso, que foi mestre seguro de oração para Dom Bosco, indicativos do melhor caminho para viver a caridade unitiva e iluminante na ação. Interessam-nos as atitudes fundamentais, enquanto as práticas estão ligadas à pessoa e ao tempo.

“O primeiro segredo – diz Dom Bosco a respeito de Caffasso – foi a sua constante *tranqüilidade*. Ele tinha como familiar o dito de Santa Teresa: *nada te perturbe!* Por isso, com ar sempre sorridente, sempre cortês, com a doçura própria das almas santas, ele desempenhava com energia qualquer trabalho, mesmo prolongado, difícil e, às vezes, semeado de dificuldades espinhosas. Sem, porém, agitar-se, sem que a multidão ou a gravidade

⁶³ C 93

⁶⁴ PC 8

das coisas lhe trouxesse a mínima perturbação. Essa maravilhosa tranqüilidade fazia com que ele pudesse tratar com calma muitos e variados trabalhos sem perturbação das faculdades intelectuais”⁶⁵. É uma espécie de figura oposta a de um determinado apóstolo agitado, que se pode encontrar hoje.

O segundo segredo é a longa *prática dos negócios unida a uma grande confiança em Deus*. “Ele repetia com freqüência as palavras do real profeta Davi: *Dies diei eructat verbum* (Sl 18,2). Aquilo que me aconteceu hoje serve de norma para aquilo que deverei fazer amanhã. Esta máxima unida à sua prudência, à sua experiência e ao seu longo estudo do coração humano, tinha-lhe tornado familiares as mais elevadas questões. As dúvidas, as dificuldades, as questões mais complicadas desapareciam diante dele. Sendo-lhe apresentada uma questão, compreendia-a apenas ao ser enunciada, e elevando um instante o seu coração a Deus, respondia com prontidão e tal exatidão que uma longa reflexão não o teria feito pronunciar um juízo melhor”⁶⁶. É a formação permanente na e a partir da vida em confronto com a Palavra.

O terceiro segredo era a exata e *constante ocupação do tempo*. “No espaço de trinta e mais anos que o conheci, não me recordo de tê-lo visto passar um instante que se pudesse dizer ocioso. Concluída uma atividade, iniciava logo uma outra. Quantas vezes foi visto ficar cinco e até seis horas no confessionário e ir em seguida ao quarto, onde iniciava logo a costumeira audiência, que durava muitas horas. Quantas vezes, também [foi visto] chegar sem forças da

⁶⁵ BOSCO G., *Biografia del Sacerdote Giuseppe Caffasso esposta in due ragionamenti funebri*, Paravia, Turim 1860, pp. 01-95. Ver: OPERE EDITE, vol. XII, p. 351. Dom Bosco apresenta em Apêndice, os *Pensieri del sacerdote Caffasso Giuseppe per passar bene la giornata*: “1. Fazer tudo como o faria o próprio Senhor Nosso Jesus Cristo. – 2. Fazer as nossas ações do modo como gostaríamos de tê-las feito quando nos for pedidas as contas no tribunal de Deus. – 3. Fazer tudo como se fosse a última da nossa vida. – 4. Fazer as coisas como se não tivéssemos outra coisa para fazer” (*ivi*, p. 110)

⁶⁶ *Ibid.*

pregação ou das confissões na prisão e, convidado a repousar por um momento, ele respondia: a conferência serve-me de repouso”⁶⁷.

O quarto segredo é a *temperança* que, nele, era penitência atenta e que, em Dom Bosco, mostra a coerência de elementos que configuram a espiritualidade salesiana. *Sem uma grande sobriedade, diz ele, é impossível fazer-nos santos*. “Nessa condição, cada dia, cada semana, cada mês e o ano inteiro, à exceção do momento da refeição, o resto do tempo podia empregá-lo em coisas úteis para o bem das almas”.

Com estes quatro segredos – conclui Dom Bosco – o P. Caffasso conseguia realizar muitas e variadas coisas em breve tempo e levar assim a caridade ao mais sublime grau de perfeição: *Plenitudo legis dilectio* (Rm 13,10)⁶⁸.

b. Intenção

Não é verdade que qualquer atividade seja oração. Para que a nossa ação possa ser lugar de encontro e comunicação com Deus, é necessário que a nossa ação seja feita em correspondência com a vontade de Deus e que proceda da união íntima com Ele.

A necessidade que o Salesiano tem de reservar um tempo específico para a oração pessoal e comunitária não está na negação de que a vida cotidiana possa ser o lugar do encontro com Deus nos jovens, ou porque se considere que a verdadeira oração seja somente a explícita, feita na capela; mas, sobretudo, porque o Salesiano está consciente da sua criaturalidade, do seu ser pecador, portanto. Justamente por isso pode desviar a intenção em sua ação e precisa da intimidade com o Senhor para purificar as motivações da ação e, assim, continuar a relacionar-se com Deus lá onde Ele quer se manifestar: na vida.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Ibid.

O Salesiano, pela oração explícita, escava no íntimo de si mesmo e purifica a opção fundamental, confirma a Deus como Senhor da própria existência, aquele que orienta a vida e dá sentido a todas as coisas que faz. O Salesiano reconhece, na oração explícita, pessoal e comunitária, a prioridade da opção por Deus, como amor supremo que exclui tudo o que se lhe opõe.

Faltando a purificação da intenção, que procede da união íntima com Deus, a ação – também a que podemos chamar de índole apostólica – torna-se obra das nossas mãos e, portanto, causa de empobrecimento espiritual. “A característica sobriedade nas práticas de piedade, querida por Dom Bosco, deve ser interpretada, pois, não como um minimalismo relaxado, mas em referência ao contexto. Neste caso, à riquíssima e intensa atmosfera sobrenatural do Oratório de Valdocco, seja como irradiação da santidade de Dom Bosco, seja como resultante do ambiente de fervor que ele criara entre os jovens, e no qual Deus era indiscutivelmente o centro de tudo”⁶⁹.

A transformação da vida em oração supõe, portanto, uma sólida união com Deus. Só então a oração explícita poderá diminuir, se assim for desejado, porque a ação transformada em oração vem lá de onde a alma se perde em Deus⁷⁰.

c. Sentir-se instrumentos de Deus em favor dos jovens

Contra o risco do eficientismo invasor e da busca única de resultados, os Salesianos sentem em seu trabalho a urgência de uma atitude de *humildade radical*. Trata-se de ser fiéis à missão recebida. Antes, então, de um dar, a nossa missão é um receber. Não somos proprietários do Reino nem da missão recebida. A Vinha tem um

⁶⁹ RICCERI L., *Lettera Del Rettor Maggiore ai Salesiani: La preghiera problema vitale*, ACS 269, janeiro-março 1973, p. 45

⁷⁰ cf. *Ibid.* p. 46

Patrão. O trabalho torna-se oração quando feito com espírito de obediência e disponibilidade Àquele que nos enviou: “Nós não anunciamos a nós mesmos, mas anunciamos a Jesus Cristo Senhor, e nos consideramos vossos servidores por causa de Jesus”⁷¹.

O Salesiano comporta-se como “místico” na ação quando, consciente da própria fraqueza, trabalha procurando saber o que é agradável a Deus e deixando-se conduzir pela vontade daquele que quer que todos os homens sejam salvos.

A vida espiritual do Salesiano consiste justamente em deixar que esse amor divino preencha o seu coração para poder difundi-lo entre os jovens. O “silêncio de todo o ser”, de que fala o CGE, “nasce justamente da necessidade de proceder sempre mais na intimidade com Deus ‘sumamente amado’: um silêncio que nos coloca na condição de escutar verdadeiramente a Deus, e de identificar-nos com o seu desígnio de redenção”⁷².

O Salesiano sabe que foi escolhido para ser testemunha e instrumento da presença ativa de Deus na história. Descobre o quanto a sua ação é precedida e superada por uma presença mais forte. Alegra-se com isso, intercede e louva. Através da presença do Salesiano, o jovem é tocado por um amor novo, poderoso e transformador⁷³.

⁷¹ 2Cor 4,5

⁷² cf. CGE, 552

⁷³ Temos, por exemplo, o testemunho do P. Albera: “Dom Bosco tinha uma predileção para conosco de maneira única, toda sua... Eu sentia que era amado de modo jamais experimentado antes, que nada tinha a ver nem mesmo com o amor vivíssimo que meus inesquecíveis genitores me davam. O amor de Dom Bosco por nós era algo singularmente superior a qualquer outro afeto... Era o seu amor que atraía, conquistava e transformava os nossos corações!... E não podia ser de outra forma, pois emanava de cada uma de suas palavras e ações a santidade da união com Deus, que é caridade perfeita... Ele nos atraía a si pela plenitude do amor sobrenatural que ardia em seu coração... Éramos seus, porque em cada um de nós havia a certeza de que ele era realmente homem de Deus no sentido mais expressivo e compreensivo da palavra... Em sua santidade estava todo o segredo daquela atração que conquistava para sempre e transformava os corações... O seu sistema preventivo não era outra coisa que a caridade, ou seja, o amor de Deus que se dilata no abraço de todas as criaturas humanas, sobretudo, as mais jovens e inexperientes”: P. ALBERA, *Lettera circolare del 18 ottobre 1921: Don Bosco nostro modello*, Turim, Direção Geral Obras de Dom Salesianas, 1965, 373-375

“Sinal e portador do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres”⁷⁴, traduz-se para o Salesiano na tríplice atitude de compaixão, aproximação, intercessão, salvação efetiva pelos jovens.

d. Descobrir a presença do Espírito na vida dos jovens

As Constituições falam da docilidade e disponibilidade em sempre renovar a atenção ao Espírito: “Atento à presença do Espírito e tudo fazendo por amor de Deus, [o Salesiano] torna-se, como Dom Bosco, contemplativo na ação”⁷⁵.

O Espírito age no fundo de toda consciência humana. É preciso saber descobrir e interpretar essa presença misteriosa, reconhecer os seus sinais, individuar os lugares privilegiados e as diversas manifestações do Espírito na vida dos jovens.

O Salesiano, com admiração e alegria, descobre Deus trabalhando no coração acolhedor, no grupo aberto, no acontecimento banal e inesperado. Está disposto, por isso, a encontrar o jovem lá onde ele se encontra, consciente de que deve interpretar bem o sentido da ação divina para ser seu servidor e cooperador visível. Está convencido de modo muito particular que Deus fala secretamente a todo jovem, convidando-o com desvelo ao diálogo da Aliança nesse momento decisivo de sua história pessoal.

Em lugar da condenação, o Salesiano prefere o discernimento como instrumento de leitura da história do ponto de vista cristão. Critério esse que implica a aceitação da história sem reservas preconceituosas e sem ingenuidade; antes, a história é o lugar

⁷⁴ C 2

⁷⁵ C 12

da leitura dos “sinais”, isto é, dos significados relevantes para a fé cristã (cf. *Mt* 16,4)⁷⁶.

À diagnose dos sinais dos tempos, corresponde a terapia da atualização, para alongar “o ouvido às vozes da terra”⁷⁷ e estabelecer assim uma relação viva e vital com o passado, o presente e o futuro.

A contemplação está incluída, dessa forma, na doação plena a serviço dos jovens e do povo, aceitando suas exigências quotidianas a exemplo do Bom Pastor: participar da paternidade de Deus, trabalhando como Ele em favor da vida, das formas mais elementares (alimento, casa, instrução) às mais altas (revelação do Evangelho, vida de fé).

O Salesiano exerce o seu papel de “instrumento do amor de Deus aos jovens” sob o signo da consistência histórica: “O Salesiano deve ter o sentido do concreto e estar atento aos sinais dos tempos, convencido de que o Senhor o chama através das urgências do momento e do lugar”⁷⁸.

CONCLUSÃO

Até aqui, algumas considerações sobre a oração do Salesiano. Com a expressão de Dom Bosco, podemos chamá-la de *oração do “da mihi animas”*. Ela deveria impregnar o agir do

⁷⁶ Entre a numerosa bibliografia sobre o discernimento, cito algumas publicações recentes: J. M. CASTILLO, *El discernimento cristiano. Para una conciencia crítica*, Salamanca, Sígueme, 1984; M. COSTA, *Sentire, giudicare, scegliere, nello Spirito*, Roma, CVX, 1995; M. RUIZ JURADO, *Il discernimento spirituale. Teologia, storia, pratica*, Cinisello Balsamo, San Paolo, 1997; *L'attitudine al discernimento*, Milão, Ancora, 1998; E. FORTUNATO, *Il discernimento. Itinerari esistenziali per giovani e formatori*, Bolonha, EDB, 1999

⁷⁷ GIOVANNI XXIII, *Discorsi, messaggi, colloqui del Santo Padre Giovanni XXIII*, I, Cidade do Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1960, 10

⁷⁸ cf. J. AUBRY, *Al centro della santità salesiana: la carità apostolica. Abbozzo di una spiritualità dell'azione salesiana*, in M. MIDALI (Ed.), *Spiritualità dell'azione. Contributo per un approfondimento*, Roma, LAS, 1977, pp. 207-228

Salesiano pelo bem dos jovens. Dom Bosco insiste que seus filhos assumam o hábito de conjugar numa única realidade o trabalho, que pode ser quase frenético, e a oração, que é respirar Deus, para que toda ação seja como um “saltério de boas obras”.

É preciso recordar que o amadurecimento pessoal e o crescimento comunitário não se excluem; pelo contrário, devem apoiar-se e integrar-se reciprocamente. “Conseguiremos formar comunidades que rezam, só se nos tornarmos pessoalmente homens de oração”⁷⁹.

“A ação do Espírito é para o professo fonte permanente de graça e apoio no esforço quotidiano para crescer no perfeito amor a Deus e aos homens. Os irmãos que viveram ou vivem em plenitude o projeto evangélico das Constituições são para nós estímulo e ajuda no caminho da santificação”⁸⁰.

A oração dos nossos Santos

O testemunho de irmãos e irmãs a caminho dos altares manifesta o quanto esta forma de oração não seja uma proposta caída do ar, mas já assumida por irmãos e irmãs que a vivem no cotidiano, como também têm confirmado os que examinaram suas vidas e virtudes à luz da teologia. É interessante visitar novamente sua caminhada na condição de consagrados/as ou leigos, porque há uma constante evidente: nota-se, em todos, uma valorização sentida das práticas ou momentos explícitos, com frequência, retalhados pessoalmente, e a entrega do próprio trabalho e da própria vida nas mãos do Senhor.

⁷⁹ C 93

⁸⁰ C 25

A canonização de **Dom Luís Versiglia** é recente.

Ele escreve ao Carmelo de Florença: “Elevemos mais alto os nossos corações, esqueçamos mais de nós mesmos e falemos mais de Deus, de modo a servi-lo mais, de consolá-lo mais, da necessidade e do modo de conseguir-lhe almas. Vós, Irmãs, podeis falar mais facilmente a nós das finezas do amor de Jesus, nós quem sabe, podemos falar-vos da miséria de tantas almas que vivem distantes de Deus e da necessidade de levá-las até Ele; nós nos sentiremos elevados ao amor a Deus, vós vos sentireis mais impelidas ao zelo”⁸¹.

A propósito do venerável **Artêmides Zatti**, ouvimos falar particularmente de sua incansável caridade⁸². A intensidade com que o Servo de Deus vivia o sentido da presença de Deus, levava-o a vê-Lo nos doentes e sofredores a ponto de modelar o seu modo de falar: “Irmã, prepare um bonito leito para o Senhor”. Encontramos isso repetidamente relevado nos testemunhos.

“A impressão que tive – afirma uma testemunha – foi de um homem *unido ao Senhor*. A oração era como o respiro de sua alma, todo o seu modo de agir demonstrava que vivia plenamente o primeiro mandamento de Deus, amava-o com todo o coração, com toda a mente e com toda a alma”⁸³.

“Era evidente – acrescenta um outro – que o Servo de Deus *praticava uma oração contínua*; de bicicleta, pedalava e rezava, assim como quando curava os doentes [...]; proferia com espontaneidade expressões de fé e pronunciava *frases que elevavam o espírito, também com os religiosos*”⁸⁴. E ainda: “Zatti

⁸¹ *Lettere al Carmelo di Firenze*, Arq. Sa. 9,3, Verso

⁸² *Positio*, p. 212

⁸³ *Summarium*, p. 43, n. 160

⁸⁴ *Summarium*, p. 179, n. 731

moveu-se, na juventude e na idade adulta, numa *esfera sobrenatural*, sem outro interesse que a glória de Deus e a salvação das almas”⁸⁵.

Também o P. **Luís Variara**⁸⁶ caminha para a Beatificação.

A vida cristã e religiosa do P. Luís Variara foi caracterizada por uma intensa visão teológica e por uma constante atividade sacerdotal e missionária. A fé viva, que foi nele fonte de força espiritual, era tão simples e forte a ponto de não deixar lugar ao cansaço e ao desânimo; e justamente com a fé ele conseguiu superar todos os obstáculos que se interpuseram em seu caminho, sempre e unicamente por amor de Deus e do próximo.

O amor do P. Luís Variara para com Deus é testemunhado pelo seu modo de rezar, pelo seu ardor eucarístico, pela sua devoção aos Corações de Jesus e de Maria. O tipo de apostolado feito por ele é o melhor testemunho de amor ao próximo, pela fortaleza heróica com que soube realizá-lo até o fim.

A liturgia da vida

Acrescento ao aceno aos nossos Santos e Servos de Deus, que poderia ser aprofundado, uma descrição da oração educativa quotidiana. Tiro-a de um texto do CG23: “Para o Salesiano, educar os jovens à fé é trabalho e oração. Ele está consciente de que, trabalhando pela salvação da juventude, faz experiência da paternidade de Deus. (...) Dom Bosco nos ensinou a reconhecer a presença operante de Deus em nosso trabalho educativo, a experimentá-la como vida e amor. (...) Cremos que Deus nos está esperando nos jovens para dar-nos a graça do encontro com

⁸⁵ *Summairum*, p. 182, n. 743

⁸⁶ PIÑARTE E., *L'Osservatore Romano* 4.12.1997

Ele e para dispor-nos a servi-Lo neles, reconhecendo a sua dignidade e educando-os à plenitude de vida.

O momento educativo torna-se assim, o lugar privilegiado do nosso encontro com Ele⁸⁷ e da contemplação da sua obra na vida do homem.

Quem educa é chamado a reconhecer Deus que atua na pessoa humana e colocar-se ao seu serviço. Algo de semelhante ao que Maria teve que fazer para que a consciência divina se manifestasse de forma histórica na humanidade de Cristo. Maria teve que acompanhá-lo e sustentá-lo com o alimento, o afeto, o conselho, o ensino da língua e das tradições, a inserção nas relações humanas, a iniciação nos gestos e nas palavras religiosas, sem saber plenamente o que se teria revelado em seu filho.

Há um diálogo misterioso entre cada jovem e aquilo que lhe vem de fora, o que surge dentre dele, o que descobre como imperativo, graça ou sentido. Ele vai, aos poucos, adquirindo plena consciência de si, vai elaborando um projeto de existência no qual aposta suas forças e joga suas possibilidades.

O educador é chamado a oferecer tudo aquilo que julgar oportuno, vivendo com esperança as incógnitas do futuro. Interessa-se sinceramente pelo incerto aspecto humano que cresce. Nele, de fato, Deus será acolhido e, também em vista do crescimento, Ele se manifestará com sempre maior luminosidade.

Quem educa, portanto – pai, professor, amigo ou animador –, mantém viva a consciência de que faz parte da festa do encontro de Deus com os jovens. É o amigo do esposo, não protagonista, mas auxílio e expectador ativo, como Maria nas bodas de Caná.

Justamente na fé que entrevê a ação de Deus, na esperança que espera a sua manifestação na vida dos jovens e na caridade,

⁸⁷ CG23, 94-95

que se coloca à disposição do jovem e do esposo, desenvolvem-se os sentimentos e vivem-se como oração os momentos educativos de alegria, espera, dor, esforço, aparente falência. Agradece-se, rejubila-se, lamenta-se, intercede-se, deseja-se, invoca-se.

A celebração litúrgica tem um *Kyrie*, um *Gloria*, um *Credo*, uma oferta, um espaço simbólico, uma comunidade, tempos de penitência e de exultação. A liturgia da vida tem, igualmente, momentos de resultados gratificantes e de desilusão, de iniciativa e de espera, de solidão e de companhia. Há um espaço (pátio, escola, bairro!) e pessoas a amar, e com as quais colaborar de coração (a comunidade educadora).

Tudo isso, vivido à luz da presença operante de Deus, torna-se *oração – contemplação*. Acontece como na comunicação entre pessoas que se conhecem bem: o sentimento pode ser expresso com palavras, gestos, presentes, olhares, silêncios, visitas, mensagens de telefone ou fax.

Trata-se – diria Santo Agostinho – de “tomar nas mãos o saltério das boas obras e com ele cantar os louvores do Senhor”.

Deve-se ter presente, porém, que existe uma relação entre atitude contínua de oração e exercício de oração, entre oração-palavra e oração-vida, entre oração explícita e oração difusa ao longo da jornada, entre liturgia celebrada e liturgia da vida. Será, possivelmente, nessa relação que se terão dificuldades, mas nela está, ao mesmo tempo, a riqueza do Salesiano e, por isso, um ponto fundamental da sua formação espiritual-apostólica.

Os dois elementos ou aspectos são importantes: um para o outro, ambos para a estabilidade e a plenitude da vida consagrada. Quem deixar um deles, perderá o outro.

Quem sugere e educa precisa de aprendizagem e tempos

especiais de contemplação. “Muitos crêm que a oração venha por si, e não querem saber do seu exercício, mas erram”⁸⁸.

É preciso uma iniciação calma e progressiva às diversas formas de oração: vocal, mental, leitura, silêncio, contemplação, fórmulas, criatividade. É preciso praticá-las em diversas situações e momentos, a ponto de impregnar a vida, de modo que a oração entre e venha para fora de nós por muitos caminhos e de muitas formas.

O exercício enraíza o hábito: a regularidade é determinante; todas as coisas importantes em nossa vida precisam de um horário, de um tempo reservado; se não as podemos fazer no horário de costume em determinado dia, fixamos logo um outro. Assim como para comer, dormir, lavar-nos.

As mediações comunitárias são indispensáveis para nós: lugares, tempos, formas, comunidade. Digo “para nós”, porque o estilo comunitário recobre todas as dimensões da nossa vida. Poderá ser diferente para outros religiosos. É também exigida, porém, a aplicação pessoal. O resultado e a modalidade dessa aplicação são diversos. Cada um tem o seu modo de rezar, como tem o seu modo de falar, caminhar e olhar. Interpretem-se nessa chave a maior ou menor emotividade, as distrações, as preferências para a reflexão ou as fórmulas, os períodos de cansaço.

Tendo considerado tudo isso, o que é necessário, devemos reconhecer que a oração do cristão continua sendo um dom. Cristo é o único orante. Ele nos incorpora em sua oração no Espírito. Não sabemos nem o que dizer nem como dizê-lo. O Espírito coloca em nossos lábios o que convém pedir: “O Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza, porque ainda não sabemos como devemos rezar. Mas o próprio Espírito intercede por nós com

⁸⁸ GUARDINI, R., *Lettere su autoformazione*, p. 91.

gemidos inexprimíveis. Aquele que conhece profundamente os corações sabe qual é o desejo do Espírito, porque ele intercede pelos santos de acordo com a vontade de Deus”⁸⁹.

“Freqüentemente – diz um autor – os livros e guias falam da oração como de uma capacidade que é preciso adquirir com esforços próprios, como uma ciência ou uma habilidade (...); sentimos-nos perdidos em estradas intrincadas e fica frustrado, de novo, o desejo de poder rezar”. “Senhor, ensina-nos a rezar”.

Nossa vida precisa integrar reflexão e práxis, estudo e atividade, silêncio e encontro, embora para nós isso não esteja ligado a uma rígida alternância de tempos. Sobretudo nas condições atuais de vida em que somos mais expostos à multiplicidade, ao desgaste, à urgência dos trabalhos.

Iniciação dos jovens à oração

Um último ponto, não menos importante, é o da iniciação dos jovens à oração. Agradecendo ao Senhor, um primeiro nível geral é oferecido a todos através da catequese, da oração diária bem cuidada, das celebrações da Eucaristia, das festas.

Os grupos juvenis que seguem a Espiritualidade Juvenil Salesiana podem conjugar melhor a oração explícita e a oferta de si pelos outros segundo o plano de Deus. Surgem nos grupos, os animadores e dirigentes. Eles não devem ser apenas “movimentistas”, coordenadores, mas animadores de uma experiência humana e espiritual, de acordo com a própria idade e preparação. É bom que existam ocasiões e escolas de oração entre os grupos e para seus membros.

A participação dos jovens na oração comunitária, conforme os tempos e condições oportunas, pode ser também um estímulo

⁸⁹ Rm 8,26-27

e uma proposta. Não nos esqueçamos de que deles brota sabedoria de vida através da Palavra escutada, da partilha, da tomada de consciência do nosso porto definitivo, da atenção ao Espírito.

Maria, ícone da nossa oração

Maria é ícone, modelo e inspiração desta forma de oração: no diálogo da Anunciação, no grato e alegre hino do *Magnificat*, na surpresa no templo, no cuidado atento com Jesus, no seguimento até à Cruz.

Existe aí um instantâneo no qual a atitude de Maria aparece em seu esplendor simples e essencial. O momento da Encarnação é um acontecimento aparentemente insignificante, que se dá numa pequena nação, nos arredores de uma pequena cidade desconhecida, fora dos ambientes onde acontecem as coisas que contam e onde são tomadas as decisões que influem sobre o povo. Belém é o oposto de Roma, Jerusalém ou Babilônia. A gruta é a antítese de uma casa real, de um templo ou de um palácio.

Dessa forma, o fato teria ficado escondido e insignificante para sempre. O anúncio dos anjos, contudo, faz com que se torne “notícia” para os pastores que escutam não só a narração do acontecimento, mas a sua interpretação salvífica: o menino que nasceu não é um homem qualquer; é o esperado, o Salvador.

Lucas reproduz assim a natureza da evangelização. Ela não é uma doutrina sobre Deus e o mundo, nem ensina apenas verdades religiosas ou éticas, mas refere eventos realmente acontecidos, evidenciando o significado que têm para o homem e a mensagem neles contida. A luz que se desprende do anúncio vem de Deus, mas está contida e é revelada nos fatos da história humana.

Lucas sublinha aqui o conhecimento diverso que os vários personagens têm da Encarnação e do seu significado, que é a

chave para viver todos os outros acontecimentos da vida pessoal e social na fé.

Os *pastores* devem ir ao lugar onde a Encarnação acontece e podem ter um testemunho direto. Ficam ali por um pouco de tempo e escutam Maria. Retornam, depois, e referem o que lhes foi dito sobre o menino. Eles não têm experiência pessoal de fatos anteriores, como a anunciação e o nascimento virginal e nem sequer assistiram ao aparecimento de Jesus.

O *povo* que escuta os pastores fica admirado com o que eles contam. Não exprime ainda a fé, mas é apenas tomado pelo interesse inicial, pela curiosidade das maravilhas em que pode ter início a fé.

“*Maria*, por sua vez, conserva todas essas coisas, meditando-as em seu coração”⁹⁰. Ela não deve ir, como os pastores, ao lugar onde se dá a Encarnação. Já está ali, faz parte do evento. Não deve ouvir de outros como as coisas se deram e qual o seu significado. Ela conserva a memória de todas as promessas feitas à humanidade, como demonstra o *Magnificat*, e está consciente de que Aquele que cresceu em seu seio vem do Espírito Santo.

Maria, diversamente dos pastores, não se distancia do lugar do evento após ter visto o menino. Ela fica. Não pode afastar-se. Onde quer que Jesus se encarne, Ela é indispensável. Não entende, ainda, todos os significados que se desprendem da Encarnação, nem pode enumerar todas as energias que brotam dela.

Revelam-se ao longo da vida de Cristo e ao longo de todos os séculos novos significados e energias. Maria, porém, conserva no coração, a lembrança do evento, tem-no como caro, medita-o, está atenta e, no momento necessário, sabe-o repensar para descobrir suas novas conseqüências.

⁹⁰ Lc 2,51

Essa é a meditação de Lucas, que pode sugerir também a nós algum ponto de meditação sobre a nossa espiritualidade pastoral.

Não podemos ser apenas visitantes, turistas da palavra e do mistério de Cristo. Santo Agostinho, comparando as atitudes das três categorias de pessoas das quais falamos, pergunta ao cristão: A quem te assemelhas? Aos que ouvem o anúncio e apenas se admiram? Aos pastores que vêm à gruta, ouvem algumas notícias e partem para anunciá-la? Ou a Maria que recolhe toda a verdade de Cristo, a conserva na mente e a medita continuamente? A admiração dos primeiros dilui-se logo; a informação dos pastores, embora ditada pela fé, é imperfeita e germinal. Somente quem contempla e interioriza o mistério de Cristo pode tirar dele nova luz e significados para os tempos e os povos.

A história da Igreja enumera muitas figuras de evangelizadores de primeiro plano. São todos “meditadores” pacientes da Palavra e humildes contempladores do mistério. Aquilo que aprofundaram na oração e no estudo, expressam-no na pregação, nos escritos, na guia da comunidade cristã, na orientação das almas.

Comunicar o acontecimento de Cristo é a nossa profissão e a finalidade da nossa vocação. Devemos ser seus especialistas, para que nos aproximemos dele com calma e tempo, busquemos nele luz para a nossa vida pessoal, confrontemo-lo comunitariamente com o que observamos em nosso ambiente: isso se chama *interioridade*. Não é uma operação técnica, mas o efeito de uma paixão: “Eu vos gerei em Cristo”⁹¹. Podemos-lo dizer também a respeito da educação cristã. Vem casualmente uma expressão de Dom Bosco: “Vejo agora na Congregação a necessidade de

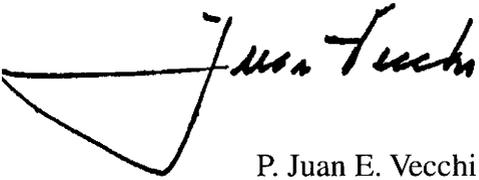
⁹¹ 1Cor 4,15

colocá-la ao reparo da frieza, promovendo o espírito de piedade e de observância religiosa”⁹².

Nossos ambientes têm, acima de qualquer outra finalidade, a vocação de fazer transparecer a presença de Deus; o resto vem como consequência.

Com os votos de um Ano novo rico de graça e fecundo de bem, auguro-vos o crescimento na experiência de oração, segundo o espírito Salesiano, para que, corroborados interiormente, possamos realmente ser “sinais e portadores do amor de Deus aos jovens”⁹³.

Com a proteção de Maria, Imaculada e Auxiliadora,

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J'.

P. Juan E. Vecchi
Reitor-Mor

⁹² MB XIV, p. 551

⁹³ C 2

PARA UM EMPENHO RENOVADO NA FORMAÇÃO: A REVISÃO DA *RATIO* DESEJADA PELO CG24

P. Giuseppe NICOLUSSI

Conselheiro Geral para a Formação

O Reitor-Mor P. Juan E. Vecchi promulgou em 8 de dezembro o texto revisto da *Ratio* Salesiana, que mantém o título das edições anteriores: *A formação dos Salesianos de Dom Bosco*. Contemporaneamente foi promulgada a terceira edição do fascículo *Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano. As admissões*.

É bom associar a palavra *Ratio* à preocupação da Congregação pela vocação de cada um de seus membros. A *Ratio*, afirma o Reitor-Mor, “testemunha de forma concreta o amor à vocação salesiana e àqueles que se sentem chamados a vivê-la na Igreja. Manifesta a responsabilidade da Congregação, empenhada em descobrir e acolher o dom de Deus e garantir a sua realização alegre e fiel”⁹⁴.

A Ratio

A *Ratio* tem como ponto fundamental de referência as Constituições: delas tira a visão da vida consagrada, o perfil do salesiano, os critérios e as normas para a formação.

⁹⁴ Apresentação de *Critérios de normas de discernimento vocacional salesiano*

A finalidade e a fisionomia da *Ratio* são expressas na exortação apostólica *Vita Consecrata* e nos Regulamentos Gerais.

Lemos em *Vita Consecrata*: “A *ratio* responde, hoje, a uma verdadeira urgência: de um lado, ela indica o modo de transmitir o espírito do Instituto, para que seja vivido em sua genuinidade pelas novas gerações, na diversidade das culturas e situações geográficas; de outro lado, ilustra às pessoas consagradas os meios para viver o mesmo espírito nas várias fases da existência, progredindo para a plena maturidade da fé em Cristo Jesus”⁹⁵.

Os nossos Regulamentos precisam, igualmente, os conteúdos e o talho fundamental desse “guia prático em nível mundial” para a formação salesiana: “A *ratio* – afirmam – expõe e desenvolve, de maneira orgânica e didática, o conjunto dos princípios e normas da formação que se encontram nas Constituições, nos Regulamentos Gerais e em outros documentos da Igreja e da Congregação”⁹⁶.

Motivos e finalidade da revisão

Quais os motivos que levaram o CG24 a pedir a revisão da *Ratio* 1985, mesmo reconhecendo a validade da organização, critérios e diretrizes nela contidos? Sintetiza-o assim o Reitor-Mor no decreto de promulgação:

“O Capítulo levou em consideração:

- as orientações eclesiais sobre a vida consagrada e o ministério sacerdotal que surgiram após a publicação da edição anterior, particularmente as exortações apostólicas *Vita Consecrata* e *Pastores Dabo Vobis*,
- os desafios da evangelização e da inculturação, fortemente

⁹⁵ VC 68

⁹⁶ R 87

incidentes em vista de uma vocação que se desenvolve em nível mundial e em contextos diversos,

- as novas acentuações da experiência vocacional salesiana sublinhados pelos recentes Capítulos Gerais,
- a necessidade de dar uma resposta adequada às exigências atuais e aos problemas da formação”.

É certo que, de 1985 até hoje, mudou não pouco *a situação vocacional e formativa* na Congregação; basta pensar, por exemplo, no desenvolvimento vivido na África e em algumas zonas da Ásia e da Oceania, na condição alterada do Leste Europeu e da Europa ocidental. A vida religiosa e a experiência salesiana são caracterizadas por novos relevos e problemáticas, a responsabilidade carismática da Congregação é interpelada por novos desafios, cada projeto de vida consagrada e de missão pastoral é tocado por novas exigências.

Os motivos indicados e outras considerações levaram os membros do Capítulo Geral a considerar estratégica a *renovação da práxis formativa*, a maior *coerência operativa* com as orientações existentes e, nesta perspectiva, a *revisão da Ratio*. Está claro, então, que a revisão da *Ratio* foi desejada em função da renovação da práxis formativa, ao serviço da qualidade da formação e da experiência vocacional salesiana, e não como simples atualização de um livro sobre a formação.

A revisão

Ao fazer a revisão, estiveram presentes *as intenções e indicações do CG24*, ulteriormente precisadas pelo Reitor-Mor e pelo Conselho Geral; foram, também, considerados com atenção os relevos e sugestões que vieram das Inspetorias, como solicitado a respeito, e dos especialistas consultados.

O texto conservou uma *continuidade substancial* com a edição anterior (a própria palavra “revisão” orientava nesse sentido), continuidade na organização e na estrutura, nos critérios fundamentais e no estilo.

O *texto é estruturado* em duas partes, seguidas de quatro anexos.

A *primeira parte – A formação salesiana em geral* – toca, em quatro capítulos, os elementos básicos da formação salesiana: seus pontos de referência e, em particular, a identidade vocacional, os valores e atitudes a cultivar, as linhas metodológicas a privilegiar.

A *segunda parte – O caminho formativo salesiano* – percorre, em oito capítulos, os diversos momentos da experiência formativa, vistos na perspectiva da formação permanente.

Os *anexos* referem-se ao diretório inspetorial, ao projeto inspetorial de formação e aos estudos. O quarto oferece uma lista de documentos eclesiais e salesianos relativos à formação.

Cada capítulo contém uma seção que traz o título: *Orientações e normas para a práxis formativa*. Essa seção recolhe algumas indicações e elementos normativos ou de orientação, significativos para a ação formativa.

Como suplemento ao que se diz na *Ratio*, sobre o discernimento vocacional e o acompanhamento formativo, deve-se acrescentar o fascículo *Crítérios e normas de discernimento vocacional salesiano. As admissões*.

Alguns aspectos a sublinhar

Não é finalidade destas poucas linhas sublinhar os elementos característicos da revisão feita, mesmo porque alguns deles não se referem a cada ponto, mas percorrem transversalmente o documento todo. Quem tiver uma certa familiaridade com o texto anterior poderá descobri-los facilmente.

É fácil notar, numa primeira visão, *algumas modificações de estrutura*, como por exemplo: a simplificação da parte inicial e a diversa organização do capítulo quarto, que trata das linhas metodológicas; a acolhida das quatro dimensões da formação humana, espiritual, intelectual, educativo-pastoral, como esquema mais harmonizado para a apresentação da experiência formativa em cada fase; a integração mais harmonizada da formação intelectual com as demais áreas; o relevo dado ao pré-noviciado e à preparação à profissão perpétua na dinâmica do caminho formativo salesiano; a maior amplitude dada às indicações pedagógicas e metodológicas.

Entre os *aspectos que receberam um relevo particular* podem-se evidenciar: o critério da identidade carismática e da qualidade vocacional e a centralidade da consagração apostólica; a personalização e inculturação da experiência formativa; a perspectiva da formação permanente; a partilha do espírito e da missão com os leigos e a formação conjunta; o papel do salesiano no novo modelo operativo; a importância de uma verdadeira atitude formativa em cada salesiano; a consistência das comunidades e das equipes, a responsabilidade de cada Inspetoria, que se manifesta numa capacidade real de reflexão, revisão e proposta, e a necessidade de uma decidida colaboração interinspetorial.

Um convite e uma responsabilidade: assumir a *Ratio* e traduzi-la em práxis formativa renovada

A revisão da *Ratio* quer ser sinal, estímulo e exigência da práxis renovada e coerente.

O texto é entregue pela Congregação a todos os salesianos. Os irmãos em formação encontram nela um convite motivado e concreto para identificar-se pessoalmente com a vocação.

O documento é confiado, de modo especial, às Inspetorias e

“empenha diretamente o Inspetor e o seu Conselho, os Diretores das comunidades, o Delegado inspetorial e a Comissão inspetorial para a formação, os formadores e todos os que têm encargos na animação vocacional e na formação inicial e permanente”⁹⁷. É tarefa deles *conhecê-la, torná-la conhecida e fazê-la cair na realidade inspetorial* e fazer com que ela seja um *constante ponto de referência*. Durante o processo de revisão, algumas Inspetorias constataram que a *Ratio* anterior era pouco conhecida e pouco valorizada.

As Inspetorias estão empenhadas na formação e não poucas estão dando uma real prioridade a essa responsabilidade. A publicação da *Ratio* e do fascículo *Critérios e normas de discernimento vocacional salesiano* deve ser para todas o início de *um processo de confronto atento e responsável* entre a situação formativa inspetorial e a proposta e orientações da Congregação e, conseqüentemente de uma decidida readequação da política e da práxis inspetorial neste âmbito vital. Esse processo, que deve envolver todos os irmãos, de diversos modos, poderá traduzir-se também na revisão do Diretório Inspetorial – seção formação –, do Projeto Inspetorial de formação, das formas de colaboração e co-responsabilidade interinspetoriais.

Como primeiro passo no processo de entrega e acolhida, o Dicastério para a formação, de acordo com os Conselheiros Regionais, promoverá ao longo de 2001 encontros de Inspetores, delegados inspetoriais, membros das comissões inspetoriais para a formação e formadores. Seguir-se-ão outras iniciativas em diversos níveis e em diversas formas.

“Mais do que novas formulações – afirmava o Reitor-Mor no final do CG24 falando da formação – é preciso adequar o fundamento formativo”⁹⁸, ou seja, garantir maior coerência operativa com as orientações já existentes.

⁹⁷ ESDB 17

⁹⁸ CG24 245

“A acolhida do espírito e das intenções que animam a *Ratio* por parte da Inspeção, comunidade responsável da inculturação do carisma, exige que se estabeleçam um clima e uma mentalidade formativa em nível inspetorial, um serviço de animação e de governo que dê prioridade real ao cuidado da vocação”⁹⁹.

“A formação – afirma o CG24 – propõe-se tornar as pessoas capazes de viver hoje a experiência da própria vida com maturidade e alegria, realizar a missão educativa com competência profissional, ser educadores-pastores, ser solidariamente animadores de numerosas forças apostólicas”¹⁰⁰. A fim de favorecer a realização dessa finalidade o Capítulo desejou a revisão da *Ratio* ao serviço de uma experiência vocacional autêntica, fiel e criativa.

⁹⁹ FSDB 18

¹⁰⁰ CG24 138

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Durante os meses de outubro-novembro, o Reitor-Mor, enquanto continua o tratamento prescrito pelos médicos, retoma o seu trabalho ordinário na sede – com os ritmos oportunos – e, embora devendo renunciar às viagens distantes, não deixa de participar de acontecimentos significativos.

Domingo, 1º de outubro, pela manhã, participa da solene concelebração com o Santo Padre para a canonização dos Mártires Salesianos, Dom Luís Versiglia e P. Calisto Caravario, santificados por João Paulo II no grupo dos 120 Mártires Chineses. São, também, canonizadas na ocasião Madre Maria Josefa do Coração de Jesus, Madre Katharine Drexel e Ir. Josefina Bakhita.

A festa salesiana teve seu coroamento à tarde, com a comemoração oficial dos dois santos mártires na Aula Magna da Casa Geral dos Salesianos. Juntamente com o Reitor-Mor e o seu Conselho, participam os Cardeais

Salesianos Rosalio José Castillo Lara e Antonio Maria Javierre Ortas, a Superiora Geral das Filhas de Maria Auxiliadora Madre Antonia Colombo, os Bispos de Turim e de Tortona, dioceses nas quais nasceram os novos santos, e um numeroso grupo de peregrinos chineses.

O discurso do Card. Castillo Lara é o ponto central da comemoração, concluída pelo Reitor-Mor, que exprime a grande alegria de toda a Família Salesiana pelos seus dois novos Santos e oferece aos participantes extraordinárias primícias: a notícia da beatificação dos Mártires de Valença, Espanha, que será celebrada no domingo 11 de março de 2001.

Segunda-feira, 9 de outubro, o P. Vecchi vai à UPS para a solene abertura do Ano Acadêmico. Retorna à UPS no dia 29 para encontrar-se com as Filhas dos Sagrados Corações e visitar o P. Archimede Pianazzi.

Sexta-feira, 27 de outubro, o Reitor-Mor encontra-se na Pisana

com cerca de trinta jovens da última série do Colégio “Gal. Belgrano” de Tucumán (Inspecoria de Córdoba, Argentina), vindos à Itália para visitar os lugares salesianos e celebrar a conclusão de seus estudos, recebendo o distintivo de ex-alunos das mãos do P. Vecchi. O encontro é muito cordial. P. Vecchi celebra a Santa Missa com eles e por eles.

Domingo, 29 de outubro, vai à casa “Madre Canta” das FMA para visitar as Irmãs e benzer um novo ambiente. À sua chegada é rodeado pelas Irmãs, ficando comovido com a manifestação de afeto da acolhida. Vai, em seguida, à sala a ser inaugurada. Após a leitura da Palavra de Deus, faz uma breve reflexão sobre o significado do acontecimento.

Realiza-se, a partir do dia 31 de outubro, na Aula Magna da Casa Geral o 3º Encontro Internacional de História da Obra Salesiana, que se conclui no dia 5 de novembro com a Concelebração Eucarística presidida pelo Reitor-Mor e a eleição da presidência da ACSSA. Às 16 horas do dia 31 o Reitor-Mor introduz os trabalhos, concluindo-os à noite de 4 de novembro com uma intervenção.

Sábado, 11 de novembro, o Reitor-Mor vai a Turim para presidir à solene Concelebração com a entrega do Crucifixo aos 113 novos missionários. Estão presentes muitíssimos sacerdotes.

A Basílica está repleta. No início da celebração Dom Peradotto apresenta a saudação do Arcebispo de Turim Dom Severino Poletto. Antes da leitura do Evangelho, o P. Luciano Odorico toma a palavra para apresentar os missionários e suas destinações. É um elenco ouvido com emoção, intercalado pelos vários “presente”, pronunciados com força pelos missionários. P. Vecchi faz a homilia (apresentada no n. 5.2 destes ACG).

Concluída a Concelebração, todos vão ao teatro, quase completamente reestruturado, para assistir ao entretenimento em homenagem ao Reitor-Mor. É o segundo motivo que ocupa a jornada: a *Festa do Reitor-Mor*. Está presente a Madre Antonia Colombo. Muitas pessoas participam. O espetáculo consiste numa manifestação de cantos e músicas intitulado *Um sonho sem limites*. É a representação do sonho de Dom Bosco, elaborado à luz das parábolas evangélicas do semeador

e do bom samaritano. O espetáculo é executado pelo Grupo Teatro do “Bearzi” de Udine. Ao término da manifestação o P. Vecchi sobe ao palco para a saudação final. O Reitor-Mor dirige aos presentes algumas breves palavras de agradecimento e explicação sobre o significado da festa.

Domingo, 12 de novembro, P. Vecchi vai à Casa “André Beltrami”, Valsalice, para celebrar a Santa Missa com os irmãos enfermos. Cumprimenta as Irmãs Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria e oferece-lhes o livro seu sobre a espiritualidade salesiana. Em seguida, vai à Capela onde esperam-no os irmãos enfermos e outras pessoas para a celebração eucarística, durante a qual o Reitor-Mor faz a homilia.

P. Vecchi manifesta aos irmãos o motivo da visita: “Hoje, eu quis fazer esta visita para dizer que a nossa pastoral juvenil, a nossa ação educativa, o nosso esforço missionário são apoiados pela graça de Deus com a contribuição da vida e do sofrimento dos Salesianos, FMA e todos os demais membros da Família Salesiana e consagrados a Deus. Estes oferecem ao Senhor, não tanto a

quantidade material das coisas que podem fazer, mas o poder do amor e o desejo que o Reino de Deus possa se afirmar, quanto possível, entre os jovens e adultos. Vim para fazer comunhão convosco nesta circunstância e nesta situação. Penso sempre em vós. Pensei em vós, de maneira particular, nestes meses, desde julho. Realizemos, juntos, a obra que Jesus nos confiou”.

À tardinha, P. Vecchi retorna a Roma.

Da quarta-feira, 22 de novembro, à manhã do dia 25 realiza-se em Ariccia a Assembléia da União dos Superiores Gerais. O Reitor-Mor participa do início da Assembléia na tarde do dia 22.

Domingo, 26 de novembro, Solenidade de Cristo Rei, o Reitor-Mor vai à Casa “Valsé Pantellini” das FMA, para celebrar a Santa Missa com a Comunidade.

Quarta-feira, 29 de novembro, conclui-se o seminário de estudo sobre “*O Oratório: revisão e balanço no novo contexto italiano às portas do terceiro milênio*”. Os participantes do seminário recebem a visita do Reitor-Mor, que lhes dá a boa-noite.

Quinta-feira, 30 de novembro,

P. Vecchi vai à UPS, comunidade das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria. Acompanham-no sua irmã Rosa e a sobrinha Rosana. O motivo é uma visita ao P. Archimede Pianazzi que completa, naquele dia, 94 anos. Após cumprimentá-lo e congratular-se com ele, preside à Santa Missa. Vários irmãos concelebram. Estão presentes as quatro irmãs da Comunidade e outras pessoas.

Sábado, 2 de dezembro, P. Vecchi encontra os Cooperadores e muitos salesianos e FMA, Delegados e Delegadas da Associação Cooperadores, reunidos no “Salesianum” (1-3 de dezembro) para a escola anual de responsáveis. Após algumas palavras de saudação, o Reitor-Mor tece algumas considerações referindo-se ao próximo Congresso da Região Itália e Oriente Médio, programado para a primavera de 2001.

Domingo, 3 de dezembro, o Reitor-Mor vai à Casa Geral das FMA para celebrar a Santa Missa com as irmãs. Logo à chegada é acolhido e cumprimentado pela Madre Geral Ir. Antonia Colombo, pela Vigária Ir. Rosalba Perotti, pelas Irmãs do Conselho Geral e outras Irmãs.

Terça-feira, 5 de dezembro,

tem início a sessão plenária do Conselho Geral presidida pelo Reitor-Mor.

Quarta-feira 6, de dezembro, vai novamente à UPS para a reunião do Senado Acadêmico.

Quinta-feira, 7 de dezembro, o Reitor-Mor vai a Turim para a conclusão, no dia seguinte, solenidade da Imaculada Conceição, do Jubileu Salesiano na igreja de São Francisco de Assis. À tarde, vai à comunidade de Leumann, onde participa da celebração do ato comunitário de entrega à Nossa Senhora. Preside a função e faz a homilia. Ao final, participa da ceia; em seguida vai a Valdocco para o repouso.

Sábado, 8 de dezembro, às 10 horas, o P. Vecchi vai à igreja de São Francisco de Assis para o solene encerramento do Jubileu Salesiano. É acolhido pelo Reitor da Igreja, P. Luigi Losacco, que o acompanha ao altar do Anjo da Guarda, onde Dom Bosco celebrou sua primeira missa e, depois, à sacristia para endossar os paramentos da Santa Missa.

A igreja está repleta de pessoas, muitas pertencentes à Família Salesiana. P. Vecchi faz a homilia (apresentada no n. 5.3 destes ACG). Antes da conclusão da

Missa, todos proclamam o ato de entrega a Maria. Retornando à sacristia e tirados os paramentos, deixa uma lembrança escrita no livro de visitas, que contém as assinaturas do Papa João Paulo II, do Card. Castillo Lara e outros ilustres hóspedes. Tendo visitado a saleta do primeiro catecismo e o pequeníssimo pátio, onde Dom Bosco reunia cerca de 80 jovens, o Reitor-Mor retorna a Valdocco para o almoço.

À tarde, P. Vecchi vai à Casa “André Beltrami” para cumprir os enfermos, aos quais dirige algumas palavras narrando os acontecimentos do dia. Em seguida, retorna a Valdocco. À tarde, preside a liturgia das Vésperas com as comunidades de Valdocco reunidas. No dia seguinte volta para Roma.

Segunda-feira, 11 de dezembro, o Reitor-Mor intervém no encontro internacional dos delegados inspetoriais e nacionais de comunicação social. À tarde, acompanhado pelo P. Giuseppe Nicoluzzi vai à UPS para os tradicionais cumprimentos natalícios aos irmãos das várias comunidades. Apresenta-lhes algumas considerações sobre vários pontos: o caminho jubilar, a expedição

missionária, a conclusão do jubileu salesiano, o Encontro histórico, a reunião dos Bispos salesianos prevista para maio próximo, o caminho para o CG25.

À noite de terça-feira, 12 de dezembro, o Reitor-Mor encontra-se com os irmãos que participaram do curso de formação missionária. Depois de assistirem a um filme missionário, dá-lhes a boa-noite.

4.2 Crônica dos Conselheiros Gerais

O Vigário do Reitor-Mor

Devido às condições de saúde do Reitor-Mor, o P. Van Looy preferiu ficar em casa o mais possível nos meses agosto-novembro de 2000.

Em 5 de agosto presidiu à celebração da profissão perpétua das FMA em Roma.

Acompanhou o Reitor-Mor, nos dias 12-13 de agosto – a Turim-Valdocco e ao Colle Don Bosco para participar do *Fórum 2000*, reunião internacional do Movimento Juvenil Salesiano.

Em 18 de agosto foi à Argentina para as celebrações do

Centenário do Instituto Leão XIII e do Colégio Dom Bosco em Buenos Aires. Visitou a missão de Rio Gallegos, o noviciado de Alta Gracia e pregou o retiro para os diretores e diretoras das Inspetorias de Buenos Aires e La Plata.

Retornou a Roma no dia 4 de setembro e, no mesmo dia, foi à Bélgica para passar alguns dias em família.

Participou, em Bonn – 25-27 de setembro –, de um encontro sobre a *Globalização*, organizado pela Procuradoria Missionária, em colaboração com a “Adenauer Stiftung”. Participaram dessa reunião alguns Bispos salesianos, Irmãos e Filhas de Maria Auxiliadora de todos os continentes.

Participou no dia 1º de outubro da canonização de Dom Luís Versiglia e do P. Calisto Caravario.

No dia 7 esteve em Mestre, para a reunião dos Ex-alunos/as do Trivêneto.

Foi a Milão em 8 de outubro para o encontro inspetorial SDB/FMA sobre o Oratório.

De 19 de outubro a 29 de novembro fez a *Visita Canônica Anual* à Casa Geral “Beato Miguel Rua”.

Esteve empenhado, nos dias

27-28 de outubro, no Conselho da União Mundial de Educadores Católicos (UMEC) em Roma; e acompanhou o encontro dos historiadores salesianos, de 31 de outubro a 5 de novembro.

Em 11 de novembro, com o Reitor-Mor, foi a Turim para a expedição extraordinária dos missionários.

Participou nos dias 22-27, em nome do Reitor-Mor, da reunião dos Superiores Gerais (USG) sobre o tema da *Globalização*.

Passou o dia 25 de novembro no Instituto “Villa Sora” de Frascati para celebrar o centenário daquela obra com a comunidade educativa, a comunidade civil – na sede do Município – e a Família Salesiana.

Desde o dia 5 de dezembro está empenhado nas reuniões da sessão plenária do Conselho Geral.

O Conselheiro para a Formação

Tarefa fundamental e quase exclusiva do Conselheiro para a formação e dos membros do Dicastério durante este período foi concluir a revisão da *Ratio* salesiana, *A formação dos Salesianos*

de Dom Bosco, e do fascículo *Crerios e normas de discernimento vocacional salesiano. As admissões*, integrando as indicações apresentadas pelo Conselho Geral na sessão de junho-julho, e preparar a terceira edição a ser impressa.

Os dois documentos foram promulgados pelo Reitor-Mor no dia 8 de dezembro. Os membros do Dicastério assumiram também a tarefa das traduções em inglês e espanhol. Já estão em fase adiantada as traduções em francês e em português feitas, em grande parte, por outros irmãos da Casa Geral.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil participa, com outros membros do Dicastério (3 de agosto) da preparação imediata do *Fórum* mundial do MJS, que tem início no Colle no dia 6, com a participação de 200 jovens animadores, representantes de todas as Inspetorias e nações. Com a Ir. Georgina, Conselheira responsável do âmbito da Pastoral Juvenil das FMA, acompanha os jovens nos dias do *Fórum* (6-13 de agosto) e

participa com eles da *Jornada Mundial da Juventude* em Roma (15-20 de agosto). Esses dias foram para todos um momento forte de experiência, aprofundamento da espiritualidade salesiana e desenvolvimento do sentido universal e eclesial do MJS.

De 22 a 25 de agosto, o P. Raúl Rojas participa, em nome do Dicastério, do encontro dos encarregados inspetoriais das escolas salesianas do Brasil. Vai, em seguida, a Cochabamba (Bolívia) para o encontro dos animadores inspetoriais das escolas das Inspetorias dos países andinos e da comissão central de coordenação para a preparação do encontro americano sobre a escola salesiana. Estes encontros colocam-se no caminho que se vai trilhando no continente americano, juntamente com as FMA, para a animação do setor da escola salesiana e da formação profissional.

O Conselheiro participa, 1-3 de setembro, da reunião dos diretores, párocos e conselhos locais da Inspetoria Romana, para aprofundar as linhas fundamentais da pastoral juvenil salesiana. Nos dias 9-10, apresenta aos salesianos e jovens do MJS da Inspetoria Lombardo-Emiliana a proposta

pastoral para o ano 2000-2001, e preside a celebração da profissão perpétua de quatro irmãos.

A partir de 27 de setembro faz uma visita de animação à Inspeção de Manaus, Brasil, onde de 2 a 4 de outubro anima a reunião dos animadores pastorais das comunidades. Parte, depois, para a Visitadoria de Haiti, onde se encontra com a comissão inspetorial de pastoral e visita algumas obras salesianas. Em Jarabacoa (São Domingos) anima, nos dias 8-13 de outubro, o retiro espiritual dos diretores da Inspeção das Antilhas sobre o tema do próximo Capítulo Geral. Em West Havestraw (Nova Iorque), nos dias 16-20 de outubro, participa do encontro dos Inspectores da Região Interamericana, com os quais aprofunda a situação da pastoral juvenil salesiana na Região.

Ao mesmo tempo, o P. Raúl Rojas participa (Jarabacoa, 2-6 de outubro) da segunda reunião dos encarregados inspetoriais das Inspeções da Região Interamericana para a marginalização.

Em 20 de outubro, o Conselheiro participa da Assembléia anual do MJS da Espanha e, no dia 27, parte para Manila a fim de

animar o curso de pastoral juvenil para os delegados e equipes inspetoriais das Inspeções do Leste Asiático.

Em 11 de novembro retorna à Itália e, em Turim, acompanha o Reitor-Mor no solene envio dos novos missionários.

Participa, de 20 a 25 de novembro, do encontro da Região África e Madagascar sobre a marginalização, realizado em Nairóbi. Nesse encontro, com outros 45 irmãos e leigos colaboradores de todas as Circunscrições da Região, são estudados os caminhos para responder com mais qualidade educativa e salesiana aos desafios apresentados à missão salesiana pela atual situação de pobreza juvenil na África e Madagascar.

Retorna depois a Roma para a sessão plenária do Conselho.

O Conselheiro para a Família Salesiana e a Comunicação Social

A. Setor FAMÍLIA SALESIANA

O Conselheiro para a Família Salesiana esteve empenhado nos

meses agosto-novembro de 2000 em algumas atividades de caráter geral:

1. *Redação da Carta da Missão da Família Salesiana*

O encontro dos Conselhos Gerais dos Grupos da Família Salesiana, nos dias 1-5 de junho de 2000, concluíra-se com a orientação de terminar a redação da Carta da Missão, em continuidade com as observações expressas pela assembléia. Pedia-se fundamentalmente que se reduzisse o texto, sem perder nada dos conteúdos nele expressos. Além disso, parecera necessário esclarecer melhor algumas expressões e tarefas indicadas no documento.

Chegou-se à nova redação com a colaboração dos membros do Dicastério e a ajuda do grupo de reflexão do mesmo Dicastério.

O Reitor-Mor fez a leitura final e aprovou o texto em 25 de novembro, dia que recorda a morte de Mamãe Margarida.

A Carta foi enviada no dia 8 de dezembro aos Responsáveis dos vários Grupos. O Texto, até o momento, está traduzido em italiano, francês, espanhol, inglês e português.

2. *A participação em alguns Congressos Regionais da Associação dos Cooperadores Salesianos*

Iniciou-se há alguns meses a estação dos Congressos Regionais dos Cooperadores, com dois pontos fundamentais na ordem do dia:

-a eleição do novo Consultor Mundial. Os vários eleitos, com outros cinco nomes, que o Reitor-Mor indicará com o seu Conselho comporão a próxima Consulta Mundial;

-o estudo e aprofundamento dos temas estabelecidos pela Consulta Mundial e indicados no “instrumento de trabalho” preparado pela Associação. Os núcleos de reflexão referem-se à autonomia da Associação com as relativas responsabilidades no plano da vida e da organização dos centros, e a comunhão da Associação com os outros Grupos da Família Salesiana.

3. *Estudo de projetos para a formação dos dirigentes dos Ex-alunos de Dom Bosco*

A Confederação dos Ex-alunos de Dom Bosco toma sempre mais consciência da necessidade

da formação dos associados. Há a preocupação, portanto, de estudar em nível de Junta Confederal, um programa de conteúdos formativos a ser proposto às Federações Nacionais e Inspetorias. O intento é dar um espaço maior ao momento formativo durante os encontros de ex-alunos.

Estudou-se, também, em linha com a exigência expressa, um regulamento para a animação durante os congressos e encontros.

Foram organizados alguns encontros com Presidentes e Delegados de Federação para aprofundar alguns aspectos relativos às problemáticas do território.

De 1º a 5 de dezembro, enfim, o Conselheiro participou do 7º Congresso da Ásia e Austrália, em Bangcoc. A característica do encontro foi a participação de Ex-alunos e Ex-alunas de todos os Grupos da Família Salesiana presentes na Tailândia. Foi uma experiência que merece uma reflexão aprofundada, para evidenciar as atenções necessárias para o bom resultado desses encontros.

4. *A animação de algumas Inspetorias*

O Conselheiro visitou, no

período agosto-novembro de 2000, as seguintes Inspetorias:

-Estados Unidos Oeste

A visita - 30 de setembro a 11 de outubro - permitiu encontrar os diretores das comunidades para dois dias sobre o tema do Capítulo Geral 25. Os Conselhos Inspetoriais SDB e FMA encontraram-se, também para um dia de trabalho, a fim de examinar algumas colaborações concretas e prever atividades a serem compartilhadas. Houve também a possibilidade de encontrar os grupos da Família Salesiana e celebrar o Dia Inspetorial da Família de Dom Bosco.

-Angola

De 1º a 11 de novembro, foram realizadas as seguintes atividades:

- retiro espiritual com a presença de irmãos salesianos e algumas Filhas de Maria Auxiliadora,
- visita às comunidades salesianas e das FMA possíveis de serem alcançadas, considerando o tempo à disposição. A visita serviu para encorajar os Irmãos em seu não fácil trabalho,
- reunião da Família Salesiana com a presença de uma numerosa

representação dos Grupos para uma tarde de reflexão e fraternidade,

- encontros com os jovens em formação.

5. *Participação em reunião regional das VDB em Turim*

Aproveitando a ocasião da promulgação da Carta da Missão da Família Salesiana, a Região de Turim das VDB quis fazer uma reflexão sobre os conteúdos da mesma, durante uma tarde de sábado e a manhã do domingo. O número das participantes causou admiração às Responsáveis. Um encontro profícuo para introduzir na riqueza da Carta da Missão.

B. *Setor COMUNICAÇÃO SOCIAL*

O Dicastério para a Comunicação Social registrou os seguintes eventos no período agosto-novembro:

1. *Reorganização do Dicastério*

Mudaram de atividade, por obediência, o P. Vito Orlando, encarregado para o âmbito da Informação (passou à UPS como

professor) e o P. Sagayaraj Devados, encarregado do âmbito da animação e formação (foi à Comunidade do Gerini com o encargo de animar o grupo dos jovens salesianos estudantes de teologia).

Foram chamados a substituí-los os irmãos P. Renato Butera, da Inspeção de Catânia, e o P. Peter Gonsalves, da Inspeção de Mumbai. O primeiro assumiu o âmbito da informação, e o segundo, o da animação e formação.

2. *Encontros com as redações dos Boletins Salesianos*

Seguindo as indicações da programação do sexênio, após os encontros gerais de renovação e relançamento, iniciaram-se os encontros com as redações dos Boletins Salesianos nas diversas áreas.

Foram realizados três encontros

-em León, Espanha,

com a participação de salesianos e leigos que trabalham nas redações do Boletim Salesiano. A Europa inteira – norte e sul, leste e oeste – foi convocada. Durante uma semana de trabalhos, 24 de agosto – 2 de setembro, foram examinadas algumas questões

concretas de redação: conteúdos, gráfica e fotografia, administração e difusão, etc.

O mesmo esquema foi utilizado nos outros dois encontros.

-em Cebu, nas Filipinas

para onde foram convocadas as redações dos Boletins Salesianos da Ásia, nos dias 16-21 de outubro. Como verificado em León, também em Cebu houve a participação de leigos, que se demonstraram muito interessados no trabalho tão tipicamente salesiano.

-em Guadalajara, México

este encontro foi organizado nos dias 13-18 de novembro para toda a América: Norte, Centro e Sul.

É preciso reconhecer, concluídos os encontros, que o trabalho feito nos anos anteriores começou a dar seus frutos. O trabalho de apoio e estímulo deve ser continuado. Fica para levar a termo a operação África, considerando as edições inglesa e francesa do Boletim Salesiano.

3. Encontro dos delegados inspetoriais da comunicação social

Anunciado há muito tempo e longamente preparado, realizou-se na Pisana "Salesianum", de 11 a 20 de dezembro, o encontro dos delegados inspetoriais de comunicação social. A participação foi muito significativa, considerando o número das presenças e o empenho no estudo, aprofundamento e tradução prática operativa. O título do encontro era: "*Dom Bosco comunicador. Organizar a comunicação social nas Inspetorias Salesianas*".

O intento e o objetivo foram práticos. Primeiro de todos, indicar, de modo mais evidente, a figura e o papel do delegado inspetorial e do seu serviço ao Inspetor e seu Conselho, às comunidades salesianas e aos jovens.

A reflexão considerou três aspectos presentes no Dicastério:

-animação e formação

O diálogo intenso entre os participantes evidenciou elementos novos no trabalho com a comunicação social. Os jovens irmãos, de modo especial, e os irmãos das comunidades foram a primeira referência das reflexões e conclusões.

-informação

No âmbito da informação, apresentaram-se questões muito interessantes:

- como tornar a imagem salesiana e
- a presença educativa e pastoral da comunidade significativas e eficazes, no contexto do território em que somos chamados a trabalhar.

Não faltam recursos e instrumentos. É preciso uma coordenação mais unitária.

-empresas de comunicação social

Admira ver a quantidade de estruturas de comunicação social que a Congregação tem à sua disposição. São o fruto do gênio de alguns irmãos. É importante fazer com que as situações evoluam alinhadas com a presença laical sempre mais maciça, no respeito do espírito e do carisma típico de Dom Bosco.

A visita do Conselheiro à Inspeção de São Francisco e de Luanda ofereceu a oportunidade de verificar o quanto se faz no campo da comunicação e como podem ser orientadas as atividades e iniciativas de comunicação.

O Conselheiro para as Missões

O Conselheiro para as Missões fez seu retiro nos dias 2-8 de agosto e, depois de breve permanência na sede de Roma, foi a Harare (Zimbábue) para uma rápida visita missionária. Constatou o desenvolvimento da presença salesiana e, acompanhado pelo Superior e pelo Ecônomo da Visitadoria de Zâmbia, visitou a Diocese de Hwange. Estudou com o Bispo a proposta de uma segunda presença salesiana no Zimbábue.

De 23 a 28 de agosto esteve no Paraguai para uma visita de animação missionária nas casas de formação e um breve encontro no Chaco Paraguai com o Bispo Dom Ortiz e alguns missionários.

Esteve no Uruguai (28-30 de agosto) e na Bolívia (30-31 de agosto). Fez a animação missionária nas duas Inspetorias, encontrando-se com os irmãos que partiam para as missões e com Voluntários.

Visitou nos dias 1º-7 de setembro as presenças salesianas nos Pampas, Inspetoria de La Plata, acompanhado pelo Inspetor e pelo Vigário Inspetorial. A visita ajudou

a completar a visão daquelas que foram as primeiras missões salesianas, junto com as da Patagônia. Foi uma visita de profunda memória histórica missionária.

Depois de breve pausa em Roma, o P. Odorico foi a Bruxelas (18-19 de setembro) para presidir a reunião das Procuradorias internacionais, para estudar os projetos em preparação e em execução, e os estatutos da *Don Bosco Network*.

De 21 a 24 de setembro visitou a Delegação de Myanmar (Birmânia), onde manteve um encontro com os irmãos e formandos sobre a presença missionária deles e nas missões da Congregação. A Delegação vive um grande momento de desenvolvimento.

Antes de retornar a Roma, fez uma breve visita à Inspeção do Vietnã (26-27 de setembro). Encontrou-se, na sede inspetorial, com o Inspetor e seu Conselho para explicar-lhes o trabalho na Mongólia, que lhes será confiado. Presidiu também uma assembléia de numerosos salesianos, tratando da situação missionária na Congregação. Retornou a Roma, acompanhado de um grupo de jovens salesianos vietnamitas que partiam para as missões.

Em 1º de outubro participou, em Roma, da solene canonização dos Mártires Dom Versiglia P. Caravario. A canonização foi realmente o sigilo da práxis missionária salesiana.

Em seguida, o Conselheiro foi à Irlanda (11-12 de outubro) para uma breve visita aos novos missionários, ocupados no estudo da língua inglesa. Agradeceu ao Inspetor e à Inspeção da Irlanda por esse serviço missionário.

Foi à Sardenha nos dias 14-15 de outubro para vários encontros de animação missionária com grupos de adultos e animadores do Movimento Juvenil Salesiano.

Em 16 de outubro, no Instituto Salesiano de Florença, o P. Odorico encontrou-se com 20 tirocinantes da Inspeção Lígure-Toscana, dos quais 17 são estrangeiros. Compartilhou com eles a experiência de inculturação em contexto italiano e de reciprocidade missionária.

Em fins de outubro (25-29), foi a Cabo Verde e visitou, com o Inspetor, as duas obras salesianas, participando da inauguração das novas estruturas educativas. A Inspeção de Portugal conserva essa presença há muitos anos com resultados pastorais e vocacionais

positivos. Retornando a Portugal manteve dois encontros de animação missionária em Fátima e em Mogofores.

De 5 a 12 de novembro aconteceu – em Roma e em Turim – a reunião dos missionários participantes da *Expedição Missionária Extraordinária*. Foi realmente um acontecimento histórico, não só pelos 125 anos da primeira Expedição (1875), mas, sobretudo pela intensidade espiritual, vocacional e celebrativa experimentada por todos. A celebração de Turim no dia 11 de novembro de 2000, presidida pelo Reitor-Mor, representou o momento culminante do evento.

Depois de alguns dias na sede romana, o P. Odorico partiu para a Eritréia, onde visitou a bela e prometedora presença salesiana de Dekemhare. Infelizmente, a guerra impede a comunicação entre os irmãos da Etiópia e da Eritréia, o que obriga a fazer um novo projeto para o desenvolvimento salesiano na região.

Em 1º de dezembro, o Regional foi a Verona, no Instituto São Zeno, para pregar o retiro mensal aos irmãos da comunidade e aos cooperadores salesianos.

A partir de 5 de dezembro, encontra-se na sede para a sessão invernal do Conselho.

O Ecônomo Geral

O P. Mazzali pregou um curso de Retiro nos dias 30 de julho a 4 de agosto a um grupo de membros da Família Salesiana de Como. Em seguida, ao longo da primeira metade do mês de agosto, ocupou-se das tratativas com a Região Piemonte para a redação de um contrato de aluguel de parte do imóvel da SEI. De 28 de agosto a 4 de setembro animou o acampamento de férias dos garotos e jovens do Oratório Dom Bosco de Sangano (TO).

Após um período de repouso em família, participou com seus colaboradores, de 19 a 21 de setembro, do encontro dos Ecônomos Inspetoriais da Eslováquia, Eslovênia, República Checa, Croácia e Hungria, reunidos na Casa Geral. Animou da mesma forma, em Munique, nos dias 2-4 de outubro, o encontro dos Ecônomos Inspetoriais das Inspetorias da Alemanha e da Áustria.

O Ecônomo Geral animou no dia 7 de outubro o retiro da

comunidade São Domingos Sávio da UPS e, no dia seguinte, o da comunidade dos pós-noviços de São Tarcísio.

Dia 20 de outubro entretinha os irmãos da comunidade de São Zeno, Verona, com o tema da pobreza.

Em novembro, além da administração ordinária, o P. Mazzali pregou um tarde de retiro aos irmãos da comunidade do Borgo Ragazzi Don Bosco (dia 20), representou a Direção Geral no tribunal de Savona e providenciou as trocas necessárias no vértice da SEI, com freqüentes contatos com os colaboradores.

Interesse particular foi dedicada a busca de fontes significativas de financiamento para a Biblioteca Dom Bosco da UPS e individualizar, em colaboração com os responsáveis, as soluções possíveis para a reforma da Aula Magna da mesma Universidade.

O Conselheiro Regional para a África e Madagascar

Durante estes meses, o P. Antonio Rodríguez Tallón fez a *Visita Extraordinária à Inspetoria “São Lucas” da Venezuela e Curaçao*.

Foi no dia 10 de agosto de Madrid a Caracas e, depois de uma reunião com o Conselho Inspetorial, iniciou a Visita a partir do Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho, no estado da Amazonia. Teve a oportunidade de visitar todas as presenças salesianas, menos a do Río Negro. Participou, em Maroa, dos funerais do P. Wieslaw Kaczmarczyk, morto tragicamente no rio. Dedicara 27 anos da sua vida trabalhando incansavelmente naquela região e era muito amado pela população.

Depois da visita à área missionária, o Conselheiro, em 1º de setembro, passou às demais regiões da Inspetoria, continuando seu serviço até 14 de novembro. No decurso do trabalho normal da visita, participou, no dia 28 de outubro, com uma grande representação de Bispos e salesianos da Venezuela, da ordenação episcopal do salesiano Dom Luigi Secco, nomeado Bispo Coadjutor de Willemstad, Curaçao, Antilhas Holandesas. Dedicou, depois, o dia 15 de novembro ao encontro com o Inspetor e seu Conselho, para compartilhar suas primeiras impressões sobre a Visita. Com a mesma finalidade, encontrou-se com os Diretores no dia 16 de novembro.

Concluída a Visita na Venezuela, em 17 de novembro o P. Rodríguez Tallón viaja para Roma onde esteve por poucas horas, antes de prosseguir para Nairóbi no dia 19 de novembro.

Participou na capital do Quênia, nos dias 20-24 de novembro, de um encontro regional sobre os meninos e jovens em dificuldade. O encontro fora organizado pelo Dicastério da Pastoral Juvenil, e dele participaram irmãos de todas as Inspetorias e Circuncrições da África e Madagascar. Os trabalhos foram acompanhados com muito interesse pelos participantes, que tiveram também a oportunidade de conhecer de perto a rede de obras que a Inspetoria da África Leste (AFE) tem em Nairóbi para os meninos e jovens em dificuldade.

Aproveitando a permanência em Nairóbi, o Regional participou da reunião do Conselho Inspetorial de AFE, falando da situação das nossas obras no Sudão, e abençoou, em nome do Reitor-Mor e com o Conselheiro Geral para a Pastoral Juvenil, a nova Casa para os estudantes de teologia, provenientes da África de língua inglesa.

Participou, no dia 25 de novembro, juntamente com muitos participantes do encontro sobre os meninos em dificuldade, de um sugestivo encontro chamado *Streets-2000*. Estavam convocadas para Nairóbi as instituições que se dedicam ao trabalho pelos jovens em dificuldade na cidade, como também para os meninos e jovens que ainda vivem pelas ruas. O encontro foi presidido por um dos Bispos do País, e reuniu um bom número de meninos e jovens. Quis ser uma mensagem de esperança para muitos e um convite endereçado a todos para buscar outros caminhos educativos que têm mais futuro do que o vagar pelas ruas.

No mesmo dia 25, o Regional foi de Nairóbi a Cartum, onde teve a possibilidade de estar com os irmãos e irmãs da capital durante sete dias, visitar as obras da nova presença de El Obeid e constatar a quantidade de realizações eclesiais e salesianas existentes neste País.

Em 3 de dezembro retornou a Roma.

Antes de iniciar – no dia 5 de dezembro – os trabalhos do Conselho Geral, o Regional participou do encontro com os responsáveis

da vida salesiana em Angola e Moçambique, para refletir sobre a colaboração que as circunstâncias atuais permitem e acolhem no campo da formação inicial.

O Conselheiro Regional para a América Latina – Cone Sul

Concluída a sessão plenária do Conselho Geral, o Conselheiro Regional P. Helvécio Baruffi partiu para a Argentina, iniciando em 4 de agosto, a *Visita Extraordinária à Inspeção de São Francisco Xavier de Bahía Blanca*, concluída em 4 de outubro. No dia 27 de agosto, o Visitador participou da peregrinação anual a Chimpay, lugar de nascimento de Zeferino Namuncurá: uma manifestação popular ao redor da figura do jovem Mapuche. Em 1º de outubro, presidiu a inauguração do renovado Museu Regional Missionário de Fortín Mercedes, a memória mais importante da vida salesiana na Patagônia.

Terminada a *Visita Extraordinária*, esteve nos dias 4-9 de outubro na Inspeção de Córdoba para encontrar-se com todos os irmãos em formação – pré-noviços, noviços, pós-noviços, tirocinantes e teólogos – com os

Diretores e o Conselho Inspetorial. Presidiu também a reunião da CISUR (Conferência dos Inspectores do Sul) e JIAR (Junta dos Inspectores da Argentina) nos dias 6-8 de outubro.

Da Argentina foi ao Brasil, onde participou, em Porto Alegre, da abertura da nova casa para meninos de rua e do encontro da juventude salesiana, apresentando uma relação sobre a espiritualidade juvenil salesiana.

De 14 a 18 de outubro, participou na Inspeção de Belo Horizonte, de uma reunião da juventude salesiana e da comemoração centenária do monumento a Maria Auxiliadora na primeira obra salesiana do Brasil, em Niterói. Aproveitou a ocasião para encontrar o Conselho Inspetorial e falar aos diretores reunidos em Barbacena, durante o curso de formação promovido pela CISBRASIL.

Em seguida, de 20 a 29, esteve em Recife para ouvir o Conselho Inspetorial e os Diretores e visitar as casas de formação. Em Salvador, Bahia, presidiu nos dias 26-28 a reunião da CISBRASIL e participou do encerramento das celebrações do centenário do Liceu Salesiano de Salvador.

Na Inspeção de Manaus, de 30 de outubro a 8 de novembro, o Regional reuniu-se com o Conselho Inspeção e com a equipe de formação, e visitou as casas de formação da Inspeção.

Enfim, retornando à Argentina, Buenos Aires, encontrou-se nos dias 9 a 15 de novembro com o Conselho e com os Diretores daquela Inspeção, participando da inauguração do Santuário de Maria Auxiliadora em Río Grande, Terra do Fogo.

Depois de alguns dias em Porto Alegre para consulta médica, retornou à sede de Roma no dia 25 de novembro.

O Conselheiro Regional para a Região Interamérica

Terminada a sessão do Conselho Geral, o Conselheiro para a Região Interamérica, P. Pascual Chávez, foi ao México para uma visita (23-24 de julho) às comunidades dos pós-noviços das duas Inspeções.

Em seguida, foi à Bolívia onde esteve nos dias 25-27 de julho para uma visita de animação à Inspeção (BOL). Encontrou-se em La Paz com o Inspetor, P. Miguel Ángel Herrero e os res-

ponsáveis pela Universidade Salesiana Boliviana, a fim de estudar com eles o que se refere à sede e à expansão da Universidade. Reuniu-se, no dia 27, com todos os salesianos da zona de La Paz, fazendo uma oração especial pela saúde do Reitor-Mor.

Passou os dias 28-31 de julho na Inspeção do Equador (ECU), onde manteve um intenso programa de atividades: encontro com os pré-noviços, reunião com a equipe do Centro Regional Salesiano, visita à Universidade Politécnica Salesiana, reunindo a nova comunidade, visita à nova sede do "Spellman", visita às comunidades de Quito e Guayaquil, visita à nova Inspetora das FMA, encontro com o Inspetor P. Esteban Ortiz e alguns Conselheiros.

O Regional visitou nos dias 1º-4 de agosto a Inspeção de Bogotá (COB), onde se reuniu com o Inspetor P. Camilo Castrellón e com o Ecônomo Inspeção para estudar a situação da *Fundación Educativa Don Bosco*. Teve também um encontro com a equipe inspeção para a Pastoral Juvenil. Encontrou-se com o novo Inspetor de Medellín P. Armando Álvarez. Dedicou um dia inteiro ao Conselho Inspeção e outro

para o diálogo pessoal com os salesianos. Concluiu a sua permanência em Bogotá encontrando-se com representantes dos diversos grupos da Família Salesiana.

Da Colômbia, o Regional foi à Inspeção da América Central (CAM), onde passou os dias 5-8 de agosto. Visitou as comunidades da Guatemala, encontrou-se com o Inspetor José Manuel Guijo e o seu Conselho, fez uma visita para conhecer o esplêndido trabalho nas Missões e, ao retornar à Guatemala, esteve com as comunidades formadoras.

Em 9 de agosto, o Regional foi a Monterrey, México, para a primeira reunião de discernimento com as comunidades do Nordeste em vista da nomeação do novo Inspetor de Guadalajara. Fez o mesmo no dia seguinte em Amatitán com as casas de formação do pós-noviciado e do noviciado. Visitou também os irmãos da comunidade do pós-noviciado hospitalizados devido a um acidente quando iam à Cidade do México.

Após alguns dias de repouso em família, P. Pascual Chávez fez uma visita de animação à Inspeção de México (MEM), nos dias 23-26 de agosto. Em seguida, de

27 a 30 continuou as reuniões de discernimento e consulta para a nomeação do Inspetor de Guadalajara, com as comunidades do Nordeste (Tijuana), de Guadalajara e da região sul. Em León pode ver as obras de reestruturação do Santuário Nacional de Dom Bosco, que compreende também um museu.

Em setembro, o Regional fez a *Visita Extraordinária à Visitadoria do Canadá (CAN)*, onde o novo Superior P. Luc Lantagne iniciara o seu serviço. A visita foi encerrada com a celebração anual da Jornada Inspeção. Antes da Eucaristia, o Visitador leu o relatório final à comunidade inspeção reunida.

Os meses de outubro e novembro foram dedicados à *Visita Extraordinária à Inspeção de São Francisco (SUO)*, concluída na festa de Santo André Apóstolo, Patrono da Inspeção.

De 15 a 21 de outubro, o Regional participou da reunião anual dos Inspetores da Região Interamérica, que se deu em Stony Point, Inspeção de New Rochelle. Também esteve presente nos três primeiros dias o P. Antonio Domenech, Conselho Geral para a Pastoral Juvenil, que apresentou a situação da

pastoral salesiana no conjunto da Congregação e da Região, os elementos fundamentais do manual da Pastoral Juvenil, a animação pastoral da Inspeção. Seguiram-se as apresentações dos temas, trabalhos em grupos de Inspeções (América do Norte, América Central, Caribe, América Andina) e assembleias plenárias. Após um dia dedicado à visita às comunidades salesianas de Nova Iorque, o encontro continuou com a reflexão sobre temas da Região.

Ao final da Visita à Inspeção de São Francisco, o Regional retornou à Casa Geral no dia 4 de dezembro.

O Conselheiro Regional para a Austrália e Ásia

Ao final da sessão de verão do Conselho Geral, o Conselheiro Regional P. Joaquim D'Souza foi à Inspeção de *Guwahati* para retomar a *Visita Extraordinária*, que interrompera nos meses de julho e julho. Antes de aí chegar, deteve-se brevemente em Nova Déli, na casa da Conferência Indiana, chamada de *SPCI House*, para um encontro de programação com os Delegados nacionais que nela residem.

A visita a *Guwahati*, retoma-

da em 5 de agosto, prolongou-se até 5 de setembro, quando o Regional interrompeu-a por uma semana para ir à Inspeção da China iniciando a consulta para o novo Inspetor. De Hong Kong foi a Sendai, no Japão, para participar no dia 9 de setembro da consagração episcopal do novo Bispo salesiano, Dom Francisco Xavier Mizobe.

Retornando novamente em 14 de setembro à Inspeção de *Guwahati*, continuou a *Visita Extraordinária* até 11 de outubro quando fez nova pausa de quatro dias para presidir a reunião da Conferência Indiana em Shillong e o encontro dos agentes pastorais do setor de jovens marginalizados e em perigo, vindos de todas as Inspeções da Índia. Foi criada nesse encontro uma comissão nacional de coordenação e *networking* entre todas as instituições salesianas que trabalham pelos jovens em perigo. O Regional participou, também naqueles dias, da inauguração e da conclusão do VIII acampamento nacional de escoteiros, que contou com a participação de 2000 jovens de ambos os sexos das escolas indianas com seus animadores vindos a Shillong para celebrar o evento

“*Boscoree*” sobre o tema da paz. Esteve presente no início da celebração, entre outras autoridades civis, o Ministro de Estado de Shillong e, no encerramento, o Governador do mesmo Estado.

Continuando a Visita, o Regional visitou todas as casas, cobrindo a extensão total da Inspeção, espalhada nos Estados de Meghalaya, Assam inferior, Tripura e Mizoram – uma distância de 5367 quilômetros de estradas num território quase totalmente montanhoso –, e alcançando um total de 60 casas e presenças. A visita foi concluída em 14 de novembro em Guwahati. Em seguida, P. D’Souza foi ao pós-noviciado de Nashik, Inspeção de Mumbai, para uma semana de ensino e animação.

Retornou a Roma no final de novembro para a sessão de inverno do Conselho Geral.

O Conselheiro Regional para a Região Europa Oeste

Terminada a sessão de verão do Conselho Geral, o P. Filiberto Rodríguez parte para Madri no dia 21 de julho. No dia seguinte, sábado, assiste aos atos comemorativos organizados pelo Colégio Sa-

lesiano de Astudillo por ocasião do seu 75º aniversário. Aí, entre as celebrações programadas, recebe no dia 23 de julho a profissão perpétua de dois irmãos da Inspeção de São Tiago Maior, de León.

Tem um encontro, na manhã do dia 25 com os diretores da Inspeção de León, apresentando o tema da situação da Congregação numa sociedade secularizada e dos desafios apresentados pela evangelização dos jovens aos irmãos e comunidades. Preside, à tarde, a função de mudança de Inspectores. O P. José Antonio San Martín conclui o seu sexênio de animação, e tem início o serviço do P. Angel Fernández Artime. A função é simples, mas significativa. Ao primeiro é expresso o agradecimento pelos seis anos de generoso serviço à Inspeção, ao segundo os votos de sucesso e fecundidade em seu novo trabalho de animação e governo.

Em 26 de julho, acompanhado pelo Inspetor de Madri, encontra-se em La Cabrera (Madri) com os novos Diretores da Inspeção. Os dois dias seguintes são dedicados a algumas visitas, encontrando-se com os irmãos das casas da Conferência Ibérica localizadas em Madri.

Vai, em 3 de agosto a Urnieta, para uma conversação com os irmãos que iniciam o ano de preparação à profissão perpétua e com os sacerdotes e coadjutores jovens de toda a Espanha.

De 5 a 9 de agosto, retornando à Itália, vai ao Colle Don Bosco para participar, com os jovens, do *Fórum* mundial do Movimento Juvenil Salesiano. Preside a Eucaristia do dia 7 de agosto.

Passa alguns dias (10-14 de agosto) em família e vai ao Noviciado de Sanlúcar la Mayor (15-16 de agosto) para receber as primeiras profissões dos 14 noviços da Espanha.

Passa o dia 18 com um grande grupo de salesianos de Salamanca, em La Peña de Francia e La Alberca, localidade montanhosa, que deu muitas vocações à Congregação Salesiana.

Inicia no dia 20 a pregação de um retiro para os párocos das Inspetorias espanholas, em Cercedilla (na serra de Madri).

De 28 de agosto a 3 de setembro acontece em León um encontro de diretores dos Boletins Salesianos da Europa. P. Filiberto participa das reuniões, mas, sobretudo preocupa-se com a sua organização logística.

Em seguida, 6-9 de agosto, visita algumas comunidades da Galícia e, no dia 11, vai a Bruxelas para iniciar a *Visita Extraordinária à Inspetoria da Bélgica Sul*. A visita prolonga-se até 29 de outubro, interrompida apenas para uma rápida viagem a Roma – 29 de setembro – 3 de outubro – para participar da Canonização dos Mártires Salesianos, Luís Versiglia e Calisto Caravario.

Durante a visita à Inspetoria de Bruxelas, além das conversas pessoais com os irmãos, devem-se evidenciar os encontros com os diversos Conselhos das obras, as sessões com o Conselho Inspetorial e a celebração da profissão perpétua de um salesiano coadjutor, que aconteceu em Liege no dia 16 de setembro.

Concluída a visita extraordinária, o Regional vai a Bilbao para apresentar e animar a consulta que se inicia para a nomeação do próximo Inspetor da Inspetoria de São Francisco Xavier. O Regional percorre, numa semana, toda a Inspetoria e fala com as comunidades e irmãos.

O P. Filiberto reside com mais estabilidade, no mês de novembro, na Casa Dom Bosco de Madri, que pertence à Conferência

Ibérica. De ali, nos dias 9-12 de novembro, vai a Paris para participar da reunião anual dos Conselhos Inspetoriais das Inspeitorias SDB e FMA de língua francesa da Bélgica e França.

De 17 a 19 de novembro preside a Conferência Ibérica e participa do encontro de reflexão sobre a Escola Católica, realizado em El Plantío (Madri), que reúne 45 pessoas: salesianos, salesianas, leigos. Está presente a Ir. Georgina McPake. A reflexão é realmente rica. Há uma grande preocupação de viver a identidade da escola salesiana numa sociedade secularizada e como plataforma de evangelização para os jovens marcados atualmente por tantas pobreza, solidão e exploração.

O Regional vai a Lyon, onde passa os dias 23-26 de novembro, para assistir ao congresso sobre pedagogia salesiana, organizado pela Inspeitoria da França. Está presente também a Vigária Geral FMA. Deve-se evidenciar a grande inteligência de algumas intervenções e, em geral, a grande qualidade salesiana e cristã manifestada pelos leigos.

Retornando à Espanha, aproveita os dias 27 de novembro a 2 de dezembro para fazer uma rápida

visita de animação à Inspeitoria de León, acompanhado pelo Vigário Inspeitorial.

Em 4 de dezembro retorna a Roma para a sessão invernal do Conselho Geral, embora vá a Sevilha, nos dias 7-10 de dezembro, para assistir aos atos conclusivos do primeiro Congresso dos Cooperadores da Região Europa Oeste.

O Conselheiro Regional para a Região Europa Norte

Terminada a sessão de verão do Conselho Geral, o Regional partiu para Cogne, com a finalidade de alguns dias de repouso. De aí foi ao Colle Don Bosco para participar do *Fórum* do MJS, nos dias 9-13 de agosto.

Encontra-se em Wroclaw (Polônia), nos dias 14-31 de agosto para um curso de língua polonesa.

Vai a Moscou (16-18 de agosto) para a posse do novo Superior da Circunscrição e receber a primeira profissão dos noviços em Oktiabrskij.

De 1º a 3 de setembro está em Roma e de 4 a 8 participa do retiro no Colle Don Bosco.

Em 9 de setembro, o P. Albert

Van Hecke inicia a *Visita Extraordinária à Inspeção da Áustria*, que se concluirá no dia 21 de outubro.

A visita é interrompida por uma viagem à Benediktbeuern, para participar – dias 14-15 de outubro – da ordenação diaconal de três irmãos e do *Curatorium* da escola superior.

Em seguida, dias 21-23 de outubro – preside em Varsóvia a Consulta das Inspeções Polonesas e do Leste (*CISP*). Entre os vários temas, trata-se de modo particular do Boletim Salesiano, do Centro Juvenil Interinspeção, com sede em Cracóvia, da tradução da *Ratio* em língua polonesa, da Federação das Escolas Salesianas na Polônia, do Centro Missionário Interinspeção com sede em Varsóvia.

Retorna a Roma por dois dias, 24-26 de outubro. Em seguida, de 27 a 29 de outubro, o Regional preside o encontro do grupo de Inspeções *CIMEC* (CEP, CRO, SLK, SLO, UNG), realizado em Marija Bistrica, santuário nacional mariano e centro de peregrinações da Croácia. O encontro tem os seguintes objetivos: refletir sobre a *formação do diretor e a revisão e caminho percorrido desde a Visita de Conjunto*, compartilhar breves

notícias das Inspeções, entre as quais a preparação e realização dos Capítulos Inspeção em vista do CG25.

Após novo retorno a Roma, 30-31 de outubro – o Regional inicia em 4 de novembro a segunda *Visita Extraordinária* do período à *Inspeção da Hungria*.

O Regional está em Turim no dia 11 de novembro, para participar com o Reitor-Mor e outros membros do Conselho Geral da entrega do Crucifixo por ocasião da 125ª Expedição Missionária e da Festa do Reitor-Mor. Retorna, em seguida, para concluir a *Visita Extraordinária* no dia 3 de dezembro.

No mesmo dia retorna a Roma para participar da sessão plenária invernal do Conselho Geral.

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio P. Giovanni Fedrigotti participa, em agosto, de alguns momentos importantes de animação. De 6 a 13 está no Colle para o *Fórum* do MJS, jubilar e mundial. De 22 de agosto a 5 de setembro está no Quênia – a pedido do

Inspetor P. George Chalissery – para pregar o retiro espiritual e visitar as comunidades (compreendida a de Moshi, Tanzânia).

Dia 8 de setembro, em Turim, com o Inspetor P. Luigi Testa, recebe as profissões dos noviços italianos, todos provenientes do noviçado de Pinerolo.

Em 21 de setembro inicia a *Visita Extraordinária à Inspetoria Lígure-Toscana*. Em 26 de setembro, em Roma, participa da reunião do Centro Nacional Escola Católica.

Sábado, 28 de outubro, participa da jornada jubilar da escola católica, em Roma.

Dia 11 de novembro está ao lado do Reitor-Mor para a expedição especial missionária jubilar, que vê também uma extraordinária participação de voluntários – 23! – do VIS e do VIDES.

Ainda em Turim – dias 12-13 de novembro – acontece a reunião da Presidência CISI. O Presidente CNOS apresenta a relação anual da entidade. P. Francisco Cereda, na qualidade de Delegado CISI, atualiza sobre os problemas que se referem à escola e CFP (sobretudo a paridade e reforma dos ciclos) e a nos-

sa relação com a FIDAE. Os Inspetores confrontam-se também sobre os conteúdos e modalidades de aprofundamento do tema capitular sobre as estruturas de governo. Aprova-se em definitivo na mesma ocasião – por proposta do setor economia – o abandono da Seguradora CATTOLICA e o ingresso na ARCA. Fazem-se alguns questionamentos sobre a eventualidade – gerada pela reforma universitária – de tese de primeiro ciclo para os pós-noviços italianos, e dá-se o mandato para aprofundamento posterior a respeito em diálogo com as autoridades competentes.

De 27 a 29 de novembro participa na Pisana, como Presidente do setor PJ da CISI – a três dias de preparação dos congressos de 2001 sobre a renovação do Oratório Salesiano.

Sábado à tarde, em La Spezia Canaletto, conclui a *Visita Extraordinária*, participa do ato de entrega a Maria pelo ano jubilar, juntamente com os membros do Capítulo Inspetorial, reunidos para a primeira sessão, e com uma fervorosa representação de leigos.

5.1 Expedição Missionária (130ª) Extraordinária. Mensagem do Santo Padre

O Reitor-Mor P. Juan E. Vecchi, no dia 11 de novembro de 2000, em Turim-Valdocco, na Basílica de Maria Auxiliadora, repleta dos representantes dos vários grupos da Família Salesiana, entregou o “Mandato Missionário” e o Crucifixo a 113 missionários (86 Salesianos, 4 Filhas de Maria Auxiliadora e 23 Voluntários Leigos). Era a 130ª expedição desde a primeira enviada por Dom Bosco em 1875, dessa mesma Basílica, coração de toda a Obra inspirada e sustentada por Maria. Por ocasião do 125º aniversário da primeira expedição e no decurso do Ano Jubilar, o Reitor-Mor quis que houvesse uma expedição “extraordinária”. E foi extraordinária pelo número dos que partiam, pelas numerosas nações para onde são enviados os missionários (entre as quais as novas fronteiras do Azerbaijão,

Mongólia, Iraque, Kuwait, Ilhas Maurício), pela maciça presença da Família Salesiana ao redor do Reitor-Mor em Valdocco, sinal da adesão à mensagem missionária que o Sucessor de Dom Bosco quis transmitir.

Nessa ocasião, Sua Santidade de João Paulo II quis transmitir, endereçando-a ao Reitor-Mor, uma mensagem especial de adesão e augúrios, que aqui apresentamos.

Ao Reverendíssimo Senhor P. JUAN EDMUNDO VECCHI Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco

1. Em 1875 partiam os primeiros Salesianos para a Argentina. Era, para a vossa Família religiosa, o início de uma prometedora estação missionária que, no decurso do tempo, tornar-se-ia sempre mais florescente. Recordando neste ano o 125º aniversário de tal evento, formulo um cordial augúrio ao Senhor e a todo o

seu Instituto, manifestando o meu apreço agradecido a todos os seus Irmãos pelo apostolado realizado segundo o espírito típico de São João Bosco.

Quem não conhece o espírito acentuadamente missionário do vosso Fundador? Muitos Irmãos, numerosas Filhas de Maria Auxiliadora e muitíssimos leigos seguiram seus passos, realizando a própria vocação missionária no carisma salesiano. Ao longo destes 125 anos, mais de dez mil religiosos foram a terras de missão. Muitos deles receberam, antes de partir, o Crucifixo na Basílica de Maria Auxiliadora em Turim.

Sei que o Senhor, Reverendíssimo Padre, recordando os inícios missionários do Instituto, quis dirigir um renovado apelo missionário à Congregação, e 113 religiosos, religiosas e leigos responderam a ele. Esses generosos apóstolos receberão do Senhor o mandato e o Crucifixo, que os acompanhará em seu ministério apostólico. Eles provêm de todos os continentes, como prova da difusão da obra salesiana em todas as partes do mundo, e são enviados, em nome de Dom Bosco e de Madre Mazzarello, a trabalhar em todas as regiões da terra para

realizar uma intensa atividade de evangelização e educação dos jovens. Nos centros abertos em favor das novas gerações, nas obras profissionais e de encaminhamento ao trabalho, nas escolas, nas paróquias, entre as camadas populares e com os meninos de rua, eles são chamados a formar e preparar à vida social e religiosa quantos a Providência lhes confiar, para que se tornem, por sua vez, anunciadores e testemunhas do Evangelho.

Como não recordar, também, que muitos Salesianos se encontram nos postos avançados da evangelização e oferecem o próprio serviço entre as populações menos afortunadas e necessitadas? Prossegui, queridos Irmãos e Irmãs, nessa tão útil ação apostólica, que os meus venerados Predecessores sempre encorajaram e abençoaram. Prossegui com o mesmo ardor missionário de quem vos precedeu.

2. O primeiro grupo de salesianos enviados em 1875 à América Latina é lembrado pelo vibrante espírito missionário e apresentado ainda hoje como exemplo para quantos da Congregação Salesiana pedem para ir às terras de

missão. O seu testemunho é considerado, de algum modo, o paradigma de todo empreendimento apostólico que se refere à Família Salesiana, saída do oratório de Turim.

É o estilo de São João Bosco, que pedia aos seus missionários que fizessem seu, com paixão, o mesmo Evangelho pregado pelo Salvador e pelos seus Apóstolos. “Este evangelho – dizia ele – deveis ciosamente amar, professar e exclusivamente pregar” (*Memórias Biográficas*, XI, 387).

A entrega do mandato e do Crucifixo, que se realiza na lembrança daquela primeira expedição missionária, insere-se no amplo contexto do Grande Jubileu e entende imprimir um impulso renovado não só às missões da Congregação, mas à mesma vida espiritual da Família Salesiana. Religiosos e religiosas, juntos, unindo os próprios esforços. Unem-se a eles a presença significativa e importante dos leigos. O discernimento e a formação de vocações leigas forma, de fato, uma parte necessária, embora delicada, do ministério missionário dos novos enviados, continuando o que Dom Bosco iniciara.

A presença de bem 23 leigos

e leigas entre os novos missionários, enviados nesta circunstância, ressalta aquilo que os filhos e as filhas de Dom Bosco estão fazendo pela valorização do laicato na Igreja. Trata-se de jovens que perceberam o chamado missionário enquanto se encontravam inseridos na pastoral juvenil da Congregação. Querem, agora, dedicar um período de suas vidas a irmãos e irmãs que habitam em terras distantes, indo como testemunhas de Cristo para realizar a vontade do Pai (cf. Hb 10,7).

3. Agradeço a Deus, de coração, pela animação missionária desenvolvida pelos membros desta Família religiosa no vasto campo da Igreja. Desejo, ao mesmo tempo, que esta feliz ocorrência, enriquecida pelo significativo ato da entrega do mandato missionário e do Crucifixo aos novos operários da messe, seja para a comunidade e para cada um dos salesianos uma ocasião de empenho renovado no testemunho evangélico e no trabalho missionário.

Invoco para tanto a materna assistência de Maria Auxiliadora dos Cristãos e a intercessão de São João Bosco e dos Santos e Beatos salesianos. A proteção divina

acompanhe sempre a vossa Família espiritual e, de modo especial, os missionários e as missionárias, seus pais e familiares.

Com estes sentimentos, concedo de coração ao Senhor, Reverendíssimo Reitor-Mor, aos Irmãos, às Filhas de Maria Auxiliadora e aos leigos que cooperam em todos os setores da vossa atividade salesiana, a Bênção Apostólica, estendendo-a, de boa vontade, a quantos participarão das solenes celebrações jubilares.

Do Vaticano, 9 de novembro de 2000

Joannes Paulus II

5.2 Expedição Missionária (130ª) extraordinária. Mensagem do Reitor-Mor

Apresentamos a mensagem missionária que o Reitor-Mor transmitiu à Família Salesiana, no dia 11 de novembro de 2000, durante a homilia da solene Concelebração Eucarística na Basílica de Maria Auxiliadora, por ocasião da entrega do Crucifixo na 130ª Expedição Missionária Extraordinária.

“Ide ao mundo inteiro e pregai o evangelho” (Mc 16,15-20)

Estamos na Basílica de Maria Auxiliadora. Deste lugar, há cento e vinte e cinco anos, partia a primeira expedição de missionários salesianos.

Por trás de sonhos misteriosos, com a colaboração convicta de seus filhos e com a viva participação dos jovens segundo o estilo oratoriano, Dom Bosco realizava os seus desejos e projetos missionários.

Escutara pessoalmente a voz interior com que o Senhor lhe indicava o mundo como campo de trabalho e transmitira à sua nascente Sociedade o entusiasmo pela difusão do Evangelho.

Impelia-o um olhar de fé sobre a realidade do mundo. Encorajava-o a experiência pessoal da força educadora da palavra e do mistério de Cristo. A promessa de Jesus: “Eu estarei convosco” (cf. Mt 28,20) sustentava-o contra qualquer dificuldade.

Desde então, o perfil missionário permaneceu esculpido no espírito e nas iniciativas da Família Salesiana. Somos todos

missionários, porque todos queremos ir aos jovens e aos lugares aonde não chega o serviço pastoral e educativo normal. “Missionários dos jovens”, definiu-nos o Papa João Paulo II.

O Senhor quis que Dom Bosco, em lugar de ir para terras distantes, fosse missionário dos jovens na previsão de uma fecundidade extraordinária do primeiro passo.

O impulso missionário da nossa caridade pastoral, onde quer que ela se empenhe, tem sua expressão concreta e significativa na sucessão ininterrupta das partidas de irmãos e irmãs, membros da Família Salesiana a terras ainda não evangelizadas ou Igrejas novas, nas quais convém enxertar o carisma salesiano.

Deixando o próprio país, eles levam juntas, a todos os lugares, a luz do Evangelho e a promoção humana, a boa notícia de Jesus e uma maior dignidade para cada pessoa, a sensibilidade juvenil e a capacidade educativa com que Deus enriqueceu a Igreja através da santidade de Dom Bosco.

Daquela primeira expedição missionária, bem treze mil irmãos e irmãs partiram em cento e trinta expedições, todas desta Basílica,

sob o olhar e a proteção de nossa Mãe Auxiliadora da Igreja, inspiradora e modelo da nossa confiança e audácia apostólica.

Neste ano jubilar da Encarnação, no início de um novo milênio grávido de expectativas e desafios, queremos escutar de novo com o coração e a generosidade de Dom Bosco o mesmo apelo e o mesmo mandato do senhor: “*Ide ao mundo todo, pregai o evangelho a toda criatura*” (Mc 16,15).

Queremos que seja nosso, o convite premente à nova evangelização. Tenhamo-lo como tarefa urgente; mas, também, como uma graça singular para nós.

Realiza-se a missão em todo lugar: ela é universal. O seu espírito é vivido em qualquer espaço geográfico, em cada cultura, no coração de todas as situações humanas.

1. “*Toda criatura*”, que o Senhor indica em seu mandato, compreende todos os seres humanos, todas as realidades, todos os fenômenos históricos para os quais o Evangelho deve ser fermento de humanidade, energia de vida, iluminação de sentido, fogo de amor.

2. *O mundo* de hoje, porém, unifica-se pela comunicação. Isso leva não só a descobrir novas fronteiras e aproximar os povos, como também desafia à solidariedade de novas dimensões e evidencia novos valores a viver.

A nós, discípulos de Cristo, indica os vastos espaços nos quais o Evangelho ainda deve ressoar, e revela as novas possibilidades que se abrem no encontro dos cristãos com os crentes de outras religiões, chamadas todas a servir, unidas, a causa do homem.

Novos espaços, novos caminhos, nova energia! Queremos entrar e participar decididamente nesse movimento de Igreja e de humanidade, sinal autêntico dos nossos tempos que iluminou o caminho jubilar através da palavra e dos gestos proféticos do Santo Padre.

3. Hoje, o Espírito tornou visível e eficaz a comunhão da Igreja. *As diversas vocações se completam e enriquecem trabalhando juntas* na missão eclesial; a partilha de recursos e o intercâmbio de dons tornam-se um fato normal na vida das Igrejas. O diálogo ecumênico e a colaboração inter-religiosa caminham a serviço do homem.

São esses os sinais que orientam o nosso caminho com os jovens: a Família Salesiana é convidada em sua totalidade a reavivar, exprimir e comunicar o espírito missionário. O Movimento Juvenil Salesiano é convocado a desenvolver o seu componente missionário e dar origem a um voluntariado aberto à mundialidade, que seja numeroso, espiritualmente consistente, internacional, empenhado.

A palavra do Senhor: *“Quem crer, será salvo”* (cf. *Mc* 1,16), sustente-nos nesse propósito e esforço comuns. Prelibemos a alegria de participar da obra de salvação e da felicidade dos que serão libertados do domínio do demônio, das potências maléficas do mundo, das vontades dominadoras dos homens. Eles ouvirão falar uma língua nova e um anúncio de vida sobre a sua realidade de homens e mulheres, jovens e anciãos. Uma luz brilhará em suas mentes e em suas existências. Saberão que Deus é seu Pai, que para eles oferece o seu Filho. Virá para eles a iluminação da alma e da mente. Os doentes serão curados pela difusão da caridade e, também, pela nova visão

do sofrimento à luz da cruz de Cristo. O mundo será mais humano.

Confirme-nos as experiências dos nossos irmãos e irmãs que trabalharam antes ou estão trabalhando hoje nos vários campos de missão. Eles dão a razão das palavras do Evangelho: “*O Senhor cooperava com eles, confirmando a palavra com prodígios*” (Mc 16,20). Vimos prodígios de transformação de pessoas e comunidades. Lá onde o Evangelho penetra, o homem é salvo, também em sua existência temporal. Os conflitos e sofrimentos atuais evidenciam a mudança substancial que o portador do amor, a testemunha da compaixão do Bom Pastor, produz numa situação de sofrimento e humilhação.

Infunda-nos coragem o pensamento de que somos todos chamados pelo Pai a “participar da mesma herança, formar o mesmo corpo, ser beneficiários da mesma promessa” (Ef 3,6). Estamos empenhados, então, juntamente com o Pai, em fazer da humanidade uma única família que viva no amor e na solidariedade e caminhe em paz para o seu destino de comunhão com Deus. Estamos

seguros, também, de o que Pai, através do seu Espírito, move internamente todo homem para Cristo e qualquer empreendimento humano de boa vontade para a salvação do homem. Muitos, sem sabê-lo, estão esperando a mensagem e a oferta de Cristo. A messe preparada para a colheita é grande, e o seu patrão é o Pai. Não nos assustam nem nos detêm a pobreza de meios nem os nossos limites e a nossa pobreza pessoal. “O meu Pai trabalha continuamente” (Jo 5,17) garante Jesus.

Alegre-nos, também, a consciência da graça recebida: “A nós, que nos podemos considerar os últimos, foi concedida a graça de anunciar as insondáveis riquezas de Cristo e mostrar claramente a todos, a realização do plano de Deus” (cf. Ef 3,8).

A fé é um dom precioso a compartilhar. A dignidade humana que provém do Evangelho é um bem a promover. A visão da existência que brota de Jesus, caminho, verdade e vida, é luz a comunicar. Experimentamo-la no encontro com Dom Bosco, que foi mediador do amor de Cristo. E somos chamados a difundí-la segundo o seu estilo, enraizados numa espiritualidade que nos faz

participantes da solicitude de Jesus “consagrado e enviado ao mundo”.

Convoco toda a Família Salesiana e o Movimento Juvenil Salesiano a viverem com novo espírito, novas iniciativas, novos caminhos de preparação, este momento do mundo e da Igreja: um novo milênio, o Jubileu da Redenção, centésimo vigésimo quinto aniversário da nossa empresa missionária.

5.3 Conclusão mariana do nosso itinerário jubilar. Mensagem do Reitor-Mor

Apresenta-se o texto da homilia feita pelo Reitor-Mor na Concelebração da Solenidade da Imaculada, em 8 de dezembro de 2000, na igreja de São Francisco de Assis de Turim. Na lembrança do encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli, no dia 8 de dezembro de 1841, início da missão juvenil que lhe fora confiada pelo Senhor, com a proteção materna da Virgem Imaculada, e somente da grande Família que se desenvolveria, o Reitor-Mor – na conclusão do itinerário jubilar salesiano – quis, justamente nes-

se lugar tão cheio de memória e profecia, lançar uma especial mensagem mariana à Congregação e a toda a Família Salesiana.

Concluimos hoje o nosso itinerário jubilar. Ele nos fez reviver as dimensões mais importantes da vocação salesiana: a fidelidade dinâmica à consagração, a Reconciliação, a Eucaristia, a missão juvenil, a dimensão missionária.

Estou contente, hoje, de dirigir-me a vós desta Igreja de São Francisco de Assis, onde em 8 de dezembro, sob o olhar de Maria, foi lançada a semente das nossas obras e congregações. A salvação, trazida por Cristo, fez-se tangível no encontro de Dom Bosco com Bartolomeu Garelli.

Maria ficou caracterizada, na tradição espiritual salesiana, com dois títulos: Imaculada e Auxiliadora. Invocamo-la, assim, todos os dias na oração de entrega, que, juntos, hoje queremos renovar, abrindo-nos com confiança à esperança na presença salvífica de Deus no milênio que começa, já marcado por vários fatos da intervenção de Maria. As Constituições dos Salesianos e das FMA fazem, de cada um destes títulos, um comentário substancial, embora breve:

Imaculada, modelo da nossa consagração total ao Senhor e do nosso desejo de santidade; *Auxiliadora*, sinal e inspiradora do nosso empenho pastoral no povo de Deus, particularmente entre os jovens (cf. C SDB 92; C FMA 44).

Os dois títulos não foram escolhidos e aproximados por acaso, por pura simpatia ou devoção. Refletem a história salesiana e sintetizam as características da espiritualidade da nossa Família. É verdade que, acima das diversas representações, olhamos sempre para a pessoa de Maria, Mãe de Jesus, da Igreja, de cada um de nós. Hoje, ao enfrentar com confiança os acontecimentos do terceiro milênio, queremos viver a mesma experiência fundamental do nosso Pai sob o olhar, a inspiração e a proteção da Mãe do Verbo Encarnado.

A Imaculada domina a *experiência oratoriana*. Algumas coincidências providenciais levam Dom Bosco a atribuir-Lhe, depois, uma intercessão particular nos inícios da sua obra: “Todas as nossas grandes iniciativas – dirá – tiveram início no dia da Imaculada” (*MB* XVII, p. 510). O paradigma era o oratório, nascido naquele 8 de dezembro de 1841.

A imagem que representa Maria com a serpente sob os pés recordava-lhe o triunfo da graça sobre as paixões humanas e a vitória da fé sobre a impiedade na história do mundo.

Dom Bosco torna-o presente com muita vivacidade entre os meninos de Turim. Maria Mazzarello, entre as meninas de Mornese. A preocupação dominante era educar os jovens do próprio contexto. Todo esforço era dirigido a dar-lhes dignidade humana e abri-los à fé. O menino ou a menina devia tomar consciência de si e da vida da graça. Tornava-se consciente das possibilidades de vencer o mal. O educador ou educadora tinha preocupações de pai e de mãe. É o momento em que nasce e se plasma o Sistema Preventivo.

Há, no ambiente oratoriano, um fato evidente: Maria é sentida por educadores e jovens como uma presença viva, materna, poderosa.

Essa presença tão sentida deixou marcas na pedagogia do Oratório. A celebração da solenidade da Imaculada, com a relativa preparação espiritual, tornou-se central (cf. *MB* VII, p. 334). E lá onde existam oratórios-centros juvenis

continua a sê-lo ainda em nossos dias.

Nasce, depois, no Oratório, a Companhia da Imaculada, que corresponde ao que hoje chamamos de grupo de jovens animadores. Foi a semente e a experiência da futura Congregação Salesiana. Nove dos dezesseis membros da “Sociedade de São Francisco de Sales”, que se reuniram com Dom Bosco em 18 de dezembro de 1869, eram membros da Companhia da Imaculada (cf. *MB* VI, 632 e 887).

Os temas mais importantes da educação dos jovens amadureceram nessa atmosfera mariana: graça, pureza, familiaridade com o sobrenatural, amor a Jesus; para os salesianos e salesianas, tudo isso ligava-se à exigência de doação generosa a Deus e aos jovens. O fruto desse ambiente é Domingos Sávio.

Desenvolveu-se também um conjunto de intuições sobre o valor pedagógico da devoção a Maria. Devemos contar com a presença materna e invisível de Maria em nosso trabalho. Ela ama a todos, mas especialmente aos jovens, porque os ajuda a crescer, como fez com Jesus. É uma verdade da fé cristã, mas vivida de maneira não comum e transferida à experiência educativa.

A presença materna de Maria, sentida interiormente pelos jovens, infunde neles segurança e esperança para se construírem como pessoas num momento difícil e delicado de suas vidas, caracterizado pela instabilidade, pelo desenvolvimento corporal, pela personalização da fé. Maria Imaculada, como ideal de pureza, exerce uma atração sobre os jovens e dá-lhes o gosto e a vontade de empenhar-se em projetos nobres.

A pedagogia de Dom Bosco tem um certo componente estético. Desde o início ele falou da beleza da virtude, da religião e da fealdade do pecado. “Ao jovem sedento de luz, de inocência, de bondade Dom Bosco apresenta Maria como um ideal de humanidade, não poluída pelo pecado, como a concretização dos seus sonhos mais audazes. Um ideal luminoso, não frio nem abstrato, mas encarnado numa pessoa que o ama intensamente porque é sua mãe” (C. COLLI, *Patto della nostra alleanza con Dio*, p. 438). É o aspecto psicopedagógico.

Além disso, a devoção a Maria ajuda a familiarizar-se com as realidades sobrenaturais e sentir a Deus mais próximo e encarnado.

Ele é pensado em relação com uma mulher apresentada sempre como Mãe e Auxiliadora nossa. É o estímulo espiritual.

A catequese oratoriana tendia, portanto, a levar a perceber e interiorizar essa imagem até fazê-la penetrar na vida dos jovens, como garantia da perseverança futura. Para isso tendiam tríduos, novenas, “fioretti”, adornos, peregrinações, passeios a lugares marianos.

A etapa “oratoriana” de Dom Bosco estende-se até à organização estável de Valdocco. Para Madre Mazzarello durante todo o tempo das Filhas da Imaculada até à fundação do Instituto de vida consagrada.

Cresce, depois, a contemplação da Auxiliadora, com a visão universal da Igreja e a concepção das obras que são também a sua experiência definitiva.

A construção do Templo vai além de um trabalho técnico, ou somente da preocupação de planos e financiamentos. Representa, para Dom Bosco, experiência espiritual e amadurecimento de sua mentalidade pastoral. Dom Bosco está pelos 45-50 anos, os anos da sua maturidade sacerdotal

e da sua projeção social consolidada, com algumas obras já organizadas e outras apenas iniciadas. Ao final da construção alguma coisa transformou-se nele. Quais razões disso?

Em primeiro lugar, porque a realização supera a idéia inicial: de uma igreja concebida para a sua casa, o seu bairro e a sua Congregação, vai-se perfilando a idéia de uma Basílica, meta de peregrinações, centro de culto e ponto de referência para uma família espiritual. A realidade cresceu-lhe entre as mãos.

Os problemas econômicos, em seguida, são resolvidos com graças e milagres que estimularam a generosidade do povo, não calculada. Tudo isso enraizou em Dom Bosco a convicção de que “Maria construía uma casa para si”, “cada tijolo corresponde a uma graça” (cf. *MB IX*, p. 247; *XVIII*, p. 338).

Um sacerdote do tempo, o teólogo Margotti, afirmou: “Dizem que Dom Bosco faz milagres. Eu não creio nisso. Aqui, porém, aconteceu um deles, que não posso negar: este templo suntuoso que custa um milhão, e que foi construído em apenas três anos com as ofertas dos fiéis” (*Processo or-*

dinário, I, p. 511ss; cf. *La Madonna dei tempi difficili*, p. 118).

A construção coincide e é acompanhada com a fundação do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Elas representam o alargamento do carisma ao mundo feminino, com seu conseqüente enriquecimento; assim como outra fundação, a Arquiconfraria de Maria Auxiliadora, com os Cooperadores, é a extensão ao mundo leigo.

A experiência do Oratório dera como resultado positivo a práxis pedagógica; a obra do Santuário fez surgir no trabalho salesiano a visão da Igreja como povo de Deus espalhado sobre toda a terra, em luta contra as potências do mal: uma perspectiva que apresentará de outro modo no sonho das duas colunas (1862), representado hoje numa pintura na parede do fundo do Santuário. Forjou um estilo pastoral, feito de audácia e confiança: começar com pouco, ousar muito quando se trata do bem, ir adiante entregando-se ao Senhor. Esculpiu uma convicção no coração da Congregação: “Propagai a devoção a Maria Auxiliadora e vereis o que são os milagres”... em todos os campos: econômicos, sociais, pastorais, educativos.

Com a fundação do Instituto

das Filhas de Maria Auxiliadora, Dom Bosco e, depois dele, seus sucessores e as superiores, falaram de um “templo vivo e espiritual”, de um “monumento de gratidão” a Maria Auxiliadora. É interessante ver o que entendiam com isso: “É a denominação de uma congregação educativa, catequista e missionária”, disse Madre Angela Vespa (Circular de 24-10-1965; cf. C. COLLI, *o.c.*, p. 455-456), a denominação de um Instituto em que “Maria deve reviver em suas Filhas, a ponto de torná-la presente no mundo todo” (P. Rinaldi: cf. E. CERIA, *Vita del servo di Dio...*, p. 294-295) e que cada uma delas seja uma cópia viva de Maria (Madre Luisa Vaschetti, Circular de 24-4-1942; cf. COLLI, *o.c.*, p. 445).

Também no ramo feminino, portanto, o nome de Maria Auxiliadora sublinha o traço apostólico, a saída da aldeia e o serviço à Igreja e ao mundo.

A fundação das Congregações deixou como resultado em Dom Bosco o sentimento de ser instrumento de um projeto inspirado e realizado com uma mediação particular de Maria: “Nossa Senhora quer que iniciemos uma sociedade... chamar-nos-emos salesianos”, dizia em 26 de janeiro de

1854. Insistia-o com freqüência, como quando em 1885, falando aos Salesianos reunidos no coro da basílica de Maria Auxiliadora, depois de descrever o que era o Oratório quarenta e quatro anos antes e fazer um confronto com o seu estado de então, sublinhou como “todas as bênçãos que nos choveu do céu fossem fruto daquela primeira Ave-Maria dita com fervor e com reta intenção, juntamente com o jovenzinho Bartolomeu Garelli lá na Igreja de São Francisco de Assis” (*MB* XVII, p. 510-511). Ou ainda mais quando, durante a Santa Missa na igreja do Sagrado Coração em Roma, interrompida quinze vezes pelas lágrimas, repensava em sua vicissitude e recordava as palavras do primeiro sonho: “A seu tempo, tudo compreenderás” (*MB* XVII, p. 340).

Madre Mazzarello, por sua vez, repetia freqüentemente que o Instituto não é outra coisa que a família de Nossa Senhora, o “lar” que Ela formou para si; Ela é a superiora, e tem uma vigária, que todos as noites coloca as chaves de casa aos seus pés. Pode-se aceitar, então, este juízo: “Dom Bosco experimentou de modo totalmente singular a intervenção de

Maria na orientação de toda a sua vida e na realização da sua obra. Ao final de sua existência terrena, depois da enésima intervenção da Mãe celeste, Dom Bosco condensa nesta expressão a convicção que amadureceu durante todo o decurso de sua vida: “Até agora, caminhamos no caminho certo. Não podemos errar. É Maria quem nos guia” (cf. C. COLLI, *o.c.*, p. 433-434).

Ícone e texto da nossa espiritualidade

Dessa experiência carismática vem-nos *um texto de vida espiritual e de estilo pastoral* que aparece abundantemente em nossas Constituições.

Relendo na fé a história dos nossos Institutos e da Família Salesiana, vemos que Maria foi a *Inspiradora* do empreendimento e também a *Mãe* da nossa vocação comunitária e a *Mestra* da nossa espiritualidade (cf. C FMA 4; C SDB 1).

A nossa *vocação pessoal* e a nossa *formação* têm nela um modelo, uma guia e uma educadora. “Nela encontramos uma presença viva e o auxílio para orientar, decididamente, a nossa vida para

Cristo e tornar cada vez mais autêntico o nosso relacionamento com Ele” (C FMA 79; cf. C SDB 98).

Reservamos-Lhe, por isso, um lugar privilegiado em nossa *oração*: “Recorremos a ela com simplicidade e confiança, celebrando suas festas litúrgicas e honrando-a com as formas de oração próprias da Igreja e da tradição salesiana” (C FMA 44; cf. C SDB 92).

Isso tudo leva a senti-La *presente na educação dos jovens e na pastoral* junto ao povo. “Nós as ajudaremos a conhecer Maria, Mãe que acolhe e compreende, Auxiliadora que infunde segurança, para que aprendem a amá-la e imitá-la na sua disponibilidade a Deus e aos irmãos” (C FMA 71; cf. C SDB 34).

Essa fisionomia espiritual foi bem representada no quadro do altar-mor da Basílica. Ele comunica claramente a unidade da nossa espiritualidade entre o sentido da iniciativa de Deus e o nosso empreendimento pastoral: nossa vocação vem do Pai, e por causa dele nós nos dedicamos ao trabalho educativo. Comunica imediatamente, também, o sentido eclesial, de serviço: participamos da missão da Igreja e nela trabalhamos, atentos às suas urgências e orientações. Apresenta, igualmente bem, o trabalho missionário de

evangelização. E, ainda, a modalidade da nossa presença educativa: materna, protetora, preventiva.

Quisemos viver um ano jubilar marcado pela interioridade. Hoje, sentindo-nos em comunhão com todos os Salesianos do mundo, encerremo-lo reavivando a fé na presença eficaz do Verbo em nossa história e, particularmente, em favor dos jovens, olhando, portanto, com confiança, o tempo que nos espera, e para Maria como Aquela que, por obra do Espírito Santo, continua a dar Jesus a nós e aos jovens.

Por esse motivo, faremos o ato de entrega confiante com as palavras mais simples e conhecidas: aquelas que já são história. Também nós cremos que tudo será feito por Maria. Renovemos, então, o propósito de viver em comunhão com Ela e difundir a sua devoção entre os jovens e o povo.

5.4 Intervenção do Reitor-Mor no Encontro de História da Obra Salesiana

Apresenta-se a intervenção, de saudação e encorajamento, com que o Reitor-Mor abriu os trabalhos do Terceiro Encontro Internacional de História da Obra Sale-

siana, em 31 de outubro de 2000, na Aula Magna da Casa Geral. O Encontro – promovido pelo Instituto Histórico Salesiano (ISS) em colaboração com a Associação dos Cultores de História Salesiana (ACSSA) –, foi realizado nos dias 31 de outubro – 5 de novembro, sobre o tema: “Significatividade e importância social da Obra Salesiana de 1880 a 1922”.

Excelência, exímios professores, queridos irmãos e irmãs,

É um dever para mim, mais ainda, porém, um prazer apresentar-vos a mais cordial saudação e um sincero agradecimento pela vossa presença neste Terceiro encontro de História da Obra Salesiana, ao qual desejo um êxito feliz.

1. É uma iniciativa, a vossa, enquadrada numa política de Congregação empenhada na valorização da dimensão histórica, louvável por um conjunto de motivos, mas, sobretudo pelo sujeito estudado, de grande interesse para nós: a história dos “Filhos” e das “Filhas” de Dom Bosco, ou seja, do patrimônio histórico e carismático que Dom Bosco (e, com ele, Madre Mazzarello) deixaram aos seus

continuadores. Estes deveriam fazer um bom uso dele, multiplicá-lo, difundi-lo no mundo inteiro, serem seus porta-vozes com a palavra, a ação, o testemunho pessoal. Sendo verdade – como foi dito – que a grandeza de um homem não está antes de tudo no que faz, mas naquilo a que dá origem, então Dom Bosco é realmente figura de primeiro plano no panorama do século XIX não só italiano, mas internacional.

Dom Bosco, hoje, é muito conhecido no mundo, e em todos os níveis: no popular e no acadêmico, no divulgativo e no da alta divulgação. A bibliografia “dombosquiana” é rica, variada e atualizada; há pelo menos uma biografia do santo em quase todas as línguas faladas do mundo; livros, vídeo-cassete e CD ilustram sua vida, personalidade, sistema educativo, santidade. Diversa, entretanto, é a situação da Congregação Salesiana e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. Não faltam, na verdade, vários volumes de *Anais e Cronistória*, mas a história dos dois Institutos fundados por Dom Bosco espera uma atenta apresentação histórica, inspirada em método crítico rigoroso, fundamentada numa

documentação de amplo respiro, obra evidentemente de uma equipe de especialistas. E não se trata apenas de registrar materialmente os acontecimentos, mas recolher os seus critérios, as modalidades de inserção em contextos tão diversos e a contribuição original que deram à educação dos jovens e do povo.

2. O 2º Encontro de História da Obra Salesiana de 1996 e o 3º que hoje se abre, parece-me pôr-se nessa perspectiva: colocar bases, sugerir pistas de trabalho, indicar caminhos possíveis para a história de uma casa, de uma Inspeção, das Inspeções de um País, em vista da história da Família Salesiana, inicialmente em cada País e, depois, num amanhã, no mundo inteiro. É certo que a perspectiva da qual vos colocastes para observar a realidade salesiana é de grande valor: foi grande o impacto social dos Salesianos e das FMA no período que levastes em consideração; deve-se desejar, porém, que seguindo o vosso exemplo, outros especialistas conduzam seus trabalhos a partir de outras perspectivas, diversas, mas convergentes e complementares: penso neste momento numa

leitura da experiência pedagógica salesiana, da experiência espiritual, cultural, para não citar senão as três as maiores, hoje muito limitadas e parciais.

Objetivos não fáceis é certo, nem realizáveis em breves tempos, visto o raio mundial da ação salesiana, mas em todo caso a ser levado seriamente em consideração por dois Institutos como os nossos, que puderam expandir-se rapidamente graças à abundância das vocações de que gozaram no primeiro século de sua existência, até meados do século XX.

3. De minha parte e do Conselho Geral da Congregação, enquanto empenhados no governo e animação dos 17.000 Salesianos espalhados em mais de 130 Países, é sentida intensamente a responsabilidade de receber uma herança pedagógico-espiritual já centenária, herança de um lado a conservar como tesouro precioso de família e, de outro, a atualizar para edificar novamente e com atualidade, com lucidez construtiva e vontade.

Não será, talvez, tarefa também da história indicar criticamente as motivações pelas quais, hoje, as figuras dos Salesianos e das FMA parecem estar em difi-

culdade para recolher aquele interesse nos vários setores da vida social – do mundo da escola ao do trabalho, da educação ao da assistência, da cultura ao da política – tidos pelas primeiras gerações dos Salesianos?

Não será, talvez, tarefa também da história responder racionalmente – com fatos e representações dos fatos – à questão que continuamente se colocam os Salesianos: quem somos? De onde viemos? E, sobretudo: para onde vamos?

4. Quando penso nas realidades salesianas que visitei nos cinco continentes, nestes decênios de serviço nos vértices da Congregação, descubro a exigência de:

- uma experiência prática que una caridade (*Da mihi animas*), carisma e competência educativa;

- um pedido dos Salesianos de poder dispor de tudo isso através de instrumentos que lhes estejam à mão;

- solicitações de autoridades civis e religiosas, que nos interpelem sobre as nossas atuais possibilidades e recursos, e não tanto no aspecto quantitativo.

5. Auguro-vos, pois, que o Encontro contribua para a cons-

trução da memória viva, dispensadora de verdade, que possa ajudar os que se inspiram no carisma de Dom Bosco a serem fiéis a ele, na criatividade e no descortino, a serviço da promoção humana e da evangelização dos jovens e das massas populares, aos quais vai o nosso principal interesse.

Concluo com alguns acenos, que parecem justapostos, mas que na verdade são centrais e iluminadores:

- a salvação como história;
- o Decreto da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja;
- de nossa parte: o cuidado dos Arquivo (coleta, conservação e classificação dos documentos) e o estudo (*nulla die sine linea*).

5.5. Novo Bispo Salesiano

Dom Luis Felipe GALLARDO, Bispo Prelado da Prelazia de Mixes, México

Em 17 de dezembro de 2000, o *L'Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação – pelo Santo Padre – do sacerdote salesiano *Luis Felipe Gallardo*,

atual Inspetor do México, como *Bispo Prelado da Prelazia territorial de MIXES, no México*. Substitui o salesiano Dom Bráulio Sánchez.

Luis Felipe Gallardo, nascido em Irapuato, Estado de Guanajuato (México), em 12 de dezembro de 1941, entrou aos dez anos no colégio salesiano de São Pedro Tlaquepaque e aí fez seus estudos até 1957, quando foi admitido ao noviciado de Coacalco. Emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1958. Depois dos estudos filosóficos (1958-1961) e depois do tirocínio prático, foi enviado a Turim para os estudos de teologia, no Pontifício Ateneu Salesiano, que completou em Roma conseguindo a licença em Teologia e recebendo a ordenação presbiteral em 22 de dezembro de 1967.

Retornando à Inspetoria, foi diretor e mestre dos noviços em Coacalco (1972-1975). Em 1973 foi nomeado Conselheiro Inspetorial e em 1980 foi-lhe confiada a guia da Inspetoria como Inspetor.

Concluído o sexênio, foi nomeado novamente diretor no noviciado de Coacalco (1986-1989), depois em México-Dom Bosco (1989-1990). Em 1990 foi enviado para dirigir a comunidade

formadora dos estudantes de teologia em Tlaquepaque, até 1995, quando foi nomeado diretor de Tehuacán, Pue. Em 1996, depois do capítulo Geral 24, o Reitor-Mor chamou-o novamente para guiar, como Inspetor, a Inspetoria do México-México.

Agora, o Santo Padre confie-lhe o serviço de Pastor na Prelazia de Mixes.

5.6 Nomeações pontificias

1. Ereção da “*missio sui iuris*” de Baku, Azerbaijão, e nomeação do Superior

Em 10 de novembro de 2000, o Santo Padre João Paulo II erigiu a nova “*missio sui iuris*” de BAKU, na República do AZERBAIJÃO, desmembrando o seu território da Administração Apostólica do Cáucaso dos Latinos, e confiou o seu cuidado pastoral à Sociedade de São Francisco de Sales (Sociedade Salesiana de São João Bosco).

Na mesma data, nomeou o sacerdote salesiano *Jozef Daniel PRAVDA* como primeiro Superior eclesiástico da missão.

Josef Daniel Pravda nasceu em Blatné (Eslováquia) em 6 de

julho de 1950, e é salesiano desde 15 de agosto de 1969, quando emitiu a primeira profissão religiosa. Professo perpétuo em 15 de agosto de 1978, foi ordenado presbítero em Bratislava no dia 4 de junho de 1977.

Licenciado em Teologia, desenvolveu o ministério pastoral na Bélgica e, em seguida, na República Democrática do Congo (1988-1991). Retornando à Eslováquia, esteve um ano (1991-1992) na casa inspetorial de Bratislava, sendo enviado em seguida para iniciar a presença salesiana na Sibéria, primeiramente em Aldan, e depois em Yakutsk. Tinha retornado recentemente à Eslováquia quando lhe chegou a nomeação pontifícia.

2. *Ereção da nova Prefeitura Apostólica de Gambela na Etiópia e nomeação do Prefeito Apostólico.*

O *L'Osservatore Romano* de 26 de novembro de 2000 publicava a notícia da ereção canônica da nova Prefeitura Apostólica com sede em Gambela, Etiópia – cujo território foi desmembrado da já existente Prefeitura de Jimma-Bonga – que foi confiada à nossa

Sociedade. Ao mesmo tempo, era publicada a nomeação – pelo Santo Padre – do primeiro Prefeito Apostólico na pessoa do sacerdote *Angelo MORESCHI*.

Em carta oficial enviada ao Reitor-Mor, o Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos exprimia a gratidão da Santa Sé ao Superior dos Salesianos e à Congregação “pela generosa colaboração prestada pela Sociedade Salesiana de São João Bosco à primeira evangelização *ad gentes*”.

P. Angelo Moreschi, primeiro Prefeito Apostólico, nasceu em Nave (Brescia) no dia 13 de junho de 1952 e é salesiano desde 1º de setembro de 1974 quando fez a primeira profissão, na Inspetoria Lombardo-Emiliana. Perpétuo em 15 de agosto de 1980, fez os estudos teológicos em Cremisan, Palestina. Foi ordenado presbítero em Brescia no dia 2 de outubro de 1982. No mesmo ano, aderindo ao “Projeto África”, partiu para a Etiópia, onde trabalhou vários anos na presença de Dilla – então animada pela Inspetoria Lombardo-Emiliana – onde foi diretor e pároco (a partir de 1991). Passando à Visitadoria da Etiópia-Eritreia, desde 1998,

era membro do Conselho Inspeccional. Agora lhe é confiada a nova responsabilidade eclesial.

3. Dom Vincenzo Savio, Bispo de Belluno-Feltre

O *L'Osservatore Romano* de 9-10 de dezembro de 2000 noticiou que o Santo Padre promoveu o nosso irmão Bispo Dom Vincenzo SAVIO à sede residencial de *BELLUNO-FELTRE*, na Região do Vêneto. Dom Sávio era, desde 1993, Bispo Auxiliar de Livorno (crf. ACG 345, p. 84).

5.7 Nomeação do Diretor do Arquivo Salesiano Central

Apresenta-se o decreto com o qual o Reitor-Mor nomeou o P. Francisco Castellanos novo Diretor do Arquivo Salesiano Central. Substitui o P. Myeczyslaw Kaczmerzyk, que retornou à sua Inspeccoria de Cracóvia, Polônia.

O REITOR-MOR DA
SOCIEDADE DE SÃO
FRANCISCO DE SALES

- visto o Regulamento do Arquivo Salesiano Central, pro-

mulgado em 24 de maio de 1985 (ACG 314, pp. 50ss.);

- ouvido o Conselho Geral e o Secretário Geral, de acordo com o mesmo Regulamento (art. 6 §1);

nomeia

o P. Francisco CASTELLANOS
Diretor do Arquivo Salesiano
Central

com todas as atribuições e tarefas indicadas pelo acima nomeado Regulamento do Arquivo (cf. art. 6-7).

Deseja ao novo Diretor um profícuo trabalho a serviço da Sociedade Salesiana, com a bênção do Senhor.

Roma, 20 de dezembro de 2000.

P. Juan E. VECCHI
Reitor-Mor

P. Francesco MARACCANI
Secretário Geral

5.8 Irmãos falecidos (2000 – 4º elenco)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const. 94*).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
L ALVES Arsénio Augusto	Manique (Estoril)	16-10-2000	76	POR
P AROKIASAMY Lourdunathan	Madras	09-07-2000	63	INM
E ARROYO Luis Teodoro	Quito	13-10-2000	71	—
<i>Eleito Bispo em 1981, foi por 12 anos Vigário Apostólico de Méndez</i>				
P ASTORGA José Humberto	San Isidro (Bs. As.)	29-10-2000	76	ABA
P AUDISIO Carlo	Turim	09-11-2000	82	ICP
L BAZZAN Marino	Biella	29-10-2000	85	ICP
P BINGÉ Theofiel	Hoboken	22-10-2000	80	BEN
P BOSIO Augusto	Moncalieri (TO)	24-10-2000	82	SUE
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P BRANDIS Hans-Bernd	Bad Wörishofen (Baviera)	17-12-2000	83	GEM
P BRUNELLI Ezio	Varazze (SV)	11-12-2000	78	ILT
P CARRILLO QUERO Francisco	Córdoba	12-10-2000	66	SCO
P CIPOLLETTA Giovanni	Castellammare di Stabia	08-11-2000	85	IME
P DENTZER Joseph	Mulhouse	05-10-2000	79	FRA
L DEZANI Pietro Angelo	Hobart (Austrália)	09-11-2000	75	AUL
P DI GUARDO Domenico	Bronx, Nova Iorque City	04-12-2000	91	SUE
P DRAGO Carlo	Castello di Godego (TV)	04-12-2000	97	IVE
L GARNERO Walter	Colle Don Bosco	14-10-2000	73	ICP
L GONZÁLEZ CORTES Abel	Santafé de Bogotá	10-12-2000	81	COB
P GONZALEZ RUBIO Germán	Úbeda (Jaén)	12-11-2000	67	SCO
P GRÓF Ivan	Bratislava	20-12-2000	65	SLK
L GUERRINI Angelo	Roma	11-12-2000	86	IRO
L HERRMANN Théodore-Joseph	Toulon	15-11-2000	102	FRA
P INNOCENTI Leonardo	Varazze (SV)	29-12-2000	70	ILT
P JANSSENS Gustaaf	Johanesburgo (África do Sul)	01-11-2000	77	AFC
P KOCÍK Jozef	Presov (Eslováquia)	09-10-2000	75	SLK
P KRÓL Józef	Lódz	28-12-2000	84	PLE
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
L KRUTÍLEK Antonín	Praga	26-10-2000	80	CEP
P LAWS Patrick Joseph	Melbourne	06-12-2000	66	AUL
P LIBANI Riccardo	Novara	28-09-2000	75	ILE

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P LJUBIC Augustin	Zagreb	16-11-2000	60	CRO
P LOBAZA Stanislaw	São Paulo	25-11-2000	83	BSP
P LOCATELLI Giovanni	Ferrara	10-11-2000	87	ILE
L LUNARDI Giovanni	Cuenca	23-10-2000	73	ECU
P MARTIGNON Luigi	Vico Equense (NA)	18-12-2000	82	IME
P MLINARIC Maksimiljan	Trstenik	10-09-2000	85	SLO
L MONTANI Brenno	Roma	06-12-2000	84	IRO
P MORO SANDOVAL Casto	Madri	11-11-2000	75	SMA
P MOURLOT ECHAVARRIA Mauro	Jarabacoa (Rep. Domin.)	14-10-2000	83	ANT
P MURPHY Edward	Sydney	20-12-2000	59	AUL
P MUTH Quirinus	Nijmegen	12-11-2000	94	OLA
<i>Foi Inspetor por quatro anos</i>				
P OBBERMITO Michele	Turim	07-11-2000	91	ICP
P PACE Giuseppe	Turim	01-11-2000	88	ICP
P PACHECO José María	Palmares (Costa Rica)	16-10-2000	75	CAM
P PENNA Giuseppe	Turim	24-12-2000	85	ICP
P PIANAZZI Archimede	Roma	10-12-2000	94	UPS
<i>Foi Inspetor por 8 anos; por 6 anos Conselheiro Escolar Geral e por 6 Conselheiro para a Formação</i>				
P PLATANIA Antonio	Pedara (CT)	20-12-2000	92	ISI
P PRATESI Giorgio	Locri (RC)	27-11-2000	80	IME
P PRIGENT Antoine	Guingamp	15-10-2000	93	FRA
P RAMÓN GIL Manuel	Barcelona	30-08-2000	79	SBA
P REMERY Henry	Toulon	24-10-2000	90	FRA
L SCHOBER Thomas	Schwandorf (Baviera)	26-12-2000	88	GEM
P SCHOUTENS Johannes	Lima	17-10-2000	88	PER
L SCIPIONI Virgilio	Bahía Blanca	18-10-2000	80	ABB
L SOLDAINI Roberto José	Buenos Aires	24-11-2000	42	ABA
P SUAREZ GOMEZ Jesús	Coro	17-10-2000	74	VEN
L TRONCOSO Germán	Neuquén	26-10-2000	37	ABB
L URBANCZYK Alojzy	Oswiecim	29-10-2000	96	PLS
P USSEGLIO Giuseppe	Turim	06-12-2000	84	ICP
P VELLUTI Silvio	Varazze (SV)	05-11-2000	75	ILT
P VERDERIO Vittorio	Arese (MI)	16-12-2000	84	ILE
L VERSTRINGE Omer	Wilrijk (Blegio)	12-09-2000	83	BEN
P WRZOSEK Tadeusz	Varsóvia	09-12-2000	65	PLE
L ZANELLA José Antonio	Panzacola	13-04-2000	84	MEM
P ZOLA Fiorenzo	Coimbatore	17-10-2000	80	INK